

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**MARCIANO KAPPAUN**

**A PRÁXIS SOCIAL DA IGREJA:**

**ANÁLISE DAS PRÁTICAS SOCIAIS DA IGREJA BATISTA**

**INDEPENDENTE NO CONTEXTO BRASILEIRO**

**SÃO BERNARDO DO CAMPO**

**2007**

**MARCIANO KAPPAUN**

**A PRÁXIS SOCIAL DA IGREJA:  
ANÁLISE DAS PRÁTICAS SOCIAIS DA IGREJA BATISTA  
INDEPENDENTE NO CONTEXTO BRASILEIRO**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo, em cumprimento parcial às exigências para obtenção do grau de Mestre.

Orientador:  
**Prof. Dr. Geoval Jacinto da Silva**

**SÃO BERNARDO DO CAMPO**

**2007**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Kappaun, Marciano

A práxis social da Igreja : análise das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro. São Bernardo do Campo, 2007.

190 p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

Orientação de : Geoval Jacinto da Silva

1. Práxis (Teologia) 2. Terceiro setor 3. Igreja problemas sociais 4. Fé (Teologia cristã) 5. Cidadania 6. Igreja Batista I. Título.

**CDD 286.181**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Geoval Jacinto da Silva – Presidente**

---

**Prof. Dr. Clovis Pinto de Castro**

---

**Prof. Dr. Almiro Schulz**

## AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Pesquisa Científica – CNPq, pela concessão da bolsa de estudos, sem a qual não seria possível realizar esta pesquisa.

Ao Instituto Ecumênico de Pós-Graduação – IEPG, pela concessão de bolsa de estudos e de recursos para participar de eventos acadêmicos.

Ao professor Prof. Dr. Clovis Pinto de Castro, que me apoiou nesta caminhada e contribuiu com sua fé cidadã para a pesquisa e a minha formação.

À Universidade Metodista de São Paulo, casa que me acolheu de braços abertos, proporcionando condições favoráveis de aprendizado.

Ao corpo docente, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, pelo convívio estimulante e pela contribuição na minha formação acadêmica.

Meu reconhecimento especial ao Prof. Dr. Geoval Jacinto da Silva, pela dedicação paciente na orientação desta pesquisa, pela amizade e apoio constante.

A Léia Alves de Souza, amiga e cooperadora fundamental desde o início da minha caminhada no Programa de Pós-Graduação.

A FEPAS e CIBI, pela abertura dos seus arquivos para a realização desta pesquisa e por todo apoio de sua equipe de colaboradores.

A minha família, irmãos, cunhada, sobrinhos, em especial aos meus pais Luiz Carlos e Clair Maria Kappaun, pelo apoio e solidariedade constante.

Agradeço especialmente a minha esposa Renata Gontijo Kappaun, pela cumplicidade vivida no cotidiano da vida conjugal.

## DEDICATÓRIA

Aos cidadãos comuns,  
que se inscrevem na trajetória das lutas por um mundo melhor,  
sujeitos históricos das sociedades do passado e do presente, que contribuem  
para a construção de uma sociedade mais solidária e justa, onde caibam todos.

KAPPAUN, Marciano. *A práxis social da Igreja: análise das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007, 190 p.

## **SINOPSE**

No mundo globalizado vivenciamos o agravamento das questões sociais relacionadas às concepções do mercado neoliberal, do Estado mínimo, da privatização dos serviços públicos e, as organizações não-governamentais e o advento do chamado Terceiro Setor. Esta pesquisa contempla uma análise do fenômeno religioso, referente à inserção pública da Igreja por meio das práticas sociais institucionalizadas vinculadas as suas organizações neste contexto social, na perspectiva de enfrentamento dos problemas sociais. No desenvolvimento da pesquisa utilizamos o método histórico para descrever e analisar a inserção pública da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro, a partir do estudo de documentos relacionados às primeiras iniciativas e o desenvolvimento das práticas sociais desta Igreja no contexto brasileiro. Com a descrição analítica deste fenômeno verifica-se a incidência de práticas de transformação social, caracterizando-se como práxis social e, ainda, elementos que contribuem para o exercício da cidadania estão no bojo das práticas sociais da Igreja. A pesquisa apresenta a análise das práticas sociais da Igreja, na perspectiva da interdisciplinaridade, apontando elementos que influenciaram as transformações sociais nos últimos anos e relaciona a contribuição da práxis social para o exercício da fé cidadã.

**PALAVRAS CHAVE:** práxis social, Igreja, instituições, fé cidadã, transformação social.

KAPPAUN, Marciano. *The social praxis of the church: an analysis of the social practices of the Independent Baptist Church in the Brazilian context*. Masters Dissertation, Graduate School of Religion, the Methodist University of São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007, 190 p.

## **ABSTRACT**

In a globalized world we have experienced the increasing complexity of social questions related to concepts of market, the minimum impact of the State, the advent of the so-called Third Sector, and the privatization of public services in light of non-governmental organizations. This research contemplates an analysis of the religious phenomenon related to this process, and seeks to understand the public insertion of the Church in terms of its institutional social practices via its relevant social organizations, specifically in terms of dealing with social problems. The research uses historical method in order to describe and analyze the public insertion of the Independent Baptist Church in the Brazilian context, based on the study of documents related to the first initiatives and the development of the social practices of the Church. By means of the descriptive analysis of this phenomenon we can verify the incidence of practices of social transformation, characterized by social praxis, and elements that reinforce the exercise of citizenship in the midst of the social practices of the Church, which are analyzed via the perspective of a social faith. The research presents an analysis of the social practices of the Church in dialogue with the elements that influence social transformations in recent years, and relates the contribution of social praxis to the exercise of a social faith.

**KEY-WORDS:** social praxis, Church, institutions, social faith, social transformation.

## ABREVIATURAS

APB – Apadrinhamento Brasileiro

APS – Apadrinhamento Sueco

CIEBIB – Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil

CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente

CIBI – Convenção das Igrejas Batistas Independentes

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FEPAS – Federação das Entidades e Projetos Assistenciais

ONGs – Organizações Não-Governamentais

OSIPS – Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público

SGDCA – Sistema de Garantias dos Direitos da Criança e do Adolescente

LT – Luz nas Trevas

SUS – Sistema Único de Saúde

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

## SUMÁRIO

### ABREVIATURAS

|                 |    |
|-----------------|----|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
|-----------------|----|

### CAPÍTULO 1

#### EPISTEMOLOGIA DAS PRÁTICAS SOCIAIS DA IGREJA A PARTIR

|  |    |
|--|----|
| DE UMA CONCEPÇÃO INTERDISCIPLINAR..... | 20 |
|--|----|

|   |    |
|---|----|
| 1.1. A HISTORIOGRAFIA DAS PRÁTICAS SOCIAIS: A OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE MICHEL DE CERTEAU ..... | 23 |
|---|----|

|   |    |
|---|----|
| 1.2. EPISTEMOLOGIA DA PRÁXIS SOCIAL ..... | 27 |
|---|----|

|   |    |
|---|----|
| 1.2.1. O conceito de prática no cotidiano ..... | 27 |
|---|----|

|  |    |
|--|----|
| 1.2.2. A prática como fundamento formativo da práxis ..... | 29 |
|--|----|

|   |    |
|---|----|
| 1.2.3. A práxis social como atividade humana de transformação ..... | 32 |
|---|----|

|   |    |
|---|----|
| 1.3. EPISTEMOLOGIA DA PRÁXIS CRISTÃ ..... | 36 |
|---|----|

|   |    |
|---|----|
| 1.3.1. A práxis cristã no cotidiano ..... | 37 |
|---|----|

|   |    |
|---|----|
| 1.3.2. Missão profética do anúncio e denúncia – <i>martyria</i> ..... | 42 |
|---|----|

|  |    |
|--|----|
| 1.3.3. A fraternidade solidária cristã – <i>koinonia</i> ..... | 45 |
|--|----|

|  |    |
|--|----|
| 1.3.4. A celebração da vida no cotidiano – <i>liturgia</i> ..... | 47 |
|--|----|

|  |    |
|--|----|
| 1.3.5. Compromisso da práxis libertadora – <i>diakonia</i> ..... | 49 |
|--|----|

|  |    |
|--|----|
| 1.4. PRÁXIS CRISTÃ E O EXERCÍCIO DA FÉ CIDADÃ: ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DA PASTORAL DA CIDADANIA ..... | 51 |
|--|----|

|  |    |
|--|----|
| 1.4.1. A esfera da ação humana no cotidiano..... | 54 |
|--|----|

|   |    |
|---|----|
| 1.4.2. A formação do cidadão crítico e sujeito histórico..... | 56 |
|---|----|

|  |    |
|--|----|
| 1.4.3. A construção coletiva do poder local..... | 57 |
|--|----|

|   |    |
|---|----|
| 1.4.4. O paradigma missionário do <i>shalom</i> ..... | 58 |
|---|----|

|   |    |
|---|----|
| 1.5. DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR NA DEFINIÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO PARA ANÁLISE DAS PRÁTICAS SOCIAIS DA IGREJA: POSSIBILIDADES E LIMITES ... | 61 |
|---|----|

|   |    |
|---|----|
| 1.6. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DESTE CAPÍTULO..... | 64 |
|---|----|

### CAPÍTULO 2

|   |    |
|---|----|
| A IMPLANTAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA MISSÃO BATISTA SUECA NO BRASIL A PARTIR DO RIO GRANDE DO SUL ..... | 65 |
|---|----|

|  |    |
|--|----|
| 2.1. A MISSÃO BATISTA SUECA E A RELAÇÃO COM O MOVIMENTO MISSIONÁRIO PROTESTANTE LATINO-AMERICANO ..... | 67 |
|--|----|

|  |  |
|--|--|
| 2.2. OS SUECOS A CAMINHO DO BRASIL: RETROSPECTO DA IMIGRAÇÃO |  |
|--|--|

|  |     |
|--|-----|
| SUECA ENTRE 1819 E 1970 .....  | 71  |
| 2.3. PRIMÓRDIOS DA ATIVIDADE MISSIONÁRIA BATISTA SUECA NA VILA GUARANY .....                   | 79  |
| 2.4. A IMPLANTAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ESCOLAR SUECA E A IDENTIFICAÇÃO COM AS QUESTÕES SOCIAIS ..... | 87  |
| 2.5. A ORGANIZAÇÃO E EXPANSÃO DA IGREJA BATISTA INDEPENDENTE NO BRASIL .....                   | 99  |
| 2.6. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DESTE CAPÍTULO .....   | 104 |

### **CAPÍTULO 3**

#### **ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS SOCIAIS DA IGREJA BATISTA INDEPENDENTE NO CONTEXTO BRASILEIRO .....**

|  |     |
|--|-----|
| 3.1. O CONTEXTO DAS RELAÇÕES SOCIAIS NO MUNDO GLOBALIZADO .....  | 108 |
| 3.2. PRIMEIRAS INICIATIVAS DE INSERÇÃO PÚBLICA DA IGREJA: AS PRÁTICAS SOCIAIS DOS MISSIONÁRIOS SUECOS E LIDERANÇAS BRASILEIRAS LOCAIS .....                        | 118 |
| 3.3. AMPLIAÇÃO NACIONAL DA INSERÇÃO PÚBLICA DA IGREJA: AS PRÁTICAS SOCIAIS A PARTIR DA CRIAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE AÇÃO SOCIAL .....                                | 132 |
| 3.4. NOVA ABORDAGEM METODOLÓGICA DE INSERÇÃO PÚBLICA DA IGREJA: AS PRÁTICAS SOCIAIS A PARTIR DA FUNDAÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS ENTIDADES E PROJETOS ASSISTENCIAIS ..... | 138 |
| 3.5. A PRÁXIS SOCIAL DA IGREJA E O EXERCÍCIO DA FÉ CIDADÃ NA CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO ONDE CAIBAM TODOS: A DINÂMICA ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO ..                   | 153 |
| 3.5.1. Práxis Educacional para a formação do sujeito cidadão .....   | 155 |
| 3.5.2. Desenvolvimento sustentável e o poder local como alternativas democráticas para o desenvolvimento humano .....  | 160 |
| 3.5.3. A práxis social na formação das redes de cooperação: compartilhar experiências com as novas gerações .....  | 163 |
| 3.6. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DESTE CAPÍTULO .....   | 167 |

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS .....**

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....**

#### **ANEXOS .....**

188

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa realiza a descrição e análise das práticas sociais da Igreja Batista Independente, que foi implantada no Brasil no ano de 1912, por meio das atividades missionárias da Missão Batista Sueca, no interior do Rio Grande do Sul. Sua preocupação está voltada para as questões sociais no contexto brasileiro, considerando o processo da globalização,<sup>1</sup> a forma predatória do emprego do capital no sistema de produção de riquezas, que não permite a participação da maior parcela da população nos resultados do progresso econômico mundial. Diante disso, essa parcela majoritária da população sofre com a má distribuição de renda e não possui acesso aos bens e mercadorias básicas, indispensáveis para a subsistência humana.

Em conseqüência desse processo globalizante e excludente, as crianças, adolescentes, jovens e idosos – que representam a maior parcela da população brasileira, e também a mais afetada neste processo – é impossibilitada de ter o acesso às condições mínimas de dignidade, engrossando diariamente o crescimento daquilo que Assmann denomina como “massa sobranante”.<sup>2</sup>

Para o mercado, essa massa sobranante, ao contrário do escravo, não possui valor econômico em si mesma; por esta razão, é apenas uma multidão de “seres

---

<sup>1</sup> Sobre a relação entre o fenômeno da globalização e a missão da Igreja ver: SILVA, G. J.. O Processo de globalização e a missão – Implicações bíblico-teológicas e pastorais. In: *Culturas e Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 1999; a respeito deste fenômeno com cultura, pós-modernidade e identidade ver: FEA THERSTONE, M. *O Desmanche da Cultura*. Globalização, Pós-Modernismo e Identidade. São Paulo: Studio Nobel, 1997 e; ainda, sobre a relação com a política e cidadania ver: GÓMEZ, José Maria. *Política e democracia em tempos de globalização*. Petrópolis/Buenos Aires/Rio de Janeiro: Vozes/CLASCO/Laboratório de Políticas Públicas, 2000; VIEIRA, Liszt. *Cidadania e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

<sup>2</sup> ASSMANN, Hugo. *Crítica à Lógica da Exclusão: ensaios sobre a economia e teologia*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 5.

humanos descartáveis”.<sup>3</sup> Para Konder, esta desvalorização do ser humano relaciona-se com “a distorção ideológica mais eficientemente perversa do modo de produção capitalista é alcançado através da redução da força humana de trabalho a mercadoria”<sup>4</sup>, onde somente aqueles que estão inseridos no mercado de trabalho é que possuem um determinado valor, porém, apenas como mercadoria. Esta valorização do ser humano como mercadoria demonstra a insensibilidade do mercado diante das vidas humanas.

Trata-se de uma lógica em que o mercado é absolutizado, por meio da qual, rapidamente, a opressão e a exploração, referem-se apenas à marginalização dos indivíduos em relação ao mercado. Para Giulio Girardi, esta interpretação conquistadora e dominadora do mercado, pressupõe o direito da conquista e da colonização, negando o direito dos povos, que são classificados como: primitivos, selvagens e inferiores. Segundo ele, esta visão precisa e deve ser contraposta pelo direito da autodeterminação solidária, e re-fundar a esperança dos povos na construção de um mundo diferente.<sup>5</sup>

No Brasil, a complexidade da exclusão social tem sido expressa no aumento da pobreza, do desemprego, da violência e das desigualdades sociais. Em estudo recente, Pochmann apresenta um quadro da realidade brasileira, comparando os dados atuais com os dos últimos 40 anos, para definir o nível de exclusão social.<sup>6</sup> Os

---

<sup>3</sup> De acordo com Assmann, existem cerca de 196 milhões de latino-americanos que vivem na pobreza e correspondem a 45% da população global, a metade da qual “vegeta em situação de indigência e miséria extremas”, sub-nutridos, empobrecidos e miseráveis. Op. Cit., ASSMANN, Hugo, pp. 5-6.

<sup>4</sup> KONDER, Leandro. *O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 10.

<sup>5</sup> GIRARDI, Giulio. Desenvolvimento Local Sustentável, Poder Local Alternativo e Refundação da Esperança. In: PIXLEY, Jorge (Coord.). *Por um mundo diferente: alternativas para o mercado global*. São Paulo: Vozes, 2005, p. 101.

<sup>6</sup> Esses parâmetros foram analisados para medir o nível de exclusão social no Brasil, foram baseados nos índices do IBGE e do SUS (para taxas de homicídios), cf. POCHMANN, Marcio, AMORIM,

resultados apontam para o aumento da exclusão social no Brasil. Na década de 60, era de 49,3% proporcional a uma população de 69,7 milhões de habitantes, mas apesar da redução do índice, o quadro brasileiro não é apenas preocupante, como também é um dos quadros mais sérios em relação à distribuição de renda no mundo, que no ano de 2000 era de 47,3% em relação a uma população de 170 milhões.<sup>7</sup>

Com a despolitização do espaço público, implementada na sociedade de massa e de consumo, verifica-se o empobrecimento da política e da mobilização social em torno dos interesses comuns, dificultando o enfrentamento dos problemas sociais no mundo contemporâneo. Por outro lado, essa despolitização tem contribuído para a manutenção do *status quo* social, manipulada pelos interesses das elites e do capital financeiro, enfraquecendo a atuação do Estado frente aos problemas sociais, que, por sua vez, transfere esta responsabilidade para a sociedade civil. Na década de 90, quando ocorreram mudanças no modelo de associativismo em todo o mundo, a sociedade civil precisou mobilizar-se, por meio dos movimentos sociais e das Organizações Não-Governamentais (ONGs), para enfrentar os problemas sociais, que se tornaram um dos grandes atores sociais.

A transferência dos serviços públicos para a sociedade civil, por intermédio das ONGs, traz à tona um outro elemento que é responsável pela ideologia e implementação das atividades nessas instituições, o chamado Terceiro Setor. Apesar das divergências conceituais a respeito do Terceiro Setor<sup>8</sup>, este tem representado um

---

Ricardo (orgs.) *Atlas da exclusão social: dinâmica e manifestação territorial*. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2004. Veja também outros estudos relacionados com a exclusão social, como CAMPOS, André (org.) *Atlas da exclusão social: dinâmica e manifestação territorial*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2004; POCHMANN, Marcio (org.) *Atlas da exclusão social: os ricos no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004; *Atlas da exclusão social: a exclusão no mundo*. Vol. 4. São Paulo: Cortez, 2004.

<sup>7</sup> PASQUATTO, Jô. Pesquisa mostra aumento do índice de exclusão social no Brasil. In: *Estadão*, 23 de mai. 2003. Disponível em <http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2003/mar/20/157.htm>.

<sup>8</sup> Sobre a fundamentação do chamado Terceiro Setor, veja MONTAÑO, Carlos. *Terceiro Setor e a*

fenômeno de proporções mundiais e tem incorporado as ações referentes ao enfrentamento das questões sociais, por meio de ações organizadas da sociedade civil e das empresas no mundo contemporâneo.

Essa nova metodologia de intervenção social resume uma tendência neoliberal, que impõe o Estado mínimo como condição para o desenvolvimento econômico e a organização eficiente da sociedade civil para a manutenção desse desenvolvimento e a eficiência do Estado.<sup>9</sup>

No Terceiro Setor ocorre o oferecimento mais eficiente de serviços à população por intermédio das ONGs, os quais não são oferecidos pelo Estado, em razão da sua condição mínima. Por outro lado, é o mercado que investe no Terceiro Setor por meio de incentivos de isenções fiscais e financia estas organizações, oferecendo serviços para grande parcela da população excluída dos meios de produção e consumo.

A ação das empresas no Terceiro Setor vem permitindo a mobilização e a atuação da sociedade civil, no enfrentamento de problemas sociais imediatos em todo o país, por intermédio das ONGs. Porém, ao mesmo tempo em que amenizam algumas situações localizadas e imediatas, também promovem a privatização dos serviços públicos de responsabilidade do Estado, e reproduzem em suas práticas sociais a mesma lógica do modelo econômico neoliberal, que é um dos responsáveis pela produção da exclusão social no Brasil e no mundo.

---

*questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social.* São Paulo: Cortez, 2002; FERNANDES, Rubens Cesar. *Privado porém público: Terceiro Setor na América Latina.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994; GOHN, Maria da Glória. O novo associativismo e o terceiro setor. In: *Serviço social e sociedade*, Ano XIX, n. 58, nov. 1998. No que se refere a regulamentação, registros e obrigações legais, financiamento de projetos sociais e legislação aplicável ao Terceiro Setor, veja SZAIZI, Eduardo. *Terceiro Setor e regulação no Brasil.* São Paulo: Peirópolis, 2000.

<sup>9</sup> Ver uma contribuição importante a respeito da relação entre competência e solidariedade, na compreensão do Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional e Banco Interamericano de Desenvolvimento; ASSMANN, Hugo, MO SUNG, Jung. *Competência e sensibilidade solidária.* Petrópolis: Vozes, 2000, pp. 53-56.

O fenômeno da privatização dos serviços públicos, ocorrido na década de 90, tem relação com a nova forma de organização e mobilização social, representada pelas ONGs, no advento do Terceiro Setor. Por outro lado, o surgimento destes foi provocado pelo fenômeno da globalização e da hegemonia do modelo econômico neoliberal. Estas questões nos levam ao questionamento da inserção pública da Igreja por meio das práticas sociais, no tocante a sua possibilidade de instaurar o novo no espaço público, em especial, quando esta práxis cristã tem como elemento fundamental a característica de transformação do homem (como ser social) e do mundo em que vive (a sociedade).

Portanto, nos parece necessário provocar a reflexão a respeito do papel da Igreja neste processo de privatização dos serviços públicos, em princípio, de responsabilidade do Estado? Se estas práticas sociais têm sido transformadoras ou têm contribuído para a manutenção do modelo neoliberal excludente? Que tipos de práticas sociais contribuem para o enfrentamento dos problemas sociais, e em que medida as práticas sociais da Igreja tem contribuído para a transformação da realidade social?

Essas inquietações motivaram a descrição e a análise da estratégia de inserção pública da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro, por intermédio das práticas sociais desenvolvidas no interior das suas instituições, que estabelecemos duas hipóteses passíveis de verificação no decorrer da pesquisa: 1º As práticas sociais da Igreja Batista Independente podem ser consideradas práxis social por objetivarem a transformação da sociedade e, 2º Estas práticas sociais se conformam com o conteúdo do Reino de Deus e com o exercício da cidadania.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> A cidadania é compreendida nesta pesquisa como atributo do cidadão, como forma de participação da vida pública e privada, com a prerrogativa de direitos e deveres. A cidadania plena diz respeito

Por se tratar de uma pesquisa em Ciências da Religião, este trabalho se caracteriza pela interdisciplinaridade, que pretende construir um todo coerente a partir das contribuições das Ciências Humanas e da Teologia Prática. Realizamos a verificação das hipóteses a partir da descrição analítica do fenômeno religioso, referente à inserção pública da Igreja Batista Independente, circunscrita nas ações de suas instituições no contexto brasileiro.

Neste esforço, foi utilizado o método historiográfico de Michel de Certeau, com sua contribuição crítica na classificação e no tratamento das fontes (documentos e bibliografias) e na relação que faz entre o *lugar* de produção da história, com uma *prática* que está relacionada aos métodos científicos empregados na pesquisa do fenômeno e no exercício da compilação de um *texto*.<sup>11</sup>

Por outro lado, a Teologia Prática de Casiano Floristán, na sua compreensão de teoria geral da ação cristã, nos forneceu o referencial da práxis cristã, referindo-se às práticas cotidianas dos cristãos com a ênfase na ação transformadora. Para Floristán, existem elementos fundamentais que caracterizam a práxis cristã. Segundo ele, a práxis precisa ser uma ação criadora, reflexiva, libertadora e radical.<sup>12</sup>

Neste sentido de ação humana transformadora, a práxis social, compreendida a partir da Filosofia da Práxis como atividade capaz de levar à transformação da realidade social, ou seja, como atividade política, contribui para analisar o nível de diálogo entre a Igreja, a sociedade civil e o Estado.

---

ao exercício dos deveres do cidadão e do gozo pleno dos seus direitos. Portanto, nossa perspectiva de cidadania, se refere a uma perspectiva emancipatória do sujeito cidadão. Veja a descrição de Pedro Demo a respeito da cidadania em DEMO, Pedro. *Cidadania tutelada e cidadania assistida*. Campinas: Ed. Autores Associados, 1995, p. 1. Para uma compreensão histórica no contexto brasileiro ver CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

<sup>11</sup> A principal contribuição de Certeau para a historiografia contemporânea, refere-se a sua célebre obra *A escrita da história*, utilizada como referência nesta pesquisa das práticas sociais da Igreja.

<sup>12</sup> Nossa referência é a monumental obra de *Teología Práctica: teoría y praxis de la acción pastoral* de Floristán.

Considerando a pluralidade religiosa no contexto brasileiro, esta pesquisa busca apontar caminhos à práxis social da Igreja, a partir da compreensão de uma dimensão pública da fé cristã, entendida por Castro como fé cidadã “que motiva e mobiliza a ação dos cristãos na esfera pública”.<sup>13</sup> Esse diálogo interdisciplinar entre a fé e a cidadania contempla uma atualização da práxis cristã, na qual a fé é ressignificada à luz da dimensão pública da Igreja.

Os resultados obtidos com a presente pesquisa a respeito das práticas sociais da Igreja Batista Independente está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentam-se os referenciais teóricos que permearam o desenvolvimento deste trabalho, onde trata-se das definições dos termos da pesquisa, da delimitação do tema/problema e busca-se estabelecer um diálogo a partir das contribuições da historiografia, da filosofia da práxis, da teologia prática e da pastoral da cidadania.

Na segunda parte da pesquisa, será apresentada a descrição analítica do lugar de origem das práticas sociais da Igreja. Descrevendo a relação da Missão Batista Sueca no interior do Brasil com o protestantismo latino-americano e com os imigrantes suecos no Rio Grande do Sul, onde localiza-se historicamente sua identificação com as questões sociais, apresenta-se um breve retrospecto desde a implantação até a organização da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro.

No terceiro capítulo, buscou-se realizar a análise do desenvolvimento das práticas sociais da Igreja, apresentando o contexto das relações sociais no mundo globalizado, aprofundando a análise na primeira fase de inserção pública da Igreja por meio de ações isoladas dos missionários e lideranças locais. Passa-se para a segunda fase de desenvolvimento dessas práticas sociais, com a ampliação

---

<sup>13</sup> CASTRO, Clovis Pinto de. *Por uma fé cidadã – a dimensão pública da Igreja*. São Paulo/São Bernardo do Campo: Loyola/UMESP, 2000, p. 15.

denominacional e nacional, até chegar ao desenvolvimento atual, que buscado ampliar suas ações para superar o simples assistencialismo por meio da ação social. Por fim, relaciona-se a práxis social da Igreja com a sua contribuição para o exercício da fé cidadã.

Os documentos e a bibliografia utilizados possibilitaram a elaboração desta pesquisa e o cumprimento de seu objetivo; no entanto, esta não pretendeu esgotar o assunto, mas procurou possibilitar um olhar diferenciado das práticas sociais da Igreja na perspectiva da práxis social e do exercício da fé cidadã. Há, portanto, ainda outras possibilidades para a realização de novas pesquisas em torno deste tema.

## **CAPÍTULO 1**

### **EPISTEMOLOGIA DAS PRÁTICAS SOCIAIS DA IGREJA A PARTIR DE UMA CONCEPÇÃO INTERDISCIPLINAR**

A presente pesquisa das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro está alinhada com a área da Práxis Religiosa e Sociedade, no campo das Ciências da Religião, que, por sua vez, tem como objeto de estudo o fenômeno religioso. Neste sentido, buscou-se abordar o fenômeno na perspectiva da práxis religiosa, analisando as estratégias de inserção da Igreja na sociedade, ou seja, focando a análise na “ (...) ação das instituições e dos movimentos eclesiais na sociedade”.<sup>14</sup>

O objeto desta pesquisa é o fenômeno religioso, que se coloca diante de nós impondo limites para sua compreensão, por se tratar de “um entrelaçamento concreto, historicamente dado, entre determinadas ‘individualidades’ religiosas com

---

<sup>14</sup> *Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião: mestrado e doutorado*. Universidade Metodista de São Paulo, 2004, p. 16.

sua particular lógica e estrutura e determinados contextos histórico-sociais”.<sup>15</sup> Após a realização do estudo analítico, é função do pesquisador buscar compreender o fenômeno específico e reconstruí-lo a partir desta “trama subjacente”.<sup>16</sup> É nesta perspectiva de complexidade que se apresenta o estudo do fenômeno religioso no mundo contemporâneo.

Inicia-se a exposição da pesquisa sobre as práticas sociais da Igreja por meio de alguns apontamentos a respeito do referencial teórico. Analisando a literatura publicada a respeito do tema, pode-se verificar a adequação do referencial teórico, que objetivará “ (...) traçar um quadro teórico e fará a estruturação conceitual que dará sustentação ao desenvolvimento da pesquisa”.<sup>17</sup> É a partir deste quadro de referências que será determinado o estado do atual desenvolvimento da pesquisa sobre o tema das práticas sociais e, ainda, “ (...) quais as lacunas existentes e onde se encontram os principais entraves teóricos ou metodológicos”<sup>18</sup>, para que se possa desenvolver analiticamente e discutir os resultados da pesquisa sobre as práticas sociais da Igreja.<sup>19</sup>

A exposição dos referenciais permitirá uma “compilação crítica e retrospectiva de várias publicações, o estágio de desenvolvimento do tema da

---

<sup>15</sup> FLORIANO, Giovanni, PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 20.

<sup>16</sup> *Ibidem*.

<sup>17</sup> SILVA, Edna Lucia da. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001, p. 37.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> De acordo com Silva, os “resultados (análise e discussão) descrevem analiticamente os dados levantados, por uma exposição sobre o que foi observado e desenvolvido na pesquisa. A descrição pode ter o apoio de recursos estatísticos, tabelas e gráficos, elaborados no decorrer da tabulação dos dados. Na análise e discussão, os resultados estabelecem as relações entre os dados obtidos, o problema da pesquisa e o embasamento teórico dado na revisão da literatura. Os resultados podem estar divididos por tópicos com títulos logicamente formulados”; Op. Cit., SILVA, Edna Lucia da, p. 94.

pesquisa”<sup>20</sup>, e fornecerá elementos para estabelecer um referencial teórico que suporte o desenvolvimento desta pesquisa.

É necessário afirmarmos, desde o início, que o referencial apropriado para a pesquisa das práticas sociais da Igreja, indiscutivelmente, precisa possuir a característica interdisciplinar, que possibilite uma visão ampla do tema e o diálogo entre as Ciências Humanas. Esta característica é fundamental para a leitura adequada do fenômeno religioso em seu contexto social específico. De acordo com Leonildo S. Campos, a realidade é uma arena na qual atuam forças multiformes que apresentam relativa desordem, diversidade e incerteza; por esta razão, o autor afirma que, com relação à realidade ou realidades, é necessária uma compreensão que resgate

(...) tanto a dimensão flexível como global dos fenômenos religiosos, valorizando-se a policausalidade, levando em consideração os condicionamentos filogenéticos e ontogenéticos, enfatizando o equilíbrio social como algo dinâmico, resultante de desequilíbrios localizados e transitórios, provenientes de origens endógenas e exógenas de uma determinada sociedade.<sup>21</sup>

É necessário que haja um diálogo entre as Ciências da Religião e as Ciências Humanas – como será visto no decorrer da exposição – com a meta de promover a interface entre os referenciais teóricos, para contribuir no enriquecimento da pesquisa.

Nesse sentido, propõe-se a investigação a partir das contribuições de alguns autores importantes: a compreensão do método historiográfico de Michel de Certeau, da filosofia da práxis/política de Adolfo Sánchez Vázquez, da teologia prática de Casiano Floristán e, também, a contribuição de Clovis Pinto de Castro a respeito da

---

<sup>20</sup> Op. Cit., SILVA, Edna Lucia da, p. 93.

<sup>21</sup> CAMPOS, Leonildo Silveira. Estudo do pentecostalismo diante das mudanças de paradigmas em Ciências da Religião. In: *Novos paradigmas*. Série Ensaios de Pós-Graduação/Ciências da Religião, Ano I, n. 1, nov. 1995, p. 36.

sua concepção de fé cidadã.<sup>22</sup>

Neste capítulo inicial, o objetivo é apresentar os métodos<sup>23</sup> que serão utilizados na pesquisa de forma interdisciplinar, para realizar-se a descrição das práticas sociais da Igreja, e os procedimentos empregados para a análise crítica da estratégia de inserção pública da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro.

### **1.1. A HISTORIOGRAFIA DAS PRÁTICAS SOCIAIS: A OPERAÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE MICHEL DE CERTEAU**

Para a realização da pesquisa sobre as práticas sociais da Igreja, é necessário esclarecer a conceituação a respeito da história e da historiografia. Por esta razão, lançar-se-á mão da compreensão de Michel de Certeau, que afirma que o “fazer história”, está ligado a uma operação que relaciona um lugar, uma prática e uma escrita.

Isto implica em substituir o fazer historiográfico pelo dado histórico, transformando “ (...) a pesquisa de um sentido *desvendado* pela realidade observada,

---

<sup>22</sup> As obras que servirão de referência para a descrição, sistematização e análise, sobre o tema das práticas sociais da Igreja, correspondem respectivamente a: *A escrita da história, Filosofia da práxis, Teologia Práctica: teoría y praxis de la acción pastoral* e a obra *Por uma fé cidadã – a dimensão pública da Igreja*.

<sup>23</sup> Decidiu-se utilizar métodos, seguindo a orientação interdisciplinar e do pensamento complexo, compreendendo que “ (...) a ciência não é fruto de um roteiro de criação totalmente previsível. Portanto, não há apenas uma maneira de raciocínio capaz de dar conta do complexo mundo das investigações científicas. O ideal seria (...) empregar métodos, e não um método em particular, que ampliem as possibilidades de análise e obtenção de respostas para o problema proposto na pesquisa”, Op. Cit., SILVA, Edna Lucia da, p. 28.

em análise das opções ou das organizações de sentido *implicadas* por operações interpretativas”.<sup>24</sup>

Tal noção, por sua vez, não poderá ser apreendida como um conhecimento particular extraído da realidade ou acrescentado a ela, justamente porque

todo “fato histórico” resulta de uma práxis, porque ela já é o signo de um ato e, portanto, a afirmação de um sentido. Este resulta dos procedimentos que permitiram articular um modo de compreensão num discurso de “fatos”.<sup>25</sup>

A explicação do passado marca a distinção do aparelho explicativo presente, em relação ao material explicado, como os documentos relativos ao passado, sistematizando as práticas, com técnicas que permitem administrar a complexidade do presente.

Além da curiosidade do pesquisador acerca do passado, a combinação em um mesmo texto, com o objetivo de fazer dele “simultaneamente a ‘redução’ científica e a metaforização narrativa das estratégias de poder próprias de uma atualidade”<sup>26</sup>, onde o real inscrito no discurso historiográfico advém, e é, determinado por um lugar, portanto, o discurso deve estar ligado a sua produção, assim como a “práxis política, econômica ou religiosa, que muda as sociedades e que, num momento dado, torna possível tal ou qual tipo de compreensão científica”.<sup>27</sup>

Outra característica importante da pesquisa historiográfica, diz respeito ao desaparecimento do período no qual ocorreram certas práticas no passado. Esta

---

<sup>24</sup> CERTEAU, Michel. Práticas históricas e práxis social. In: *A escrita da história*. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2002, p.41.

<sup>25</sup> Ibidem.

<sup>26</sup> A organização deste texto ocorre, de acordo com Certeau, pela “reunião dos documentos à redação do livro, a prática histórica é inteiramente relativa à estrutura da sociedade”; Op. Cit. CERTEAU, Michel, pp. 21 e 74.

<sup>27</sup> Ibidem.

relação com o período – que neste trabalho referir-se-á às práticas sociais da Igreja – de acordo com Certeau, promove um distanciamento que contribui para uma

tal lucidez, mas esta compreensão, pretensamente ‘melhor’, que de agora em diante é a nossa, se refere ao fato de estarmos deslocados: nossa situação nos permite conhecer a deles de outra maneira que eles a puderam conhecer.<sup>28</sup>

Sendo assim, é preciso buscar perceber que acontecimentos e/ou mutações sociais e políticas tornam possível “um novo olhar científico [que] é, justamente, um dos indícios através do qual se exprime ou se demarca um ‘acontecimento’”.<sup>29</sup>

Este novo olhar científico, segundo Certeau, permite compreender a operação historiográfica como teoria articulada com as práticas, que se orientam na direção de uma teoria aberta às práticas sociais, mas que também organiza-se em torno de procedimentos “próprios de uma disciplina”.<sup>30</sup> Para compreender a história como operação, é preciso estabelecer uma combinação que relaciona

um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). É admitir que ela faz parte da realidade da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada ‘enquanto atividade humana’, ‘enquanto prática’.<sup>31</sup>

Portanto, a operação historiográfica refere-se à combinação entre o lugar social, as práticas “científicas”<sup>32</sup> e uma escrita, que analisará as premissas concernentes a um “discurso que não fala”, e buscará delinear as “leis silenciosas”,

---

<sup>28</sup> Para Certeau “uma mudança da sociedade permite ao historiador um afastamento com relação aquilo que se torna, globalmente um passado.” Op. Cit. CERTEAU, Michel, pp. 44 e 75

<sup>29</sup> De acordo com nota explicativa a respeito da historiografia do século XX; Op. Cit. CERTEAU, Michel, p. 63.

<sup>30</sup> Ibid., p. 66.

<sup>31</sup> Certeau e Vázquez fazem referência a Tese I, ao comentar o conceito de prática. Op. Cit., CERTEAU, Michel, p. 66; Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez, p.185; Cf. MARX, Karl. *Teses (I) Sobre Feuerbach* 1845. Disponível em [www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesefeuer.htm](http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesefeuer.htm).

<sup>32</sup> Conforme nota Certeau “o termo científica, bastante suspeito no conjunto das ‘ciências humanas’ na medida em que remeteria a leis. Pode-se, entretanto, definir com este termo a possibilidade de estabelecer um conjunto de regras que permitam ‘controlar’ operações destinadas à produção de objetos determinados.” Op. Cit., CERTEAU, Michel, nota 5, p. 109.

as quais organizam o espaço produzido como texto.

Certeau afirma que é necessário perceber que a escrita histórica é construída em “função de uma instituição cuja organização parece inverter: com efeito, obedece a regras próprias que exigem ser examinadas por elas mesmas”.<sup>33</sup> É impossível realizar a análise do discurso histórico independente da instituição “em função da qual ele se organiza silenciosamente”.<sup>34</sup> E o texto histórico, de forma mais genérica, “enuncia uma operação que se situa num conjunto de práticas”.<sup>35</sup> Este aspecto é o primeiro e mais essencial para a pesquisa científica.

Neste sentido, a pesquisa científica faz surgir diferenças por meio das quais se concebe objetos “ (...) que têm a forma de sua prática: eles lhe fornecem o meio de *fazer aparecer diferenças* relativas às comunidades ou às unidades das quais parte a análise”.<sup>36</sup>

Portanto, para a operação historiográfica das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro, verificar-se-á o lugar de produção de tais práticas, a partir do exercício interdisciplinar, a fim de produzir um texto que represente a interpretação dessas práticas sociais do passado para o tempo presente.

---

<sup>33</sup> Op. Cit., CERTEAU, Michel, p. 66.

<sup>34</sup> Ibid., p. 71.

<sup>35</sup> Ibid., p. 72.

<sup>36</sup> Ibid., p. 87.

## 1.2. EPISTEMOLOGIA DA PRÁXIS SOCIAL

A expressão epistemologia, foi utilizada para fazer referência a uma reflexão sistemática e metodológica a respeito da práxis social, que por sua vez, busca nutrir-se dos movimentos culturais, políticos e sociais, na busca de um aprofundamento metodológico <sup>37</sup>, que é imprescindível para o avanço da pesquisa científica.

Serão apresentados os fundamentos da atividade humana, caracterizado pela vida cotidiana ou vida prática, demonstrando a sua importância no desenvolvimento do conceito da práxis social como atividade humana dirigida ao ser social de outros indivíduos, segundo a filosofia da práxis.

### 1.2.1. O conceito de prática no cotidiano

É no cotidiano que o indivíduo desenvolve suas práticas sociais e também estabelece relações com o mundo social. O homem prático, na vida cotidiana, possui atitudes práticas. Em geral, suas ações dissociam o pensar do agir; a teoria da prática, neste sentido, a atividade teórica, reflexiva, apresenta-se como atividade “ (...) in-prática, isto é, improdutiva ou inútil por excelência – se lhe torna estranha; não reconhece nela o que ele considera como seu verdadeiro ser, seu ser prático-

---

<sup>37</sup> MALDONADO, Efendy. *Práxis reflexiva comunicacional e configurações sociais transformadoras*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 2003, p. 7. Disponível em: [www.intercom.org.br/papers/congresso2003](http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003). Consultado em 14 dez. 2006.

utilitário”.<sup>38</sup>

De acordo com Karl Marx, “toda a vida é essencialmente prática”<sup>39</sup>, ou seja, supera o sentido prático-utilitarista. Ela possui uma capacidade auto-suficiente, com o poder de abrir caminho por si mesma, sem necessitar de nenhum apoio estranho a ela, como uma teoria, para que “lhe desembarace o caminho”.<sup>40</sup>

O ser humano prático, de consciência comum, habita em um mundo cotidiano que lhe impõe uma dinâmica de necessidades, objetos e atos práticos como sendo algo natural. A prática é, então, habitualmente, aquilo que nos convém, que está de acordo com os nossos interesses, inclusive os mais egoístas, ou seja, a vida cotidiana do homem comum, na sociedade em que vivemos, “está repleta de homens práticos ou de atos práticos desse gênero”.<sup>41</sup>

A atividade prática do ser humano não é, por sua vez, apenas contemplativa ou passiva, mas, é por tratar-se de “ (...) sujeitos ou agentes de certos atos que produzem efeitos, que têm resultados concretos, tangíveis, que denominamos justamente de práticos”.<sup>42</sup>

O termo prático, de acordo com Vázquez, é recorrente da linguagem comum, e que muitas vezes significa a atividade humana prática em sentido “ (...) utilitário e pejorativo de expressões como as seguintes: ‘homem prático’, ‘resultados práticos’, ‘profissão muito prática’”.<sup>43</sup> É preciso lembrar que a utilização, pelo senso comum,

---

<sup>38</sup> Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1977), p. 14.

<sup>39</sup> Apud. MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*, p. 635. Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1977), p. 13.

<sup>40</sup> Op. Cit. VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1977), p. 14.

<sup>41</sup> VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia e circunstâncias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 147.

<sup>42</sup> Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (2002), p. 147.

<sup>43</sup> Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1977), p. 4.

do vocábulo *prática*, fez com que este possuísse uma ligação utilitarista-pragmática, justamente em relação à alienação humana da sua própria consciência crítica. O trabalho humano constitui uma das formas de atividade na qual se encontram exemplarmente os elementos de uma prática humana, onde o produto material do trabalho é transformado de acordo com um projeto, ou determinado a um fim.<sup>44</sup>

Na busca da elaboração de um conceito filosófico sobre a atividade prática do homem, Vázquez afirma que é preciso libertar-se dessa relação com a linguagem corrente que cerca o vocábulo *prática*. Por esta razão, ele passa a empregar a palavra *práxis*, porque a considera não vinculada diretamente ao termo *prática*.

### 1.2.2. A prática como fundamento formativo da práxis

A compreensão do termo *prática*, não deve acontecer apenas no sentido instrumental e egoísta do ser humano, mas o vocábulo também deve ser compreendido como a atividade humana relacionada com uma determinada realidade, na qual opera um duplo movimento de transformação, a saber: do mundo, que é modificado pela atividade humana, e do seu conhecimento deste mundo que é modificado, e, ainda, das suas relações de alteridade com outros humanos.

É neste sentido que a história da atividade humana apresenta a transformação da “natureza mediante sua práxis produtiva e que, em consonância com esta,

---

<sup>44</sup> Neste sentido Vázquez parafraseia Marx para afirmar que “(...) o produto material requer a existência prévia de um produto ideal na consciência, e é justamente este caráter consciente, adequado a um fim, que dá ao trabalho seu caráter propriamente humano e o distingue de qualquer atividade animal”, Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (2002), p. 149.

transformou também suas próprias relações sociais. A história tem sido realmente um processo prático total levado a cabo pelos homens”.<sup>45</sup>

É importante notar que o ser humano contemporâneo tem vivido em busca perene da realização imediata dos seus desejos e necessidades, ou seja, da prática humana imediatista:

as atividades artísticas e a política, particularmente a revolucionária, são improdutivas ou impráticas por excelência, de vez que postas em relação com os interesses imediatos, pessoais, carecem de utilidade, pois seus atos só produzem, num caso, prazer estético, e, no outro, fome, miséria e perseguições.<sup>46</sup>

As conseqüências do imediatismo na prática demonstram a visão individualista da atividade do ser humano comum a nossa época, além do total descompromisso com as conseqüências de tal prática; também não consegue compreender em que medida, com seus atos, ele contribui para escrever a

história humana – como processo de formação e auto-criação do homem – nem pode compreender até que grau a práxis necessita da teoria, ou até que ponto sua atividade prática se insere numa práxis humana social, o que faz com que seus atos individuais influam nos dos demais, assim como, por sua vez, os destes se reflitam em sua própria atividade.<sup>47</sup>

O ser humano comum “considera a si mesmo como o verdadeiro homem prático; é ele que vive e age praticamente”<sup>48</sup>, desta forma prática de ver o mundo e de perceber-se nele, o homem prático reconhece a existência das coisas em si e a sua significação prática para satisfazer as suas necessidades do cotidiano. No entanto, esta significação não é resultado das práticas humanas que conferem sentido aos

---

<sup>45</sup> Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1977), p. 325.

<sup>46</sup> Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1977), p. 13.

<sup>47</sup> O autor apresenta também a despolitização que cria “um imenso vazio nas consciências, vazio que só pode ser útil á classe dominante, que recheia as consciências com atos, preconceitos, hábitos e lugares-comuns e preocupações que, enfim, contribuem fortemente para manter a ordem social vigente. O apoliticismo de grandes setores da sociedade os exclui da participação consciente na solução dos problemas econômicos, políticos e sociais fundamentais e, com isso, fica desembarcado o caminho para que uma minoria se encarregue dessas tarefas de acordo com os seus interesses particulares de grupo e de classe.”; Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1977), pp. 12-13 e 15.

<sup>48</sup> Ibid., p. 11.

objetos ou coisas, antes, estas práticas possuem em si um significado imanente. Portanto, na compreensão do homem comum, “o mundo prático – para consciência comum – é um mundo de coisas e significações em si”.<sup>49</sup>

Para Vázquez, é a prática que irá determinar e fundamentar o conhecimento, justamente porque este é conhecimento do mundo já transformado por sua atividade material, no qual “os objetos se inscrevem em certa relação com o homem”<sup>50</sup>, ou seja, na “ (...) medida em que o desenvolvimento deste não é um processo meramente intrateórico, que se produza por uma exigência puramente interna da teoria, a não ser como solução de problemas propostos pela prática social”.<sup>51</sup>

Quando se fala em uma crítica do que existe, do conhecimento da realidade a ser transformada e do projeto de emancipação do homem como unidade indissolúvel, compreende-se que estes são articulados pela “práxis como atividade real voltada para um fim”.<sup>52</sup> Portanto, o problema teórico fundamental é “o problema prático da transformação do mundo humano, social, ou seja, o da autoprodução ou realização do homem, em um contexto histórico social que ocorre na e pela práxis”.<sup>53</sup>

Nessa definição do homem como ser essencialmente prático, “como ser que transforma uma determinada realidade e produz uma nova realidade ao mesmo tempo em que transforma e produz uma nova realidade humana, a história do homem nada mais é do que a história da práxis”.<sup>54</sup>

---

<sup>49</sup> Ibidem.

<sup>50</sup> Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (2002), p. 152.

<sup>51</sup> Ibid., p. 153.

<sup>52</sup> Ibid., pp.167-168.

<sup>53</sup> Ibid., p. 168.

<sup>54</sup> Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1977), p. 325.

### 1.2.3. A práxis social como atividade humana de transformação

Como já foi dito, a atividade prática do homem comum ocorre na vida cotidiana de um mundo prático, onde os objetos possuem significados intrínsecos a eles mesmos, independentemente da atividade humana. Passa-se agora a verificar a relação da prática humana com a práxis.

Para compreender o significado atual do vocábulo práxis, é preciso buscar sua definição na história. Na Grécia antiga, a práxis (pra,zij) significava a ação que possui um fim em si mesma, que para Vázquez, “não cria ou produz um objeto alheio ao agente ou a sua atividade”.<sup>55</sup> O autor lembra que, para Aristóteles, a práxis é ação moral, por não gerar nada fora de si mesma. Por outro lado, produzir um objeto que venha a existir fora de si mesmo, como, por exemplo, a obra de um artesão, não pode ser práxis. Para este tipo de atividade humana, que é exterior ao sujeito, dá-se o nome de *poiéses* (poihsij), que possui o sentido literal de produzir ou fabricar algo.

Ainda, na Grécia antiga a atividade física ou prática era considerada uma obrigação dos escravos, que cumpriam as atividades práticas do cotidiano, envolvidos na manutenção da casa, na produção de objetos e no cultivo de alimentos. Tudo isso era considerado pela sociedade grega como prática, enquanto a atividade política, das preocupações com as questões pertinentes ao andamento e direcionamento da vida pública, ficava a cargo dos homens livres. Para Platão, é o “Estado que se conforma à idéia, e em Aristóteles a política é arte de organizar a vida

---

<sup>55</sup> Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1977), pp. 4-5

da comunidade, da *polis*, para criar condições de vida contemplativa, que é a autenticamente humana”.<sup>56</sup>

De acordo com Vázquez, a sociedade grega exaltava a vida teórica e desprezava a prática produtiva; isto reforçava “a divisão social do trabalho e de classe na sociedade escravista, e correspondem inteiramente aos interesses da classe dominante”<sup>57</sup>, sustentando o *status quo* daquela sociedade.

A práxis, como categoria central da filosofia, é uma interpretação do mundo e, ao mesmo tempo, orienta à transformação deste mundo, já que, “por revelar teoricamente o que a práxis é, [a filosofia da práxis] marca as condições que tornam possível a passagem da teoria à prática e assegura a íntima unidade entre uma e outra”.<sup>58</sup> Esta compreensão da práxis se revela a partir do marxismo.

A práxis, como atividade real, objetiva e material do ser humano, só pode ser *em e pela* práxis, na condição do homem como ser social prático que supera a perspectiva da consciência do senso comum para uma consciência da práxis. Na vida prática cotidiana, a essência não é manifestada de forma direta e imediata, antes, a atividade prática oculta esta essência.

É preciso perceber que este homem comum é um ser social e histórico, que

encontra-se imbricado numa rede de relações sociais e enraizado num determinado terreno histórico. Sua própria cotidianidade está condicionada histórica e socialmente, e o mesmo se pode dizer da visão que tem da própria atividade prática.<sup>59</sup>

Por esta razão, para se chegar à compreensão da teoria da práxis é necessária a superação do senso comum, dos preconceitos, dos hábitos mentais e dos lugares

---

<sup>56</sup> Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (2002), p. 154.

<sup>57</sup> Ibidem.

<sup>58</sup> Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1977), p. 6.

<sup>59</sup> Ibid., p. 9.

comuns; é preciso uma “superação do ponto de vista espontâneo ou instintivo adotado pela consciência comum do proletariado. Daí a necessidade – determinada ao mesmo tempo por motivos teóricos e práticos – de contrapor uma clara compreensão da práxis à sua concepção ingênua ou espontânea”.<sup>60</sup> A função da consciência da práxis se constitui em integrar de forma mais elevada a unidade do pensamento e da ação humana, de acordo com finalidades que existem apenas no homem e são produtos da sua consciência.

A respeito da atividade humana transformadora do mundo, Vázquez afirma que:

somente quando a prática produtiva material e a prática social revolucionária alcançam certo nível na própria realidade é que se dão as condições para que se possa captar a prática, em toda a sua significação social e humana, e em toda a sua universalidade, riqueza e essencialidade, como atividade humana transformadora do mundo.<sup>61</sup>

É este processo histórico, para a significação da práxis humana e social transformadora, que torna-se o foco a partir deste momento, para que haja um aprofundamento a respeito da compreensão da práxis social como atividade humana dirigida à transformação social.

Como já foi visto anteriormente, há várias formas de práxis, por isso, é importante lembrar algumas não citadas até aqui, como: a produtiva, a artística, a científica, a material e a revolucionária (ou social). Para Vázquez, estas práxis são formas particulares e concretas da práxis total humana, na qual o homem, como ser social e consciente, humaniza o mundo e a si mesmo. A escolha metodológica pela práxis social não é, em hipótese alguma, uma redução das outras formas de práxis, mas é a qualificação necessária pela qual examinar-se-ão as práticas sociais da Igreja.

---

<sup>60</sup> Ibidem.

<sup>61</sup> Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (2002), p. 157.

Uma definição inicial para a práxis social é a atividade do ser humano que o torna, ao mesmo tempo, sujeito e objeto da mesma, e dentro desta atividade “cabem os diversos atos orientados no sentido de tal transformação como ser social, e, por isso, destinados a mudar suas relações econômicas, políticas e sociais”.<sup>62</sup> Neste sentido, quando a atividade humana é dirigida a um grupo ou classes sociais,

(...) e inclusive a sociedade inteira, ela pode ser denominada práxis social, ainda que num sentido amplo toda a prática (inclusive aquela que tem por objeto direto com a natureza) se revista de um caráter social, já que o homem só pode levá-la a cabo contraindo determinadas relações sociais (relações de produção na práxis produtiva) e, além disso, porque a modificação prática do objeto não humano se traduz, por sua vez, numa transformação do homem com ser social.<sup>63</sup>

A práxis social, em sentido *stricto sensu*, é a “atividade de grupos ou classes sociais que leva a transformar a organização e direção da sociedade, ou a realizar certas mudanças mediante a atividade do Estado. Essa forma de práxis é justamente a atividade política”<sup>64</sup> que, por sua vez, tem na práxis revolucionária sua etapa superior de transformação real da sociedade.

Vázquez nos apresenta os traços que distinguem a práxis como práxis criadora, a saber: “a) unidade indissolúvel, no processo prático, do interior e o exterior, do subjetivo ao objetivo; b) indeterminação e imprevisibilidade do processo e do resultado; c) unicidade e irrepetibilidade do produto”.<sup>65</sup> Estes elementos são fundamentais para a práxis social.

Por fim, a práxis social é a práxis intencional da vida social, o que significa que ela é capaz de produzir uma nova realidade política, econômica e social. Neste sentido, há uma compreensão da práxis intencional (individual e coletiva), quando ela estiver ligada a um projeto individual ou plural. Esta práxis, por sua vez, é

---

<sup>62</sup> Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1977), p. 200.

<sup>63</sup> Ibidem.

<sup>64</sup> Ibid., pp. 200-1

<sup>65</sup> Ibid., p. 251.

aplicada e avaliada por sua objetivação prática, ou seja, ela é avaliada a partir dos seus resultados. <sup>66</sup> É precisamente nesta perspectiva da práxis social, objetivada na vida social, que será feita a crítica das práticas sociais da Igreja. <sup>67</sup>

### 1.3. EPISTEMOLOGIA DA PRÁXIS CRISTÃ

No século XIX, Friedrich D. E. Schleiermacher (1768-1834) deu início aos estudos em Teologia Prática, organizando a disciplina em duas áreas: no governo da Igreja ou administração eclesiástica e no serviço da Igreja. <sup>68</sup> Nas palavras de Floristán, “Schleiermacher sustentou que a teologia é verdadeira ciência a serviço da ‘conduta’ ou ‘direção’ da Igreja” <sup>69</sup>. Neste sentido, Schleiermacher afirmava que a teologia prática se preocupava mais com as questões concernentes aos “pequenos detalhes da fé”, do que com as questões que realmente importavam.

Por outro lado, a teologia prática como ciência positiva “é assim mesmo um

---

<sup>66</sup> Ibid., pp. 324-325.

<sup>67</sup> As práticas sociais da Igreja podem ser compreendidas como atividade prática, com a qual “(...) os homens destruíram e criaram novos sistemas sociais; com sua práxis produtiva criaram as condições para que desaparecessem sucessivamente diversas formações econômico-sociais – escravista, feudal ou capitalista – e com sua práxis social – protestos, rebeliões ou revoluções – contribuíram para a abolição das relações sociais capitalistas e para a derrocada do velho sistema colonial.”, Op. Cit., VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez (1977), p. 326.

<sup>68</sup> Veja também SCHWALM, Mauro Alberto. *Schleiermacher e os fundamentos da teologia prática: apontamentos de uma leitura em perspectiva*. Série Ensaios e Monografias do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo (EST). São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1994; TILLICH, Paul. *Perspectivas da teologia protestante do século XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 1999; HANSEN, Guillermo (ed.) *Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher – reseñas desde América Latina*. Secretaría de Publicaciones del Instituto Universtario – ISEDET. Buenos Aires: ISEDET, 2002.

<sup>69</sup> FLORISTÁN, Casiano. *Teologia práctica: teoría y praxis de la acción pastoral*. Ediciones Sígueme: Salamanca, 2002, p. 104.

serviço; serviço para ciência, mas ciência ordenada a uma ação responsável ou disciplina que culmina em um saber prático”.<sup>70</sup> Portanto, a teologia prática é para Schleiermacher, a “teoria do serviço eclesial na comunidade cristã local ou teoria da responsabilidade eclesial a respeito das ações da Igreja na sociedade”.<sup>71</sup>

A teologia prática como disciplina, desenvolveu-se muito desde Schleiermacher. Por esta razão, é necessário apresentar os avanços históricos desta disciplina, que irão contribuir para a análise das práticas sociais da Igreja.

### 1.3.1. A práxis cristã no cotidiano

A partir da relação de interdisciplinaridade, na qual se inscreve o tema das práticas sociais da Igreja, vista no item anterior, passa-se agora ao referencial teórico ligado às Ciências da Religião e, mais especificamente, à dinâmica da Práxis Religiosa e Sociedade.

Na compreensão de Norbert Mette, a Teologia Prática é caracterizada “ (...) por seu sentido indutivo, o uso de métodos empíricos, a orientação interdisciplinar e a capacidade de incidência prática”<sup>72</sup>, portanto, constitui-se na “ciência da ação no interior de uma teologia concebida como ciência prática”.<sup>73</sup> Nesta mesma perspectiva, Krause e Zerfass compreendem a Teologia Pastoral “como ciência da

---

<sup>70</sup> Apud. MARLÉ, R. *Le projet de théologie pratique*. Paris, 1979, p. 55.

<sup>71</sup> Apud. KAEMPF, B. *La théologie pratique selon D. F. Schleiermacher*. In: RETMOND-J, B. E SOORDET, M. *La théologie pratique*. Paris, 1993, pp. 32-41.

<sup>72</sup> Apud. METTE, Norbert. *Theorie der praxis*. Wissenschaftsgeschichtliche und methodologische Untersuchungen zur Theorie-Praxis-Problematik innerhalb der Praktischen Theologie, Düsseldorf, 1978, 342; id., *Praktische Theologie als Handlungswissenschaft. Begriff und Problematik: Diakonia* 10 (1979), pp. 190-203. In: Op. Cit., FLORISTÁN, Casiano, p. 166.

<sup>73</sup> *Ibidem*.

ação, cujo ponto de partida é a práxis dos cristãos e da Igreja”<sup>74</sup>, portanto, segue o referencial da atividade humana como práxis. Para Floristán, “ (...) a teologia basicamente referida à práxis transformadora da realidade será, a nosso entender, teologia prática”.<sup>75</sup>

A Práxis Religiosa, na condição de um saber localizado como teoria geral da ação, ciência da ação a partir da práxis cristã, precisa considerar três elementos fundamentais: 1) a tradição cristã; 2) a situação presente assumida e 3) a motivação da ação. Considerando seu caráter interdisciplinar, que busca incidir nas práticas, é imprescindível a verificação da teoria na prática, e a prática deve ser transcendida pela teoria.

Para as Teologias Política e da Libertação, a “ (...) práxis cristã e a experiência da fé possuem uma relação estreita com o contexto social, político, econômico e cultural”.<sup>76</sup> Desta forma, chega-se a um círculo hermenêutico, que caracteriza uma “leitura da situação e da práxis histórica da libertação à luz da palavra e releitura da palavra de Deus (ou da fé ou do evangelho) a partir da dita situação e da dita práxis”.<sup>77</sup> Gustavo Gutiérrez entende que a Teologia da Libertação é “reflexão crítica da práxis histórica à luz da palavra [ou] reflexão crítica em e sobre a práxis histórica em confrontação com a palavra do Senhor vivida e aceita na fé”.<sup>78</sup>

Nesse campo do cotidiano da fé cristã, Clodovis Boff afirma que “ (...) a elaboração coletiva da fé se faz mediante distintas formas de expressões e

---

<sup>74</sup> Apud. , p. 166; cf. R. Zerfass, *Praktische theologie als handlungswissenschaft*, In: F. Klostermann-R. R. Zerfass (eds.) *Praktische theologie heute*. Munich: Maguncua, 1974, 164-177; Op. Cit., FLORISTÁN, Casiano, p. 166.

<sup>75</sup> Ibid., p. 162.

<sup>76</sup> Ibid., p. 156.

<sup>77</sup> Ibid., p. 160.

<sup>78</sup> Apud. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Mirar lejos*. In: *Teologia da Libertación*. Salamanca, 1990. Op. Cit., FLORISTÁN, Casiano, pp. 160-1.

comunicações do sujeito epistemológico da teologia, que é a própria comunidade”.<sup>79</sup> Desta forma, o modelo de revisão de vida assemelha-se com tal elaboração coletiva, por levar em consideração: a) mediação sócio analítica, b) mediação hermenêutica e c) mediação prática.<sup>80</sup>

Neste sentido, a práxis religiosa, pautada na tradição bíblico-profética, tem a função de denunciar a corrupção dos sistemas no mundo, de anunciar “o futuro da humanidade reconciliada”<sup>81</sup> e, também configura-se na “teoria crítica da sociedade [que] ajuda a elaborar o discurso profético. A teologia prática intenta verificar a ação da Igreja na sociedade”.<sup>82</sup>

Para J. Audinet, o papel da práxis religiosa não é apenas examinar como é aplicado um saber teológico, mas sim, o porquê se aplica determinado saber. Sua finalidade é “ (...) dar conta da fé e do Deus que ela confessa no contexto de práticas sociais e culturais contemporâneas”.<sup>83</sup> Esta concepção da práxis religiosa favorece uma aproximação com a historiografia de Michel de Certeau, na qual as práticas sociais do cotidiano se apresentam especificamente em um determinado lugar de produção.

Para M. Lefebvre, a práxis religiosa busca sistematizar o dado empírico, e se apóia nos conhecimentos e metodologias das “ciências modernas centradas na práxis

---

<sup>79</sup> Apud. BOFF, Clodovis. *Fisionomía de las comunidades eclesiales de base*. Concilium, 164 (1981) 97. In: Op. Cit., FLORISTÁN, Casiano, p. 162.

<sup>80</sup> Floristán apresenta a revisão de vida como “1) A análise da realidade, a partir das questões que suscitam os membros da comunidade, ajudados por um analista social (mediação sócio-analítica); 2) A confrontação com a palavra de Deus da situação social analisada (mediação hermenêutica); e 3) a diretrizes para a ação, surgidas ao comparar a situação concreta com o evangelho meditado (mediação prática)”, Op. Cit., FLORISTÁN, Casiano, p. 162.

<sup>81</sup> Ibid., p. 167.

<sup>82</sup> Ibidem.

<sup>83</sup> Apud. AUDINET, J. Saisie et compréhension de l’action religieuse. In: VIAU, M. E BRODEUR, R. (ed). *Les études pastorales: une discipline scientifique?* Quebec, 1987, Op. Cit., FLORISTÁN, Casiano, p. 167.

[onde] a interdisciplinaridade exige que não se tome as ciências humanas como meras ‘criadas’ da teologia”, e completa dizendo que “o método interdisciplinar exige um verdadeiro espírito de colaboração”.<sup>84</sup>

É a partir da compreensão interdisciplinar que Floristán afirma que a valorização da práxis, como categoria central na Teologia Política, contribui para o estudo da “ (...) interdependência entre a teoria e práxis e reconhece que a prática não é mera aplicação de uma verdade prévia, senão lugar de verificação e princípio de interpretação”<sup>85</sup>. Também, o pensamento e a ação pastoral devem submeter-se à crítica das teorias político-econômicas; desta forma, a práxis é “ação ou atividade prática econômico-social com um efeito de transformação”.<sup>86</sup>

Neste aspecto da práxis transformadora, lembramos que a ação cristã ou práxis cristã “atualiza a práxis de Jesus frente a implantação do Reino de Deus<sup>87</sup> na sociedade, mediante a construção do povo de Deus em estado de comunidade cristã”.<sup>88</sup> Portanto, a práxis de Jesus é referência fundamental para a práxis cristã, que é propriamente uma práxis humana.

Ao considerar a importância dessa atualização da práxis de Jesus, torna-se indispensável expor, mesmo que resumidamente, a fundamentação do tríplice ofício de Cristo como profeta, sacerdote e rei que, de acordo com Floristán, representa freqüentemente um meio de análise da missão de Cristo, dos apóstolos e da Igreja.

---

<sup>84</sup> Idem, p. 168.

<sup>85</sup> Idem, p. 165.

<sup>86</sup> Floristán se refere aqui a apropriação de Marx frente ao materialismo abstrato de Feuerbach e ao idealismo de Hegel, conforme Op. Cit. FLORISTÁN, Casiano, p. 176.

<sup>87</sup> O Reino de Deus aqui, tem a perspectiva apresentada por Castro, a partir da compreensão da reserva escatológica de Jürgen Moltmann e na perspectiva mais específica do Reino do Shalom, que é o resultado da justiça e da “restauração de um mundo bom criado e restaurado por Deus”. Que tem o compromisso de não apenas promover a paz, mas também pela prática da justiça e direito na sociedade. Ver também MOTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Editora Herder, 1971.

<sup>88</sup> Ibid., p. 199.

De acordo com Favale, atribuir esta tríplice dimensão ao ministério ou missão de Cristo significa dizer que “ (...) a sua missão salvífica, tem a mais concreta expressão na alegoria ou imagem joanica do bom pastor (Jo 10)”.<sup>89</sup> A partir destes pressupostos é que a Eclesiologia, como disciplina, irá desenvolver a doutrina do *magisterium*, *ministerium* e *regimen*, fundamentados no tríplice ofício de Cristo.

A partir destas considerações, Floristán lembra que Cristo aparece como mestre e doutor na dimensão profética, como sacerdote ou sacrificador na dimensão cultural e como rei e pastor na dimensão de regente, e conclui afirmando que, atualmente, este tríplice ofício de Cristo tem sido entendido pela Igreja como funções pastorais, a saber: 1) a função profética do anúncio do evangelho, 2) a função litúrgica marcada pela celebração do culto e 3) a função caritativa com o serviço libertador.<sup>90</sup>

Após apresentar o desenvolvimento do conceito do tríplice ofício de Cristo na visão da teologia patrística, na evolução teológica do termo, Floristán apresenta a estruturação atual do tríplice ofício na dimensão da ação pastoral ou, conforme está sendo apresentado aqui, na práxis cristã contemporânea.

Iniciando por Friederich W. Schleiermacher, passando por Karl Rahner, V. Schurr, D. Borobio e outros, Floristán apresenta a ampliação do tríplice ofício, no qual a pastoral litúrgica começa a possuir uma distinção entre evangelização e o ensino na Igreja, e a dimensão comunitária e de serviço da Igreja no mundo.<sup>91</sup>

Alberich assinala que são quatro as formas fundamentais da presença da

---

<sup>89</sup> Apud. FAVALE, A. *El ministerio presbiteral: aspectos doctrinales, pastorales y espirituales*. Madrid: 1989, p. 30. In: Op. Cit., FLORISTÁN, Casiano, p. 200.

<sup>90</sup> Neste sentido das atribuições de Cristo, Floristán afirma que F. Prat assinala “ (...) que Cristo aparece como rei nos sinóticos, profeta em João e sacerdote na carta aos Hebreus”, Op. Cit., FLORISTÁN, Casiano, pp. 199-201.

<sup>91</sup> Ibid., pp. 202-11.

Igreja no mundo, a saber: a *diaconía*, a *koinonía*, o *kerigma* e a *liturgia*, onde a

(...) Igreja se apresenta no mundo com o lugar por excelência do serviço, da fraternidade, do significado, da festa, em correspondência com quatro categorias antropológicas na base: o pensamento, a ação, a relação e a celebração. São modos equivalentes de sublinhar a complementaridade e o significado destas quatro formas de ser no mundo signo eclesial do Reino.<sup>92</sup>

Neste sentido, segundo as definições de Alberich, citadas por Floristán, há quatro âmbitos da Teologia Prática ou da teoria da práxis cristã na sociedade, representada pelas ações das instituições e pelos movimentos eclesiais, conforme a presente linha de pesquisa, na área das Ciências da Religião. Serão apresentados estes âmbitos da práxis cristã, de acordo com a sistematização de Floristán, que as define como: a missão profética ou pastoral da palavra – *martyría*; a fraternidade vivida ou pastoral comunitária – *koinonía*; a vida sacramental ou pastoral litúrgica – *leitourgía* e o compromisso libertador ou pastoral social – *diakonía*.<sup>93</sup>

### 1.3.2. Missão profética do anúncio e denúncia – *martyría*

O ponto central da mensagem *kerigmática* neotestamentária, ou seja, da proclamação, para Floristán, é o advento do Reino de Deus ou, em outras palavras, a missão da Igreja relaciona-se com o anúncio e o estabelecimento dos sinais do Reino de Deus, no qual a práxis cristã desempenha um duplo papel na dimensão da Igreja e do mundo.<sup>94</sup>

Na formulação da missão da Igreja ocorre este duplo movimento. Enquanto o

---

<sup>92</sup> Apud. ALBERICH, E. *Catequesis y práxis eclesial*. Madri, 1983, pp. 22-25.

<sup>93</sup> A respeito destas formas fundamentais de presença da Igreja no mundo, é preciso lembrar que existem outras dimensões, tais como a dimensão educacional e da saúde, que são relevantes para a relação entre a Igreja e a sociedade no processo de desenvolvimento histórico.

<sup>94</sup> FLORISTÁN, Casiano e TAMOYO, Juan-Jose. *Conceptos fundamentales de pastoral*. Ediciones Cristianad: Madri, 1983, p. 543.

primeiro é intra-eclesial e busca o aprofundamento do compromisso dos fiéis em relação ao seu testemunho no mundo, ou seja, no âmbito privado da fé cristã, por outro lado, o simples fato de enunciar estas duas dimensões da missão da Igreja, faz com que esta se desloque para fora do campo eclesial, mais especificamente para o mundo ou esfera pública.

Como serviço da palavra e fé teológica, Floristán afirma que a *martyria* é o aspecto profético, fundado como um dos elementos do triplice ofício de Cristo, e sua finalidade é “despertar a fé, desentranhar o sentido de Deus e revelar o horizonte cristão de projeto humano [que por sua vez] inclui a evangelização, o ensino e a interpretação teológica”.<sup>95</sup>

Num primeiro momento, a “ (...) práxis cristã é a proclamação, com atos e palavras, do evangelho do reino aos pobres e, a partir da justiça com os pobres, a todos os homens, com um propósito de conversão ao evangelho e ao seu mensageiro Jesus Cristo”.<sup>96</sup> Desta forma:

a evangelização deve ser testemunho e profissão de fé na experiência humana, signo de interpretação espiritual, manifestação do sentido da humanidade e anúncio explícito da obra de Jesus Cristo, revelador do Deus cristão.<sup>97</sup>

Esse primeiro momento se realiza com o objetivo de proclamar a experiência de fé, da práxis cristã na experiência humana do cotidiano, com a intenção última de explicitar a obra redentora de Cristo e do Deus que ele revela por meio da sua obra.

Em um segundo momento, a missão profética da Igreja se preocupa com a elaboração de uma teoria e prática cristã, relacionada com o processo de aprofundamento da fé cristã no cotidiano da mesma. Neste sentido, o ensino no

---

<sup>95</sup> Op. Cit. FLORISTÁN, Casiano, p. 211.

<sup>96</sup> Ibidem.

<sup>97</sup> Ibidem.

interior da Igreja tem como meta

(...) explicitar o sentido oferecido pela revelação com uma interpretação atual; ensinar os pontos essenciais da fé em sua história, conteúdos e atualidade; educar popularmente a vigência da fé e dos sacramentos e contribuir para a atualização do discurso cristão. <sup>98</sup>

Assim, na práxis cristã, a missão profética tem um papel fundamental no desenvolvimento interno da comunidade cristã que, por sua vez, é atualizada com a contextualização da sociedade contemporânea e do mundo cotidiano das práticas, onde a reflexão teológica representa um “pólo crítico e profético do discernimento, onde se ilumina a vida à luz do sentido cristão oferecido por Jesus... é a chamada conversão e transfiguração constantes”, que deve “analisar criticamente a vida dos cristãos e da Igreja, iluminar o cotidiano e confrontar a fé com a cultura, a técnica, a ciência, etc”. <sup>99</sup>

Falando especificamente a respeito da Teologia da Libertação, Floristán nos apresenta três virtudes teológicas: a profecia, a esperança e a caridade, onde a fé possui a dimensão de “memória crítica e subversiva de Jesus (...) frente a todo sistema que pretende estabelecer-se enclausurado sobre si mesmo”. <sup>100</sup> É também, neste sentido, que se desenvolve a práxis cristã. E ainda, a esperança é

como expectativa do futuro, confiança ativa nas promessas de Deus e ponto de partida na transformação do mundo; e a caridade como práxis do Espírito modificador de todo o dado (a realidade atual injusta) em busca permanente de uma nova sociedade justa. <sup>101</sup>

A missão profética da práxis cristã é acompanhada pela esperança e o amor provenientes da fé em Deus, que ofereceu a própria vida como sacrifício vivo por seu povo, a saber, o sacrifício oferecido por Cristo na cruz do calvário. Este sacrifício apresenta uma missão, lembrada constantemente no matiz protestante do

---

<sup>98</sup> Ibidem.

<sup>99</sup> Ibidem.

<sup>100</sup> Ibid., p. 163.

<sup>101</sup> Ibidem.

cristianismo, do qual é parte integrante o objeto de estudo deste trabalho, a Igreja Batista Independente, com a menção do famoso texto do grande comissionamento da Igreja ao mundo, no evangelho de Mateus.

É nesta dimensão da missão profética da Igreja <sup>102</sup>, e reflexiva da teologia prática, que relaciona-se o conteúdo da fé cristã evangélica com a cultura e as ciências em geral, que se apresenta como um dos elementos indispensáveis e indissociáveis para a análise das práticas sociais da Igreja de forma interdisciplinar.

### 1.3.3. A fraternidade solidária cristã – *koinonia*

No mundo contemporâneo há, claramente, uma desarticulação do indivíduo em relação aos grupos sociais, no que se refere às questões da coletividade humana. Dentre os elementos que estão na raiz desta crise da convivência humana comunitária, destacam-se: o processo de privatização das questões públicas por políticas neoliberais, a violência urbana que desloca o espaço de convivência pública mais ampla para um espaço de convivência privado e restrito, a despolitização do cidadão, o esvaziamento do espaço público, etc.

Além disso, problemas de ordem social como a exclusão, o individualismo

---

<sup>102</sup> Sobre a missão da Igreja veja também: BOSCH, David J.. *Missão transformadora*. São Leopoldo: Sinodal, 2002; LONGUINI NETO, L. *O Novo Rosto da Missão*. Viçosa: Ultimato, 2002; BLAUW, J. *A Natureza Missionária da Igreja*. São Paulo: ASTE, 1966; COMBLIN, Jose. *Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 1980. COSTAS, O. *Compromisso y Misión*. Colección CELEP, Caribe: 1979; *La Iglesia y su Misión Evangelizadora*. Buenos Aires: La Aurora, 1971; *Evangelización Contextual Fundamentos Teológicos y Pastorales*. San José: SBL, 1986; EKSTRÖM, Bertil. *História de Missões*. Campinas: CEMIBI, 1993; STEUERNAGEL, V. (ed.) *A Serviço do Reino - Um Compêndio sobre a Missão Integral da Igreja*. Belo Horizonte: Missão Editora, 1992 e *A Missão da Igreja - Uma Visão Panorâmica sobre os Desafios e Propostas de Missão para a Igreja na Antevéspera do Terceiro Milênio*. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994; ESCOBAR, Samuel. *Desafios da Igreja na América Latina: história, estratégia e teologia de missões*. Viçosa: Ultimato, 1997.

exacerbado, o mercado global/total, assolam as sociedades contemporâneas, o que torna urgente o debate das questões a respeito do tema da solidariedade humana.

É de extrema importância, para a sociedade contemporânea, enriquecer o debate e buscar aprofundar as questões a respeito de uma fraternidade solidária. Portanto, passa-se a apresentar agora aspectos dentro da perspectiva da práxis cristã, que é outro elemento indispensável para a análise das práticas sociais da Igreja.

A *koinonia*, no contexto da comunidade cristã, possui um elemento central, onde Cristo é o mestre que ministra aos fiéis ou crentes, que se reúnem em

comunhão mediante a instituição primária da comunidade cristã. Se reúnem em assembléia para conhecer experimentalmente a sabedoria de Deus e poder confrontá-la com todos os problemas do processo humano histórico, com objetivo de construir uma nova fraternidade.<sup>103</sup>

Desta forma, o desafio da comunhão entre os cristãos é construir, não apenas as bases de uma nova fraternidade, mas buscar instituir neste processo uma nova sociedade pautada na solidariedade. Floristán afirma que a *koinonia*, como serviço, é compreendida na sua dimensão *ad intra*, em outras palavras, possui a característica de desvelar o mistério da comunhão entre os cristãos, revelando a paternidade e o cuidado de Deus para com o homem.

O processo de construção dessa nova sociedade se dá na missão da Igreja por meio da evangelização, que busca anunciar a salvação de Deus à humanidade, consumada na vida e no ministério de Cristo. Para que haja eficácia na evangelização, segundo Floristán, é necessário aceitar como sujeito coletivo a obediência a Cristo, como autor e consumidor da fé, e ainda como

(...) sua obediência e as exigências libertadoras da palavra de Deus a partir da experiência cristã no Espírito Santo; denunciar profeticamente qualquer situação real de opressão, experimentando na própria carne as misérias do povo, e a anunciar a plena liberdade e o reino de justiça prometido por Deus, abrindo vias contínuas de reforma e de mudança ou

---

<sup>103</sup> Ibid., p. 212.

de conversão.<sup>104</sup>

Esta compreensão de obediência a Deus a partir da experiência do fiel representa um fundamento da práxis cristã, que se baseia na obediência a Cristo e, em especial, à escola profética da qual ele faz parte e que, por sua vez, a supera com a consolidação do plano divino de salvação humana, orquestrado e levado a cabo pelo próprio Cristo. Ele não é apenas mais um profeta, mas é aquele que vem para anunciar a chegada do Reino de Deus, de um reino solidário, de amor e de justiça.

É importante não esquecer que a obediência do fiel a Deus faz com que esse traga consigo a prática da denúncia profética diante das situações de opressão, a favor do mais fraco, do necessitado, do empobrecido.

A fraternidade solidária precisa ser vivenciada no cotidiano do fiel, de forma a alcançar as pessoas, nas mais variadas situações do dia-a-dia, buscando superar os obstáculos que limitam a experiência de fé, para se tornar práxis cristã de fraternidade solidária.

#### 1.3.4. A celebração da vida no cotidiano – *liturgia*

A liturgia serve fundamentalmente para a celebração do culto cristão, como “serviço de esperança [onde] Jesus aparece como sacerdote da Nova Aliança. Essa função também é conhecida como função *doxologia*”.<sup>105</sup> Para Floristán, a liturgia é algo que se faz, ou seja, é práxis “simbólica cristã da assembléia, reunião no

---

<sup>104</sup> Ibidem.

<sup>105</sup> Ibidem.

momento dado da comunidade dos crentes”.<sup>106</sup>

Esta compreensão da liturgia como algo que se faz, apresenta a práxis litúrgica, no caminho do culto cristão, como um elemento fundamental para ligar as crenças em um ritual sagrado, ordenado pelos símbolos cristãos da eucaristia e do *kerigma*, das boas novas do Reino de Deus em Cristo.

É na celebração que os fiéis reanimam sua fé no Cristo do evangelho, na esperança do seu Reino de justiça e paz. É no culto cristão que se ritualiza o cotidiano da fé, ao mesmo tempo, em uma dimensão pessoal e comunitária.

A liturgia possui o papel de organizar a celebração cristã, que se realiza comunitariamente, afirmando-se como uma “ação simbólica atualizadora da práxis pascal de Jesus o Cristo, que compreende toda a ação libertadora de Jesus (ou sua causa) até sua morte, sem esquecer a ação de Deus na ressurreição e doação do Espírito”.<sup>107</sup>

Portanto, a liturgia é práxis cristã que integra toda a ação libertadora de Cristo, que se constitui na sua vida (*ministério*), morte (*sacrifício*) e ressurreição (*consumação/glorificação*) do plano salvífico, juntamente com a presença dos carismas do Espírito Santo. Neste sentido,

a assembléia litúrgica, como cristalização da comunidade cristã, rememora o passado e participa o futuro religiosamente mediante a Escritura [que, por sua vez,] se proclamou desde o princípio como palavra sagrada na assembléia mediante uma práxis litúrgica comunitária.<sup>108</sup>

Verifica-se aqui, o papel central da escritura na práxis litúrgica. Para Floristán, existem quatro dimensões litúrgicas: 1) histórica ou história da salvação; 3) profética; 4) social e mística ou espiritualidade cristã. É correto afirmar que estas quatro

---

<sup>106</sup> Ibidem.

<sup>107</sup> Ibidem.

<sup>108</sup> Ibid., p. 547.

dimensões são importantes para a celebração da vida litúrgica da Igreja e, de forma especial, a dimensão profética e social são as duas dimensões litúrgicas fundamentais para o anúncio e denúncia, tanto para a comunidade eclesial como para o mundo contemporâneo. É o anúncio da salvação e redenção do homem e de toda a natureza, que é acompanhada da denúncia das estruturas que geram as injustiças sociais e degradação do ser humano.

### 1.3.5. Compromisso da práxis libertadora – *diakonia*

Este quarto e último âmbito, diz respeito a um elemento que é crucial para a análise das práticas sociais da Igreja, justamente por ser intrínseco à função *ad extra* da práxis cristã, a *diakonia*.

Como característica fundamental, temos que “ (...) revela o mistério da edificação do Reino fora das fronteiras da Igreja, por uma sociedade mais humana, a saber, mais justa e livre. Jesus aparece como primogênito da nova criação”.<sup>109</sup> Em outras palavras, a práxis de Jesus é paradigmática para a construção da nova sociedade mais humana, justa e livre.

Floristán afirma que esta práxis cristã corresponde à amplitude do

(...) exercício da existência no mundo. Todos os conhecimentos e técnicas estão ao serviço da transformação da realidade ou libertação, mediante a práxis da justiça. Aqui se luta contra toda opressão, dominação ou dependência frente a criação de uma nova sociedade.<sup>110</sup>

Neste âmbito da práxis cristã, busca-se o enfrentamento mais amplo dos elementos opressores da sociedade, dos instrumentos de dominação, em busca da

---

<sup>109</sup> Ibid., p. 213.

<sup>110</sup> Ibidem.

libertação integral do ser humano, para a construção da sociedade nova e do homem novo.

Para Kjell Nordstokke, apesar do tema da *diakonia* estar muito à margem de formulações teológicas próprias, normalmente distribuídas junto a outras áreas teológicas e, ligada muitas vezes no passado com o assistencialismo, nos últimos 30 anos, tem ocorrido que “a experiência latino-americana tem provocado uma reflexão mais persistente sobre a relação entre fé e sociedade e uma busca de ação para mudar e transformar situações de miséria e injustiça”.<sup>111</sup>

Neste sentido, a perspectiva da *diakonia* no contexto brasileiro está ligada a experiências que estão enraizadas “na luta do povo humilde, identificado com as iniciativas para resgatar a dignidade humana e construir a cidadania numa sociedade de conflitos profundos”.<sup>112</sup> Portanto, a *diakonia* se dá partir de uma perspectiva eclesial, onde a prática diaconal é marcada pela experiência da “comunidade e tem a sua lógica enraizada naquilo que a Igreja é, vive e espera”.<sup>113</sup>

Para Nordstokke, há três linhas específicas de compreensão do termo *diakonia*, a saber: 1) ação social a partir da motivação cristã; 2) uma forma específica do ministério eclesial; 3) é um princípio fundamental da Igreja. A primeira perspectiva de compreensão do termo *diakonia*, diz respeito à responsabilidade individual e comunitária do fiel como expressão de obediência a fé; a segunda forma relaciona a *diakonia* a um eventual departamento do ministério pastoral; e na terceira forma, a *diakonia* faz parte da reflexão sistemática-teológica e também como dimensão essencial da própria natureza da Igreja. A intenção de Nordstokke é

---

<sup>111</sup> NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 271.

<sup>112</sup> Op. Cit., NORDSTOKKE, Kjell, p. 268.

<sup>113</sup> Ibid., p. 271.

demonstrar que a compreensão mais ampla da *diakonia* é unívoca em todo o Novo Testamento que, por sua vez, é testemunha da diversidade da Igreja que ainda caminha para um processo de institucionalização.

Para Floristán, a *diakonia* é exatamente a “missão da Igreja no horizonte do reino de Deus, como seguimento de Cristo a partir do evangelho, que é chegada de Deus e libertação da escravidão e do pecado, é dizer, boa notícia aos pobres”.<sup>114</sup> Ela busca

superar as necessidades humanas, ainda as mais desesperadas, e intenta eliminar todas as barreiras de um mundo cujos pilares fundamentais se chamam justiça econômica, solidariedade social, liberdade política, tolerância de idéias e humanitarismo.<sup>115</sup>

Portanto, a *diakonia* é a atividade do fiel e da Igreja que se dá a partir da identidade cristã, diante de um contexto de sofrimento e injustiça com a finalidade de transformá-lo. Este é o elemento fundamental presente na práxis cristã, assemelhando-se à função da práxis social da Igreja, conceito que será aprofundado no decorrer desta pesquisa.

#### **1.4. PRÁXIS CRISTÃ E O EXERCÍCIO DA FÉ CIDADÃ: ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DA PASTORAL DA CIDADANIA**

Atualmente, uma importante contribuição para a análise das práticas sociais da Igreja diz respeito à práxis cristã, à luz da compreensão da fé e da cidadania.

---

<sup>114</sup> FLORISTÁN, Casiano. Servicio – diakonia. In: *Teología práctica: teoría y praxis de la acción pastoral*, p. 709.

<sup>115</sup> Ibid., pp. 709-10.

Castro desenvolve um rico diálogo entre a filosofia política e a pastoral, buscando aproximar estes conceitos, nos quais “ (...) o paradigma de cidadania torna-se referência valiosa para a elaboração de uma teologia e de uma pastoral que ajude os cristãos a viverem a fé cristã em suas múltiplas dimensões”.<sup>116</sup>

Para possibilitar a vivência cotidiana dessas múltiplas dimensões da fé cristã, Castro afirma que a

(...) desprivatização da fé representa um dos maiores desafios para aqueles que crêem na relevância do cristianismo para o estabelecimento de um mundo público mais democrático e, conseqüentemente, com maior justiça social.<sup>117</sup>

Essa desprivatização da fé é fundamental para a inserção do fiel (e da Igreja) no espaço público, e de extrema importância para a pesquisa das práticas sociais da Igreja. Por outro lado, o fiel está inserido no contexto social contemporâneo, onde há

(...) um sentimento generalizado de insegurança, de descontinuidade histórica, de desconfiança com relação ao futuro. É um mundo mais pluralista e eclético, em que convivem várias culturas e religiosidades diferentes. É um contexto fragmentado, sem tradições, marcado pelo subjetivismo. Neste contexto, o mais importante é viver hedonisticamente o presente, a experiência imediata, sem passado e sem futuro.<sup>118</sup>

Estes elementos não contribuem para o exercício da cidadania plena, e nem mesmo para o exercício da fé cidadã.

Em diálogo com a filosofia de Hannah Arendt, Castro afirma que a fé está “aprisionada à sua dimensão íntima e, como decorrência natural da decepção do ser humano moderno com o espaço público, há uma propensão de circunscrever-se ao âmbito da vida privada”.<sup>119</sup> Por esta razão, é necessário que o exercício interdisciplinar da Teologia Prática contribua para a ressignificação da fé no espaço público, por meio do paradigma da cidadania. Neste sentido, Castro nos apresenta a

---

<sup>116</sup> Op. Cit., CASTRO, Clovis Pinto de, p. 107.

<sup>117</sup> Ibidem.

<sup>118</sup> Ibid., p. 108.

<sup>119</sup> Ibid., p. 109.

fé sob três aspectos: 1) como crença, 2) como confiança e, 3) como ação, e afirma que a sua análise da fé dar-se-á sob o seu terceiro aspecto, “ (...) como ação, mas ação que não deixa de incluir, em sua expressão, os demais aspectos”.<sup>120</sup>

A fé, como ação à luz da cidadania, configura-se como fé cidadã, que, por sua vez, é compreendida por Castro como a

fé vista na perspectiva da ação, como fé participativa, que ativa a consciência ética do cristão, abrindo-lhe a possibilidade de inserção (testemunho) no espaço público, podendo assim expressar sua singularidade na pluralidade. É capaz de produzir milagres, não apenas transcendentais, mas como ‘interrupções de uma série qualquer de acontecimentos, de algum processo automático, em cujo contexto constituam o absolutamente inesperado’. O milagre para Arendt, é a capacidade humana de iniciar algo novo pela ação que interrompe os processos automatizados.<sup>121</sup>

Portanto, a fé cidadã é a ação humana singular, expressa no espaço público plural e capaz de instaurar algo novo.<sup>122</sup> Neste contexto, o sujeito da fé cidadã encontra-se como sujeito histórico da práxis cristã, cuja palavra e ação se manifestam no espaço público, com a intenção de instaurar o novo nas relações sociais, buscando superar processos sociais injustos e excludentes.

A fé cidadã representa, aqui, o instrumento próprio para a inserção dos cristãos no espaço público da pluralidade das ações humanas, para se constituir por meio da palavra e da ação, e promover “os milagres que gestarão um mundo novo”.<sup>123</sup> Nesse sentido, conclui Castro, o “exercício da cidadania, enquanto mediadora na relação entre a vida pública e privada, é um espaço singular para a

---

<sup>120</sup> Ibidem.

<sup>121</sup> Op. Cit., CASTRO, Clovis Pinto de, pp. 109-10.

<sup>122</sup> A respeito da ação, Castro fundamenta-se na compreensão de Arendt, afirmando que esta chama “ (...) à existência o que antes não existia mediante palavras e atos. Portanto, a ação pressupõe o mundo público (esfera da pluralidade) como espaço de expressão das singularidades.”, Op. Cit., CASTRO, Clovis Pinto de, p. 110. E ainda para Arendt a “pluralidade humana é a condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto de igualdade e diferença”. Cf. ARENDT, Hannah. *Condição humana*, p. 188.

<sup>123</sup> Op. Cit., CASTRO, Clovis Pinto de, p. 110.

concretização da fé cidadã”.<sup>124</sup>

Vejamos alguns dos elementos indispensáveis para o exercício da fé cidadã que, segundo Castro, corresponde à pastoral da cidadania que, por sua vez, representa esta inserção da Igreja intimamente ligada ao conceito do Reino de Deus: 1) a esfera da ação; 2) a formação do sujeito cidadão; 3) a esfera do poder local democrático; 4) paradigma missionário do *shalom*.

A pastoral da cidadania, nas palavras de Castro:

(...) deve viabilizar a discussão para se estabelecerem os fundamentos e referenciais norteadores da ação da Igreja no espaço público. Ela precisa ser fecunda, permanentemente, por uma teologia que incorpore a cidadania como categoria hermenêutica. Pastoral e cidadania são categorias que se entrecruzam no exercício da fé cidadã.<sup>125</sup>

#### 1.4.1. A esfera da ação humana no cotidiano

A fé cidadã é ação humana que se manifesta no espaço público, como já foi visto. Tal espaço é compreendido, a partir da filosofia de Arendt, como o espaço da palavra e da ação, que é o *locus* onde é possível instaurar o novo. Desta forma, a fé cidadã busca a práxis social da Igreja, mais efetivamente, no espaço público. Neste sentido, de acordo com Castro, a “ação constitui a essência da atividade política. Ação, nesse contexto, é entendida como o agir que possibilita a instauração do novo no espaço público”.<sup>126</sup>

O grande desafio para vivenciar a fé cristã no cotidiano dá-se, justamente, em razão de sua amplitude, quando se leva em consideração o significado de “ (...)”

---

<sup>124</sup> Ibidem.

<sup>125</sup> Ibid., p. 111.

<sup>126</sup> Ibid., p. 113.

palavras como: doação, serviço, compromisso, sacrifício, cruz, solidariedade, entre outras, que indicam a vivência de uma espiritualidade encarnada e com uma dimensão pública”.<sup>127</sup> Estes termos norteiam a práxis cristã, e sem estes elementos não há possibilidade de instauração de algo novo na sociedade.

Outra questão importante, no tocante à esfera da ação humana no espaço público, diz respeito à diferenciação apresentada por Castro entre o poder e a força. Para ele, o poder emerge do espaço público, juntamente com o debate dos negócios humanos, enquanto a força é intrínseca à característica do homem isolado, que “implica na necessidade de domínio sobre outros (impotência). Esse domínio é mantido pelo uso da força”.<sup>128</sup>

Com o uso da força, ao invés do poder, no espaço público, tolhe-se a liberdade do ser humano e favorece-se a manipulação do cidadão, em benefício de interesses individualistas, daqueles que oprimem pela força. Castro afirma que há uma “ (...) íntima ligação entre liberdade e ação”, na qual “ (...) as pessoas não adquirem a liberdade para depois agir, ao contrário, ao agirem instauram o espaço de liberdade”.<sup>129</sup>

Portanto, a fé cidadã deve incorporar na sua vivência a dimensão do poder, constituído no diálogo plural da esfera pública, assumindo posições que venham contribuir para instaurar a nova sociedade, pautada no exercício pleno da cidadania e da fé cristã.

---

<sup>127</sup> Ibid., p. 107.

<sup>128</sup> Ibid., p. 113.

<sup>129</sup> Ibid., p. 114.

#### 1.4.2. A formação do cidadão crítico e sujeito histórico

O conceito atual de cidadania e da formação cidadã é bastante recente. Por esta razão, é necessário que se produzam esforços coletivos para a popularização daquilo que se compreende como cidadania e, ao mesmo tempo, quais são as instâncias de atuação do cidadão.

Neste sentido, a pastoral da cidadania busca estabelecer os fundamentos para a conceituação e a atuação da fé cidadã, no contexto social e cultural contemporâneo, na sua perspectiva pedagógica. Na sua dimensão *ad intra*, a fé cidadã integra o conceito de cidadania e a fé cristã, e possibilita a formação crítica do cristão por meio do ensino do evangelho e da práxis de Cristo; na sua dimensão *ad extra*, busca ampliar os conhecimentos a respeito do pleno exercício da cidadania. Nas palavras de Castro: a “pastoral da cidadania constitui-se num processo contínuo de formação do sujeito cidadão visando o fortalecimento da democracia e à novidade do Reino de Deus”.<sup>130</sup>

Para Castro, “a pastoral da cidadania deve repropor a questão da liberdade na esfera da política”<sup>131</sup>, o seu papel é “ (...) educar para uma nova liberdade – liberdade de ação”.<sup>132</sup> Em razão do homem não existir de forma isolada no mundo, mas de relacionar-se com o mundo a partir de seus interesses comuns, Castro afirma que “a liberdade de ação reclama a consciência da pluralidade [onde] as pessoas compartilham suas preocupações e expectativas comuns”.<sup>133</sup>

---

<sup>130</sup> Ibid., p. 115.

<sup>131</sup> Ibidem.

<sup>132</sup> Ibidem

<sup>133</sup> Ibidem

Os ensinamentos cristãos, a respeito do seu testemunho no mundo, como sal da terra, luz do mundo, fermento em meio à massa, são lembrados por Castro como ensinamentos que reforçam a característica da fé cidadã, que deve ser vivida na dimensão do espaço público e não apenas no âmbito privado.

Castro conclui, afirmando que estas funções realizam um movimento dinâmico de aprendizagem, no qual há “sensibilização, conscientização, motivação e capacitação”.<sup>134</sup>

#### 1.4.3. A construção coletiva do poder local

A questão do poder, como construção coletiva que se dá no espaço público é, por sua vez, outra característica fundamental para o exercício pleno da cidadania e da fé cidadã. Neste sentido, por meio dos debates a respeito dos interesses comuns é que se organizam, e constituem, o poder democrático e popular, o que, para Castro, é o

fortalecimento do poder local e, naturalmente, do processo democrático. O espaço público do poder local pode ajudar a garantir a construção de uma cultura democrática. O espaço local é *locus* privilegiado de aprendizagem política e de formação do sujeito cidadão.<sup>135</sup>

É a partir da organização política, local e popular, que é gerado o aprendizado político e da cidadania, quando ocorre a formação do sujeito cidadão responsável e comprometido com a construção de uma sociedade democrática, pautada no exercício pleno da cidadania.

Castro lembra que, diante de novas condições existenciais da cultura contemporânea, é exigido um esforço da pastoral da cidadania, por meio de

---

<sup>134</sup> Ibid., p. 112.

<sup>135</sup> Ibid., p. 116.

(...) um trabalho de sensibilização e conscientização dos cristãos no sentido de ajudá-los a perceber a realidade das cidades com outros olhos e a descobrir a relevância do exercício de uma fé cidadã para consolidação de uma democracia não só política, mas com ética, justiça e igualdade social.<sup>136</sup>

Para Castro, a pastoral da cidadania é uma das forças do poder local, e tem condições de garantir mobilização e articulação popular permanente entre cristãos e não cristãos, promovendo a cidadania ativa e emancipada, atuando como parceira na democratização do poder local.<sup>137</sup>

Este âmbito do poder local exige, da fé cidadã, um exercício contínuo de diálogo na pluralidade do espaço público, que busca estabelecer “uma comunidade capaz de reverter o quadro de exclusão e marginalização presente na realidade da maioria das cidades brasileiras”.<sup>138</sup>

Aprender a cultura local, as relações de poder e a organização político-social dentro das particularidades de cada cidade é o papel da pastoral da cidadania, para que seja possível articular a fé cidadã no espaço público, local e complexo, promovendo a sensibilização e a conscientização da população para a democratização da política e do poder local.

#### 1.4.4. O paradigma missionário do *shalom*

A paz, ou paradigma missionário, do *shalom*, é o resultado da justiça e da “restauração de um mundo bom criado e restaurado por Deus”.<sup>139</sup> Este elemento da fé cidadã caracteriza a habitação humana, o mundo, como lugar bom, criado por

---

<sup>136</sup> Ibid., p. 118.

<sup>137</sup> Ibid., pp. 118-19.

<sup>138</sup> Ibid., p. 119.

<sup>139</sup> Ibid., p. 120.

Deus, e apresenta ao fiel o desafio e a possibilidade de restauração deste mundo, segundo o

(...) seu propósito de restauração, [onde] Deus vocaciona permanentemente, pessoas justas e íntegras; homens e mulheres compromissados com a justiça e o direito, na tentativa de (re) ordenar o mundo, ou seja, testemunhar no presente *eon*, numa tensão (*eschaton*), como resultado de uma nova aliança, uma aliança de paz (*shalom*).<sup>140</sup>

Percebe-se a importância da compreensão do paradigma missionário do *shalom*, exatamente porque ele não se restringe apenas a promover a paz, mas também a promover a justiça e o direito no mundo, a partir do exercício da fé cidadã. Neste sentido, Castro afirma que “viver a fé cidadã é viver na perspectiva do *shalom*, que é implementado pela prática da justiça (*mishpat* e *sedaqah*)”.<sup>141</sup>

Assim, a perspectiva de ação da fé cidadã deve possuir a dimensão presente, apresentando a necessidade imediata de agir e, ao mesmo tempo, estas ações ou práxis cristã, devem possuir uma perspectiva futura, onde realizar-se-ão plenamente. Para Guillermo Cook, a esperança que mobiliza o cristão é concreta, como esperança “(...) do reinado futuro, e também presente, de Jesus Cristo, Filho de Deus e filho do homem”<sup>142</sup>; por outro lado, a esperança cristã não é um sentimento individualista ou egoísta, mas “é solidária na sua amplitude, pois sua intenção alcança toda a Igreja e a toda humanidade. É também solidária na sua especificidade porque, na prática, envolve unicamente os que estão comprometidos com o projeto divino do Reino”.<sup>143</sup>

Este projeto divino se refere ao ministério reconciliador de Cristo, que segundo Cook, implicou na “ (...) aceitação do marginalizado e alienado, a

---

<sup>140</sup> Ibidem.

<sup>141</sup> Ibidem.

<sup>142</sup> COOK, Guillermo. *Hacia una Esperanza Solidaria en la Misión Evangelizadora*. In: Revista Pastoralia n. 19, dic. 1987, Año 9, p. 2. Disponível em [www.igrejadairmandade.org.br/pastoralia.htm](http://www.igrejadairmandade.org.br/pastoralia.htm). Consultado em 20 nov. 2006.

<sup>143</sup> Ibidem.

confrontação direta com as forças do mal – da vida com a morte – e seu resultado foi o *shalom*: libertação, reconciliação e redenção integral”.<sup>144</sup> Esta perspectiva da integralidade do ser humano, alvo da redenção divina, é fundamental para definir as práticas sociais da Igreja no presente e no futuro, tendo em vista estes elementos do *shalom*.

A respeito da esperança escatológica, Castro cita Boff que, por sua vez, afirma que “a esperança escatológica, a Igreja [deve seguir] desfraldando também a bandeira da esperança histórica (...) a história permanece aberta ao projeto divino e à invenção humana (...) é possível sonhar um mundo diferente”.<sup>145</sup>

Portanto, o desafio da pastoral da cidadania, a partir do paradigma missionário do *shalom*, é de

fomentar uma teologia e uma espiritualidade alicerçada numa compreensão mais ampla de justiça. Uma espiritualidade que saiba conjugar objetividade e subjetividade, singularidade e pluralidade, privado e público, oração e ação. Uma espiritualidade que incorpore o mundo público.<sup>146</sup>

Para o exercício da fé cidadã, é indispensável o compromisso com esse paradigma missionário e, ainda, que por meio de uma nova espiritualidade, seja incorporado o mundo público, como espaço legítimo para sua vivência e de influência, para se restaurar o mundo bom criado por Deus.

---

<sup>144</sup> Ibid., p. 5.

<sup>145</sup> BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o próximo milênio*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 32, cf. Op. Cit., CASTRO, Clovis Pinto de, p. 121.

<sup>146</sup> Ibidem.

### 1.5. DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR NA DEFINIÇÃO DO REFERENCIAL TEÓRICO PARA ANÁLISE DAS PRÁTICAS SOCIAIS DA IGREJA: POSSIBILIDADES E LIMITES

Como já foi dito, a pesquisa em Ciências da Religião possui um caráter interdisciplinar, que visa o diálogo entre os referenciais teóricos descritivos e analíticos. Neste sentido, o presente trabalho realiza um diálogo entre os referenciais apresentados, possibilitando a interface entre os mesmos, com vistas à análise do fenômeno religioso.

Entende-se que a pesquisa possui uma característica questionadora, sistemática, crítica e criativa que, nas palavras de Pedro Demo, é tudo isso, mais “a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”.<sup>147</sup>

Tem-se como princípio que esses referenciais servirão para estabelecer um marco ou quadro teórico, que “constitui o universo de princípios, categorias e conceitos, formando sistematicamente um conjunto logicamente coerente, dentro do qual o trabalho do pesquisador se fundamenta e se desenvolve”.<sup>148</sup> Sendo assim, apresentam-se os pontos comuns entre os referenciais, que contribuíram para a descrição e análise crítica das práticas sociais da Igreja.

O fio condutor entre a historiografia, a práxis social, a práxis cristã e a fé cidadã é exatamente a perspectiva interdisciplinar, utilizada pelos referenciais

---

<sup>147</sup> DEMO, Pedro. *Pesquisa e construção de conhecimento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 34.

<sup>148</sup> SEVERINO, Joaquim A.. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 162.

escolhidos na execução das suas pesquisas. Este elemento fundamental constituiu uma das bases de integração entre os autores e as obras citadas nesta pesquisa.

Uma das características fundamentais, que irão permear a pesquisa das práticas sociais da Igreja, diz respeito à orientação de Certeau com relação ao diálogo existente entre o lugar de produção das práticas sociais (passado), com uma prática ou atividade que se utiliza de métodos para realizar a leitura desta prática no passado, com a escrita de um texto, que visa a compreensão de um fenômeno de uma sociedade passada, buscando escrever a história no presente por meio dessa operação.

A respeito da diferença conceitual entre a prática social e a práxis social, a contribuição da filosofia da práxis de Vázquez é fundamental. Além disso, a compreensão de práxis social serve como paradigma que caracteriza a potencialidade da ação cristã como atividade que possui intenção de transformação da realidade social. Esta característica é fundamental para a práxis cristã no cotidiano e é potencializada por meio das práticas sociais da Igreja, por focar problemas sociais reais e buscar promover enfrentamento dos mesmos, com vistas à transformação de tal realidade.

Na teologia prática, destacam-se os subsídios para a análise paradigmática das práticas sociais da Igreja, a compreensão de Floristán referente à práxis cristã como práxis humana, que possui quatro características fundamentais: 1) é *ação criadora*, pois exige um elevado nível de consciência crítica e de criatividade; 2) é *ação reflexiva*, não mera prática, mas é preciso um alto grau de reflexão; 3) é *ação libertadora*, ou seja, o fim desta ação deve resultar em uma nova realidade, mais

humana e livre; e 4) é *ação radical*, objetiva transformar as bases econômicas, políticas e sociais para construir uma sociedade nova.<sup>149</sup>

O diálogo entre a fé e a cidadania é um dos estudos mais atuais a respeito da dimensão pública da Igreja. Também a concepção de Castro a respeito da fé cidadã, como práxis cristã que atualiza a fé no espaço público e que possui a capacidade de instaurar a nova sociedade. A dimensão da reconstrução do mundo bom criado por Deus, estabelecido a partir da justiça e do direito, o Reino do *Shalom*, é o paradigma missionário para a fé cidadã, sob a perspectiva da vivência da mesma; este é o desafio para a construção da nova sociedade.

Esses elementos proporcionam a construção de um referencial teórico adequado para realizar a descrição analítica dos fundamentos e do desenvolvimento das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro, com o propósito de compreender em que sentido estas práticas se desenvolveram na perspectiva da transformação social.

Este diálogo interdisciplinar – entre os referenciais teóricos – constitui a epistemologia das práticas sociais da Igreja, sob as quais serão descritas e analisadas as práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro.

---

<sup>149</sup> Op. Cit., FLORISTÁN, Casiano, pp. 181-182.

## 1.6. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DESTE CAPÍTULO

A importância de apresentar os referenciais deste trabalho está no fato de que se trata de uma pesquisa realizada na área das Ciências da Religião, que dialoga interdisciplinarmente com as Ciências Humanas. Além disto, pareceu indispensável expor a compreensão mais clara a respeito dos métodos a serem empregados, tanto na coleta e sistematização dos documentos, quanto na descrição e análise do fenômeno das práticas sociais da Igreja.

Buscou-se demonstrar, neste capítulo, as reflexões conceituais a respeito do tema da pesquisa, e os referenciais foram escolhidos na tentativa de que pudessem fornecer um instrumental de análise crítica das práticas sociais da Igreja, por meio de um diálogo interdisciplinar. Portanto, no próximo capítulo verificar-se-á a estratégia de inserção pública da Missão Batista Sueca, a partir da imigração sueca para o Brasil no interior do Rio Grande do Sul, sua identificação com as questões sociais e seu desenvolvimento como instituição religiosa no contexto brasileiro.

## CAPÍTULO 2

### A IMPLANTAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DA MISSÃO BATISTA SUECA NO BRASIL A PARTIR DO RIO GRANDE DO SUL

*O passado é uma reconstituição das sociedades e dos seres humanos de outrora por homens e para homens engajados na trama das sociedades humanas de hoje.*

Lucien Febvre

O objetivo deste capítulo é realizar a exposição documental relacionada à implantação e ao desenvolvimento do empreendimento missionário Batista sueco no Rio Grande do Sul e sua expansão no território nacional, e analisar sua estratégia de inserção na sociedade brasileira.

A primeira parte desta pesquisa – *das práticas sociais da Igreja* – viabiliza-se por meio da operação historiográfica que, na compreensão de Certeau, articula um lugar de produção a partir do qual “se instauram os métodos, (...) se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe serão propostas,

se organizam”.<sup>150</sup> Portanto, é a partir do lugar de produção das práticas sociais da Igreja Batista Independente que se realiza a análise dos documentos para a construção do texto.

O desafio da pesquisa – a respeito *das práticas sociais da Igreja* – é articular um lugar de produção do passado ao mundo contemporâneo, onde se localizam e se mobilizam os interesses socioculturais e político-econômicos que norteiam a pesquisa.<sup>151</sup> Portanto, segundo Lucien Lebrve, a operação historiográfica tem como meta reconstituir as práticas sociais da Igreja Batista Independente do passado para a sociedade humana do presente.

Neste sentido, Certeau afirma que, na ação que faz história, como operação historiográfica, é preciso levar em consideração um enraizamento do discurso, que

(...) hoje, não pode ser desligado de sua produção, tampouco o pode ser a práxis política, econômica ou religiosa, que muda as sociedades e que, num momento dado, torna possível tal ou qual tipo de compreensão científica.<sup>152</sup>

Desta forma, o tema das práticas sociais da Igreja Batista Independente possui uma preocupação fundamental, a saber: produzir um texto que compreenda determinado momento histórico e local de produção, que deve ser compreendido a rigor, como práxis política, econômica e religiosa do próprio sujeito religioso.

---

<sup>150</sup> Op. Cit., CERTEAU, Michel, p. 67.

<sup>151</sup> Para Certeau “Menos do que as intenções pessoais, então, as localizações sócio-culturais mobilizam o interesse e o tipo de pesquisa”, Ibid., p. 42.

<sup>152</sup> Ibid., p. 41.

## 2.1. A MISSÃO BATISTA SUECA E A RELAÇÃO COM O MOVIMENTO MISSIONÁRIO PROTESTANTE LATINO-AMERICANO

Comissionar homens, mulheres e famílias inteiras com o objetivo de levar a mensagem do Evangelho a todas as nações, sob o fundamento neotestamentário da Grande Comissão, pela qual todos os cristãos têm o compromisso de irem “ (...) até os confins da terra”.<sup>153</sup> Esta pode ser a síntese da mentalidade do movimento missionário expansionista protestante do início do século 20, cujo marco inicial é o Congresso Mundial de Missões realizado na cidade de Edimburgo, Escócia, no ano de 1910.

Nesse evento, entre outros temas, divergiu-se a respeito da compreensão dos novos campos missionários no mundo. Esta divergência se deu principalmente entre as agências missionárias americanas e inglesas. Os primeiros acreditavam que, apesar da presença católica na América Latina, o evento deveria reconhecer que o continente é campo legítimo para a ação missionária protestante, e o segundo grupo, representado por Igrejas protestantes históricas, em especial a Igreja Anglicana, entendia que não deveria haver uma nova representação do “cristianismo protestante, onde já havia alguma influência de outra igreja”.<sup>154</sup> Essa divergência fez com que alguns delegados presentes, em especial, os norte-americanos e canadenses, se reunissem para procurar contrapor essa idéia, por acreditar que o catolicismo era uma

---

<sup>153</sup> De acordo com o Evangelho segundo Mateus, capítulo 28, verso 19, “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei”, cf. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1985.

<sup>154</sup> PIEDRA, Arturo. *Evangelización protestante en América Latina: análisis de las razones que justificaron y promovieron la expansión protestante 1830-1960*. Tomo I. Quito: Departamento de Comunicaciones del Consejo Latinoamericano de Iglesias - CLAI, 2000, p. 114.

representação deturpada do cristianismo.

O resultado da controvérsia foi que a América Latina acabou recebendo forte influência missionária protestante, a partir das empresas missionárias norte-americanas, que não possuíam relação com o movimento ecumênico. Estas empresas missionárias estavam “ (...) baseadas sobre tudo em igrejas independentes nos países que enviavam missionários e estes necessitavam ampliar sua visão e aprofundar sua compreensão da história e da cultura da América Latina”.<sup>155</sup>

Posteriormente, organizou-se a Conferência de Missões Estrangeiras na América do Norte, que foi favorável à realização de atividades missionárias protestantes na América Latina. Este evento convocou a consulta sobre o trabalho protestante no continente, e foi realizado na cidade de Nova Iorque, em março de 1913.

Nesse ano, é formado o Comitê de Cooperação Latino-Americano (CCLA), presidido por Roberto Speer, que se reúne “ (...) com representantes de organizações missionárias que trabalhavam no México”<sup>156</sup>, na cidade de Cincinnati, Ohio. Além de discutir os problemas oriundos da revolução mexicana, o Comitê recomendou eliminar os esforços missionários duplicados, dos vários grupos religiosos neste país e, ainda, designou regiões específicas para a atuação de cada grupo missionário de acordo com a sua influência e aceitação local. Para Kessler e Nelson, este fenômeno ocorrerá repetidas vezes posteriormente em outros países latino-americanos, com alguma variação.

O Comitê de Cooperação Latino-Americano organiza, então, o Congresso de

---

<sup>155</sup> KESSLER, Juan e NELSON, Wilton M. Panamá 1916 y su impacto sobre el protestantismo latinoamericano. In.: *Oaxtepec 1978: Unidad y Mision en America Latina*. San José: Comite Editorial del CLAI: Consejo Latinoamericano de Iglesias (En Formación), 1980, p. 12.

<sup>156</sup> Ibid., p. 11.

Ação Cristã do Panamá, com data marcada entre os dias 10 e 20 de fevereiro de 1916.<sup>157</sup> Desde a abertura do Canal em 1914, este país havia se tornado a “encruzilhada do mundo”; segundo os organizadores, esta foi a razão da escolha do Panamá para sediar o evento.<sup>158</sup> Os participantes do Congresso eram, na maioria, missionários e executivos de empresas missionárias que vinham de países de fora da América Latina.<sup>159</sup>

O convite do Congresso foi redigido de forma aberta a todos os cristãos interessados em dialogar a respeito da atividade missionária na América Latina, e foi feito conforme segue:

Todas as comunhões ou organizações que aceitam a Jesus Cristo como Divino Salvador e Senhor, e as Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento como Palavra de Deus revelada, e cujo propósito é fazer que a vontade de Cristo prevaleça na América Latina, estão cordialmente convidados a participar no Congresso do Panamá e serão bem vindos de coração.<sup>160</sup>

As reações foram diversas. Enquanto o Bispo do Panamá rejeitou o convite, há o relato de um delegado protestante do Chile que, ao retornar ao seu país, foi recebido pelo Bispo católico com as seguintes palavras: “Nós não podemos completar a tarefa sozinhos. Além disso, temos perdido a influência sobre o povo. Se vocês podem proporcionar alguma inspiração para nosso povo, então, pelo menos eu estaria muito contente de ajudar com parte de nosso trabalho”.<sup>161</sup>

---

<sup>157</sup> Para Jean-Pierre Bastian este congresso foi “o congresso das sociedades missionárias que trabalhavam na América Latina”, cf. BASTIAN, Jean-Pierre. *História del protestantismo em América Latina*. México: Centro de Comunicación Cultural – CUPSA, A.C., 1990, p 159.

<sup>158</sup> Op. Cit., KESSLER, Juan e NELSON, Wilton M., p. 12.

<sup>159</sup> Os totais deste congresso foram: 481 pessoas participaram como ouvintes, 230 eram delegados oficiais, 74 convidados oficiais e 177 foi o número de frequência diária do Congresso. Ainda 159 vieram dos EUA, Grã-bretanha, Canadá, Espanha e Itália, 145 vieram de 18 países da América Latina, porém destes últimos, apenas 21 destes eram latino-americanos de nascimento, cf. Op. Cit., KESSLER, Juan e NELSON, Wilton M., p. 14.

<sup>160</sup> *Oaxtepec 1978: Unidad y Mision en America Latina*. San José: Comitê Editorial del CLAI: Consejo Latinoamericano de Iglesias (En Formación), 1980, p. 15.

<sup>161</sup> Op. Cit. KESSLER, Juan e NELSON, Wilton M., p. 16.

Após a realização do Congresso de Ação Cristã do Panamá, foi deflagrada uma série de outros encontros, conferências regionais e continentais, que se realizaram por toda América Latina. Estes eventos marcaram “ (...) o progresso da obra e refletem tanto a necessidade como o desejo apaixonado de um número cada vez maior de protestantes pela unidade e missão”.<sup>162</sup>

Com este pano de fundo, do Movimento Missionário Protestante Latino-Americano, pode-se então localizar a chegada da Missão Batista Sueca ao Brasil, que ocorre paralelamente aos eventos de Edimburgo e Panamá, no ano de 1912.

Apesar da *Örebromissionen* (Associação Missionária de Örebro)<sup>163</sup> parecer estar, de certa forma, influenciada pela visão européia de expansão missionária em direção ao oriente, é importante perceber que a influência do movimento avivalista da América do Norte é um elemento fundamental para o envio de missionários para o mundo.

A partir da experiência pessoal do pastor batista John Ongman, a Associação Missionária de Örebro tem em vista a atividade missionária sob frentes de trabalho: 1) local: entre igrejas suecas; 2) regional: entre países vizinhos e, por fim, 3) transcultural: caracterizada naquele momento pela China, Índia e África. O Brasil tornou-se um destes alvos de missão apenas em 1912, com a segunda tentativa de

---

<sup>162</sup> COSTAS, Orlando E. e GARCIA, Ana L. de, *Oaxtepec 1978: Unidad y Mision en America Latina*. San José: Comité Editorial del CLAI: Consejo Latinoamericano de Iglesias (En Formación), 1980, p. ii.

<sup>163</sup> A *Örebro Missiosförening* foi organizada por 25 membros da Igreja Batista de Örebro. No ano de 1892 passou a se chamar *Örebromissionen* e, atualmente, é conhecida como *Interact*. Esta Junta “ ‘é simplesmente um órgão para manter o trabalho evangélico na Pátria e no estrangeiro, dando prioridade aos países vizinhos.’ As Igrejas que geralmente cooperam com [ela] ou que nela têm um órgão mediador para sua missão no estrangeiro são, via de regra, Igrejas Batistas Independentes”. Op. Cit., *E Deus fez crescer*, p. 13, cf. BOSTRÖM, Joel. Junta Missionária de Örebro, Suécia. *Luz nas Trevas*. Santa Maria, Ano XXXV, dezembro de 1961. Edição Comemorativa, pp. 6-7. As Igrejas independentes compreendem aquelas que não são mantidas pelo Estado sueco, como foi o caso da Igreja Luterana até o ano de 2000. cf. JONSSON, Lars-Erik. A história da Missão de Örebro/Suécia. In. *História dos Batistas Independentes – apostilado*. Seminário Teológico Batista Independente: Campinas, 2003, p. 1.

implantação da atividade missionária sueca no país, com a chegada do missionário sueco Erik Jansson.

Ao comemorar o cinquentenário da presença da Missão Batista Sueca no Brasil, o secretário executivo Joel Boström, da então conhecida *Örebromissionen*, afirmou que, desde o início da atividade missionária na Índia, em 1908, atuavam no país 20 missionários; na República do Congo e na República da África Central, onde o trabalho teve início em 1919, eram mantidos 66 missionários; 3 missionários atuaram na Estônia no período de 1923 à 1935; no Japão iniciaram as atividades em 1950 e eram mantidos 17 missionários, 3 missionários no Nepal desde 1954 e 4 missionários no Paquistão a partir de 1958. Boström afirmou que, na década de 60, a Associação Missionária de Örebro mantinha 146 missionários em 6 países, deste total, 42 atuavam no Brasil.<sup>164</sup>

## **2.2. OS SUECOS A CAMINHO DO BRASIL: RETROSPECTO DA IMIGRAÇÃO SUECA ENTRE 1819 E 1970**

Os motivos pelos quais os imigrantes europeus vieram às terras brasileiras, relacionavam-se com o processo de industrialização e substituição da mão-de-obra humana por máquinas na Europa. Uma história de lutas, de miséria, de esperança e fé. A vinda para o continente americano era a possibilidade de construir um mundo melhor para os imigrantes e seus descendentes.

---

<sup>164</sup> Op. Cit., BÖSTROM, Joel, pp. 6-7.

Com o ideal da república democrática, foi “ (...) aprovada a Constituição em 1891 dos Estados Unidos do Brasil (...) se introduz o sistema salarial e o país se dirigiria à Europa para conseguir bons trabalhadores. Eles deviam desenvolver a nova economia”.<sup>165</sup> Neste período, inicia-se o novo processo de exploração de mão-de-obra no país, no qual o imigrante europeu desempenhou um papel de extrema importância para o desenvolvimento econômico do Brasil.

A nova lei de imigração, editada em 1890, proibia a imigração de africanos e asiáticos, porém, aos candidatos europeus que desejassem vir para o Brasil, oferecia-se: viagem gratuita, atendimento médico e auxílio para subsistência, estabelecimento nas colônias de acordo com a sua preferência, poderiam adquirir lotes de 15 hectares, receberem subsídios nos primeiros nove meses e possuir título provisório da propriedade.<sup>166</sup>

Em contrapartida, o governo brasileiro exigia que fossem famílias de agricultores e operários solteiros, entre 18 e 50 anos, saudáveis e sem antecedentes criminais. Por razões políticas e econômicas, os imigrantes europeus foram destinados para duas regiões específicas nas terras brasileiras, de acordo com Flodell

Os destinos específicos no Brasil foram os distritos do café em São Paulo, além dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nesse último estado fundaram-se colônias ao redor de Guarani das Missões no noroeste, as margens do rio Uruguai, onde pensavam construir a Nova Suécia.<sup>167</sup>

No Sudeste, os imigrantes supriram a carência de mão-de-obra no ciclo da produção agrícola, onde foram empregados imigrantes de várias etnias nas plantações de café e cana-de-açúcar. De acordo com Graham e Buarque de Holanda,

---

<sup>165</sup> Op. Cit., FLODELL, Sven Arne, p. 32.

<sup>166</sup> Cf. a transcrição de FLODELL, Sven Arne, p. 33.

<sup>167</sup> Ibidem.

São Paulo recebeu cerca de 400 mil imigrantes europeus até o ano de 1920.<sup>168</sup>

No ano de 1810, já havia chegado ao Brasil (São Paulo) um grupo de suecos de uma empresa sueca-brasileira; porém, de acordo com Flodell, os suecos eram apenas um pequeno grupo em relação à massa de imigrantes europeus. Desembarcaram no Brasil cerca de 250 mil alemães, 1,5 milhões de italianos e 1 milhão de portugueses. Além destes, também “ (...) outros grupos importantes foram os espanhóis e poloneses. No total chegaram aproximadamente 5 milhões durante os anos de 1875-1960”.<sup>169</sup>

A região sul se apresentava como um local de difícil adaptação, com matas fechadas e um terreno bastante acidentado. Isto dificultava o acesso e o deslocamento nas localidades do interior, sendo um desafio a ser transposto. O clima frio de invernos rigorosos também era obstáculo para a colonização nesta região.

O recrutador de mão-de-obra européia, Johan Dann, foi o responsável pela divulgação das terras brasileiras na Suécia e na Alemanha. A propaganda de colonização destas terras foi direcionada ao imigrante europeu, justamente porque o governo brasileiro acreditava que esses teriam melhor adaptação ao clima e geografia da região Sul e, conseqüentemente, sucesso no empreendimento da colonização.

Diante das adversidades vividas por muitos suecos, naqueles anos de miséria e conflitos na Suécia, e de farta publicidade a respeito de uma vida melhor na América, convenceram-se de que não adiantava esperar mais por uma solução da pátria-mãe, e decidiram buscar melhores condições de vida no Brasil. Flodell destaca outro fator importante na decisão para emigrar:

---

<sup>168</sup> Apud, GRAHAM, HOLANDA, Sérgio Buarque, cf. TORNQUIST, Carin, Os imigrantes suecos - apêndice-resumo de FRIBORG, Göran, *Brasiliensvenskarna, Emigrantinstitutets Skriftserie*, n. 5, 1988, p. 129.

<sup>169</sup> Op. Cit., FLODELL, Sven Arne., p. 25.

A amargura contra a sociedade sueca era muitas vezes a razão para emigrar. Quando a imprensa começou a publicar artigos sobre a imigração para o Brasil, a queda do Imperador e a política generosa aos imigrantes, os operários entendiam que a liberdade vinha do outro lado do Atlântico.<sup>170</sup>

Um importante jornal sueco, fundado em 1885 por August ‘Maestro’ Palm (1849-1922), o diário *Socialdemokraten* (Social Democrata), que foi dirigido pelo importante líder dos trabalhadores Hjalmar Branting (1860-1925), foi o responsável pela difusão de várias idéias políticas e sociais no país. Sua crítica social ecoava por todo o país entre intelectuais e operários e, no ano de 1896, Branting foi eleito deputado.

Flodell lembra que os idealizadores desse jornal compreendiam que a vida em sociedade se dava pela luta de classes e o interesse pelo poder. Porém, esta sociedade carecia de igualdade e justiça entre patrões e operários, homens e mulheres, e ainda defendiam uma “ (...) rebelião contra autoridades religiosas, políticas e culturais, a firme fé no desenvolvimento e no futuro”.<sup>171</sup>

Com a realização da assembléia, em 15 de março de 1891, ficaram resolvidas as razões pelas quais estavam emigrando os suecos para o Brasil, como segue:

A causa da emigração se deve as injustiças sociais. O poder que detém a classe que arrebatou os direitos dos trabalhadores: de tomar parte para resolver a situação social que dificulta sua existência e os que satisfazem sua necessidade intelectual.<sup>172</sup>

Após a aprovação pela assembléia em favor da emigração, nos dias 19 e 24 de maio do ano de 1891, dois grandes grupos de emigrantes suecos viajam para o Brasil. Essa notícia foi publicada no Social Democrata e lembra de fazer menção, da presença do comissário da polícia local, o senhor Sjögren. Também o jornal sueco Dagens Nyheter publica um artigo detalhado da despedida dos 200 emigrantes para o Brasil,

---

<sup>170</sup> Op. Cit., FLODELL, Sven Arne, pp. 34-35.

<sup>171</sup> Ibid., p. 34.

<sup>172</sup> Ibid., pp. 35-36.

trajando roupas de festa, onde se fez presente aproximadamente 10 mil suecos, que se despediram daqueles que vão em “ (...) busca da sorte que não encontraram aqui, em Estocolmo”.<sup>173</sup>

Um exemplo do tipo de publicidade que o governo brasileiro difundia pelos jornais e panfletos na Suécia, declara que

O Brasil é um país livre, totalmente livre. O emigrante europeu, oprimido pela canga militar e religiosa, encontra, quando desembarca, as idéias de liberdade modernas já plenamente realizadas, ao mesmo tempo em que é calorosamente recebido na nova pátria. No Brasil ele pode viver de acordo com a própria vontade sob as proteções de leis tolerantes e costumes agradáveis, independentemente se ele quer manter a nacionalidade original ou preferir se naturalizar brasileiro. Ninguém se surpreenda quando um filho de emigrantes pobres ascenderem aos cargos mais altos na nova pátria.<sup>174</sup>

Podemos afirmar que, com tantas dificuldades enfrentadas pelos suecos em relação ao processo de industrialização e de seus reflexos nas relações de produção, culminando na deterioração do tecido social e no aumento da miséria, as promessas pareciam como que “caídas do céu”. De fato, eram grandiosas aos olhos dos emigrantes; por outro lado, o Brasil estava muito longe de cumprir tais promessas e de tornar-se uma nação republicana e democrática.

Durante o período das imigrações européias, Flodell lembra que se transportaram muitas “esperanças e ambiciosos sonhos de viver em liberdade e enriquecer”<sup>175</sup> e, também, havia o pensamento de construir na América novas sociedades, onde, finalmente, fosse possível viver sob um regime de igualdade.

De acordo com Göran Friberg<sup>176</sup>, em sua obra a respeito da emigração sueca

---

<sup>173</sup> Ibid., p. 37.

<sup>174</sup> Extraído do folheto de propaganda publicado pelo escritório de emigração brasileira na Suécia, cf. EKSTRÖM, Leif Arthur. *Bön, Sinnrock & Kaffekvarn (A oração, a roca e o moedor de café): os vikings descobrem a América do Sul*. 2005. Monografia (Centro de Linguagem e Comunicação) Faculdade de Jornalismo – PUCCAMP, Campinas, p. 47.

<sup>175</sup> Op. Cit., FLODELL, Sven Arne, p. 15.

<sup>176</sup> FRIBORG, Göran, *Brasiliensvenskarna, Emigrantinstitutets Skriftserie*, n. 5, 1988, 132 p.

para o Brasil, chegaram ao país 8.335 mil <sup>177</sup> suecos entre os anos de 1819 e 1970. Em meados de 1860, período conhecido como os anos de miséria na Suécia (1868-1873), a emigração foi marcada majoritariamente por candidatos jovens e solteiros.<sup>178</sup> Porém, o governo brasileiro tinha interesse “ (...) em promover a vinda de famílias” <sup>179</sup>; neste período ocorre a primeira fase da imigração sueca para o Brasil. O sugestivo título dado por Flodell, “a expedição de Dann” <sup>180</sup>, demonstra a importância e o êxito que teve o recrutador Dann na Suécia.

Uma propaganda veiculada no jornal sueco *Fäderneslandet* sob o título *Para longe da Suécia! Vamos ao Brasil!* <sup>181</sup>, no dia 24 de abril de 1891, remonta o segundo período da emigração sueca para o país. Os anos de 1866-1891 são marcados pelo grande número de imigrantes que chegam ao Brasil. Friborg afirma que a crise econômica na Suécia, em especial, das “ (...) indústrias de extração de minério de ferro e serrarias” <sup>182</sup> da região Norte do país, é a razão do grande número de imigrantes. Neste período, a Suécia é marcada por dificuldades sociais e por conflitos gerados com o surgimento dos sindicatos no país.

A propaganda do jornal sueco é sintomática e representa também o desapontamento de muitos suecos em relação à pátria. Enfrentando dificuldades de sobrevivência na terra natal, não foi difícil recrutar grande número de emigrantes para a América. Estes imigrantes suecos participam da colonização da Linha Dona

---

<sup>177</sup> Op. Cit., TORNQUIST, Carin, p. 127.

<sup>178</sup> A propaganda do governo brasileiro na imprensa sueca remonta a primavera de 1891, apresentando novos atrativos para imigração ao país, de acordo com Flodell “(...) Brasil, emigración, fiebre brasileña. Alrededor de dos mil suecos aprovecharon los viajes gratis a Brasil”, cf. Op. Cit. FLODELL, Sven Arne, p. 26.

<sup>179</sup> Op. Cit., TORNQUIST, Ingrid M., TORNQUIST, Guido A., p. 13.

<sup>180</sup> Op. Cit., FLODELL, Sven Arne, p. 25.

<sup>181</sup> *Bort fran Sverige! Till Brasilien!* Chamada ilustrada no jornal *Fäderneslandet*, 29 de abril de 1891, Suécia, Op. Cit. EKSTRÖM, Leif Arthur, p. 32.

<sup>182</sup> Apud, FRIBORG, Göran, Op. Cit. TORNQUIST, Ingrid M., TORNQUIST, Guido A., pp. 13-14.

Otília e da Vila Guarany.<sup>183</sup> Nesta segunda localidade, entre imigrantes suecos e alemães, é estabelecida a primeira atividade da Missão Batista Sueca no Brasil.

Apesar da grande propaganda do governo brasileiro na imprensa sueca, no ano de 1891 já ecoavam advertências em relação às condições de vida no novo mundo, que

(...) muitos têm regressado do Brasil com suas esperanças frustradas, em parte porque o governo não tem cumprido as promessas que havia feito aos europeus. Em geral tratam de seduzir os emigrantes para substituir a mão-de-obra perdida pela abolição da escravatura.<sup>184</sup>

As advertências serão confirmadas no terceiro e último período da imigração sueca para o Brasil, ocorrida entre os anos de 1909 e 1911, marcada por grande fracasso. Cerca de 600 imigrantes, de um total de 756, pedem ajuda ao governo sueco para retornarem ao país de origem.<sup>185</sup> Em janeiro de 1912, o governo sueco “(...) decidiu pela repatriação dos imigrantes, oferecendo a viagem de volta à pátria”.<sup>186</sup> Em razão deste fracasso, o período foi marcado por grande debate na Suécia a respeito da imigração e seus riscos.

As dificuldades enfrentadas pelos imigrantes deste período, de acordo com Tornquist, deram-se em razão do número superior de imigrantes esperado pelo governo brasileiro, e a vinda de operários e mineiros, enquanto a necessidade brasileira para a colonização das terras da região Sul era de trabalhadores rurais. A maioria destes imigrantes suecos foram designados para a Vila Guarany e para Erechim.<sup>187</sup>

---

<sup>183</sup> Atualmente, correspondem respectivamente ao município de Santo Ângelo e Guarani das Missões, na Região Noroeste do Rio Grande do Sul. Op. Cit. TORNQUIST, Carin; Op. Cit. TORNQUIST, Ingrid M., TORNQUIST, Guido A., p. 14.

<sup>184</sup> Apud. *Enciclopédia Nordisk Familjebok*. Edição de 1905, p. 26.

<sup>185</sup> Op. Cit. TORNQUIST, Ingrid M., TORNQUIST, Guido A., p. 14.

<sup>186</sup> Op. Cit., TORNQUIST, Carin, p. 128.

<sup>187</sup> Op. Cit., TORNQUIST, Ingrid M., TORNQUIST, Guido A., p. 14.

De acordo com Ekström, esta localidade foi atingida por grande enchente, em outubro de 1891, uma das causas do fracasso da maioria dos imigrantes suecos na Vila Guarany: perderam toda a plantação e os bens que possuíam. Nesta ocasião, os suecos buscaram ajuda do governo brasileiro, que não lhes deu resposta alguma; por esta razão, decidiram buscar ajuda com o primeiro ministro sueco Karl Staaf, que acaba enviando “ (...) o cônsul, Axel Paulin, para visitar a região e este recomendou a repatriação dos suecos”.<sup>188</sup> Cerca de 300 imigrantes do Brasil e 200 da Argentina retornaram a Suécia.<sup>189</sup>

Ao analisar o fracasso da imigração dos suecos para o Brasil, Flodell afirma que a culpa é da imprensa operária, ou seja, dos jornais *Socialdemokraten* e o *Norrskensflamman*, juntamente com os partidos e grêmios que fomentaram a imigração. Segundo ele, os textos que haviam sido publicados em favor da imigração confirmavam este incentivo.

As regiões de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul receberam a maioria dos imigrantes suecos. No sul, foram fundadas colônias na região de Ijuí, sendo a Vila Guarany a localidade onde se iniciou a atividade missionária sueca no Brasil.

A inserção dos imigrantes suecos no Brasil, em especial na região Sul, deu-se, principalmente, em razão da metodologia de ocupação do território conhecido por colônias novas.<sup>190</sup> Neste processo, a imigração européia desempenhou “ (...) importante papel no processo de diversificação da agricultura e no processo de

---

<sup>188</sup> Op. Cit. EKSTRÖM, Leif Arthur, p. 54.

<sup>189</sup> Para ver as correspondências enviadas a autoridades suecas, veja FLODELL, Sven Arne, pp. 61-67.

<sup>190</sup> De acordo com Lazzarotto, esta nova etapa da colonização se deu a partir das colônias novas, como eram conhecidas no Rio Grande do Sul, a partir da fundação de Ijuí em 19 de outubro de 1890, enquanto que a primeira leva de imigrantes no estado, datada de 1875, era conhecida como colônias velhas. LAZZAROTTO, Danilo. *História de Ijuí*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002, p. 61.

urbanização e de industrialização, tendo influenciado, em grande parte, a arquitetura das cidades e, em suma, a paisagem físico-social brasileira”.<sup>191</sup>

Neste sentido, nos lembra Marques que os imigrantes de várias etnias contribuíram a partir das suas formas organizativas, como

fruto de um complexo de fatores, em que as relações e contradições próprias de uma economia mercantil baseada na pequena produção agrícola e no trabalho em regime familiar, estão associadas a um esforço de preservação da identidade ética e religiosa, como base de sustentação ideológica dos grupos dispersos pelas linhas coloniais e sob a forma de tradições culturais próprias: língua, religião e organização sociocultural (capelas, escolas, associações étnico-culturais, clubes de lazer e esporte).<sup>192</sup>

É largamente reconhecida a influência da imigração europeia na formação sócio-cultural e econômica do país, além de trazer em sua bagagem uma história de lutas e de esperança para construir uma vida melhor na nova sociedade multicultural. Neste amplo contexto da imigração europeia, inserem-se os imigrantes suecos e a Missão Batista Sueca no Brasil.

### **2.3. PRIMÓRDIOS DA ATIVIDADE MISSIONÁRIA BATISTA SUECA NA VILA GUARANY**

Ao realizar a descrição e análise dos primórdios da atividade missionária Batista Sueca na Vila Guarany, identifica-se o lugar, o ponto inicial e fundante das atividades missionárias suecas no Brasil. Como nos lembra Certeau,

a historiografia tende a provar que o lugar onde ela se produz é capaz de compreender o passado: estranho procedimento, que apresenta a morte,

---

<sup>191</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *A contribuição Alemã para formação da cultura brasileira*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 13 jul. 2006.

<sup>192</sup> MARQUES, Mario Osório (Ed.), *Etnias diferenciadas na formação de Ijuí*, p. 11 e *Universidade emergente: o ensino superior brasileiro em Ijuí (RS) de 1957 a 1983*. Ijuí: Fidene, 1985, p. 22.

corde sempre repetido no discurso, e que nega a perda, fingindo no presente o privilégio de recapitular o passado num saber. Trabalho da morte e trabalho contra a morte.<sup>193</sup>

Neste sentido de recapitular o passado num saber, passamos a apresentar a fase germinal do projeto missionário dos batistas suecos no Brasil, na tentativa de apreender suas motivações e apresentar os desdobramentos que seguirão no empreendimento da escrita de um texto, que depende de

(...) encontrar a morte que habita este lugar, *manifestá-la* por uma representação das relações com seu outro, e *combatê-la* através do trabalho de dominar intelectualmente a articulação de um querer particular com forças atuais.<sup>194</sup>

É especialmente necessária, para esta *manifestação*, a *relação* de alteridade, de *um* com o *outro*, no sentido de situar os eventos do *passado* que possibilitaram a implementação da atividade missionária dos batistas suecos, em relação à compreensão do *presente*.

Um dos elementos fundamentais da atividade missionária dos batistas suecos, como já foi dito, está intimamente ligado à presença de imigrantes suecos no Brasil, e em especial, na região Noroeste do Rio Grande do Sul. A política de colonização e as dificuldades enfrentadas na Suécia estimularam a vinda dos descendentes dos *vikings* ao continente americano. Foi pela necessidade de sobrevivência e o sonho de construir uma sociedade melhor para seus filhos, que os suecos se deslocaram rumo ao Brasil, trazendo consigo seus costumes, sua língua e sua religião.

No período em que ocorre a segunda fase da imigração sueca para o Brasil, no ano de 1892<sup>195</sup>, um imigrante sueco residente na cidade de São Paulo, chamado John Asblon, fez contatos com algumas organizações missionárias, pedindo que

---

<sup>193</sup> Op. Cit. CERTEAU, Michel, p. 17.

<sup>194</sup> Ibid., p. 22.

<sup>195</sup> Veja tópico sobre *Os suecos a caminho do Brasil: retrospecto da imigração sueca entre 1819 e 1970*.

enviassem ao Brasil um pastor ou missionário sueco. Uma destas cartas foi enviada a *Evangeliska Fosterlandsstiftelsen* (Fundação Evangélica em prol da Terra Natal), ligada à Igreja Luterana Sueca, da qual Asblon foi membro antes de emigrar ao Brasil, porém, não obteve resposta alguma. Ekström lembra que houve um outro contato com o Exército da Salvação <sup>196</sup>, que orientou Asblon a “ (...) se dirigir ao escritório da organização na Argentina”. <sup>197</sup> Não se tem notícias se ele obteve resposta ou se tenha feito algum contato com esse escritório latino-americano.

No mesmo ano, por intermédio de um jornal sueco, Asblon toma conhecimento da existência da Associação Missionária de Örebro, que fora fundada naquele ano e estava sob a direção do pastor John Ongman, com o qual fez contato, solicitando o envio de um missionário para o Brasil.

Nesta ocasião, o jovem estudante de teologia da Escola Missionária de Örebro <sup>198</sup>, Adolf Larsson, se candidatou para vir ao Brasil. Ele é aprovado pela Associação Missionária e dirige-se ao Brasil, com destino à cidade de São Paulo. Porém, ao chegar à cidade do Rio de Janeiro, no início do ano de 1894, é convidado por um missionário americano para acompanhá-lo na distribuição de literatura por alguns dias. Nesta escala de curta duração na cidade, Larsson coopera com a evangelização, distribuindo literatura cristã no porto, onde contrai febre amarela e

---

<sup>196</sup> Surgiu na Inglaterra no ano de 1865, contribuindo para o enfrentamento dos problemas sociais oriundos da Revolução Industrial “ (...) os primeiros salvacionistas lançaram-se na luta para aliviar a humanidade sofrida, tendo essa visão holística do ser humano como um todo complexo e indivisível. Assim é que, desde cedo, o "slogan": "sopa, sabão e salvação" tornou-se um marco do Exército, que abalou as estruturas e os métodos das igrejas da Inglaterra naquele período”, este movimento chega ao Brasil no ano de 1922 e identifica sua missão com a "Assistência e Promoção Social Exército de Salvação é identificar problemas sociais, assistir e promover, sem distinção, o ser humano, em nome de Jesus". Consultado em 16 jan. 2007. Disponível em <http://www.aproses.org.br>.

<sup>197</sup> Op. Cit., EKSTRÖM, Leif Arthur, p. 60.

<sup>198</sup> “A história da Escola Missionária de Örebro está relacionada como os grandes avivamentos que, entre os anos de 1890 e 1907, atingiram a Suécia, especialmente Örebro (...) a 15 de setembro de 1908, as dependências da Igreja Filadélfia servem para a aula inaugural dessa abençoada escola e Ongman é eleito seu diretor”. *E Deus fez crescer: Jubileu de Prata da Convenção das Igrejas Batistas Independentes*. Campinas: Imprensa Batista, 1977, p. 13.

vem a falecer semanas depois na cidade de São Paulo. <sup>199</sup>

Dezoito anos mais tarde, no ano de 1910, é a vez de Carl Gustav Andersson<sup>200</sup>, imigrante sueco que vivia em uma das Colônias Novas, conhecida como Vila Guarany, no Rio Grande do Sul. Em sua carta ao jornalista Edelberg, da *Svenska Tribunen* (Tribuna Sueca), jornal da cidade de Örebro, Suécia, apresenta a situação dos imigrantes suecos naquela localidade e pede que seja enviado um missionário para apoiá-los nas terras brasileiras. <sup>201</sup>

A carta de Andersson foi publicada com a manchete “Um grito macedônio”, no dia 29 de março de 1911, fazendo referência ao episódio da visão do apóstolo Paulo, relatado no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 16, verso 9: “Vem para Macedônia e ajuda-nos!”. <sup>202</sup> Entre outras coisas, Andersson faz menção dos poucos obstáculos para um missionário chegar até o Brasil em relação à África e à Índia, que possuíam várias doenças e animais selvagens, além disso, ele menciona a visita do pastor Frederik Franssen, da Igreja da Aliança Sueca, que se compadeceu com a situação dos imigrantes e prometeu o envio de um missionário. No entanto, Franssen falece nos Estados Unidos da América antes de voltar à Suécia. <sup>203</sup>

O pedido de Andersson chega ao conhecimento da Associação Missionária de

---

<sup>199</sup> JANSSON, Erik. *Under Söders Kors*. Vol. 1. Ed. Örebro Missionförenings Förlag: Motala, 1941, p. 29; EKSTRÖM, Leif Arthur, p. 60; Op. Cit., *E Deus fez crescer*, pp. 16-17.

<sup>200</sup> “Gustavo Andersson, como era mais conhecido, viu a luz do dia 29 de julho de 1855, num belo verão sueco, em Västergötland, sendo batizado em Estocolmo aos 28 anos de idade. Em 1891 Gustavo imigrou para o Brasil, vindo radicar-se na Colônia Guarani, naquele tempo pertencente ao município de São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul, onde viviam várias famílias suecas”; cf. MENDES, Martinho. *Origem dos Batistas Independentes. Luz nas Trevas*, 10 de fev. 1962. Edição Comemorativa, p. 11.

<sup>201</sup> Op. Cit., FLODELL, Sven Arne, p. 92.

<sup>202</sup> Op. Cit., JANSSON, Erik, pp. 23-24.

<sup>203</sup> ANEXO A - Correspondência de Anders Gustav Andersson enviada a Tribuna Sueca.

Örebro, a qual aprova o envio de um missionário para o Brasil.<sup>204</sup> Na condição de fundador e dirigente da Escola Missionária de Örebro, John Ongman tinha a responsabilidade de encontrar um candidato para o Brasil e os recursos financeiros para custear o seu envio e sustento.

Neste período, a China estava aberta para o trabalho de missionários estrangeiros e, na Escola Missionária de Örebro, o sueco Erik Jansson, natural de Gagnef, estava a um ano da conclusão dos seus estudos teológicos e tinha um único objetivo: ser missionário na China. No dia 27 de outubro de 1911, Jansson procura o pastor Ongman em seu escritório para comunicar-lhe a sua decisão de ir para a China como missionário. Após ouvi-lo com muita atenção, Ongman declara: “Irmão Erik, você irá ao Brasil”.<sup>205</sup>

Por muitos anos, Jansson preparara-se para atuar como missionário na China. A notícia, sem dúvida alguma, causou-lhe espanto e inquietação, apesar de não fazê-lo mudar suas convicções. Após ter lido a carta do Brasil, Jansson devolve a carta a Ongman e responde: “Eu irei à China”.<sup>206</sup>

Após um período de crise, Jansson muda de idéia e aceita o desafio de vir ao Brasil, alterando radicalmente o seu projeto missionário para atender ao pedido de Ongman. Segundo ele, após passar por uma “crise espiritual”, teve uma experiência religiosa que o fez mudar de idéia e aceitar o desafio como direção divina.<sup>207</sup>

Sua decisão, um ano antes de ser designado ao campo missionário, poderia possibilitar os preparativos da Associação Missionária de Örebro, para financiar a

---

<sup>204</sup> Op. Cit., *E Deus fez crescer*, p. 16.

<sup>205</sup> Ibid., p. 18.

<sup>206</sup> Ibidem.

<sup>207</sup> ANEXO B – Relato de Erik Jansson sobre a viagem ao Brasil.

vinda do jovem missionário ao Brasil. No entanto, esta instituição passava por dificuldades financeiras e, na primavera de 1912, Jansson embarca para o Brasil, sem nenhuma garantia de que teria algum apoio financeiro da Junta Missionária de Örebro ou de qualquer outra fonte. Ao ser questionado por Jansson a respeito do seu sustento, Ongman declarou: “Irmão, tu terás que ir pela fé (...) tudo o que estiver ao nosso alcance faremos e oraremos por ti”<sup>208</sup>.

Ainda na Suécia, às vésperas do embarque para o Brasil, Jansson recebe uma carta de Andersson informando que os suecos da Vila Guarany estavam regressando à Suécia; porém, neste momento, o missionário já estava decidido: “ (...) vou de qualquer maneira porque seguramente haverá outras pessoas para pregar o Evangelho”.<sup>209</sup>

O jovem missionário sueco chega à cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, no dia 15 de junho de 1912, onde permanece hospedado na residência do pastor Alberto L. Duston. Jansson busca ambientar-se, participando dos cultos da Igreja Batista Brasileira e realizando visitas às famílias suecas estabelecidas na cidade.<sup>210</sup>

De acordo com Flodell, após este período de estudos e adaptação na cidade de Porto Alegre, Erik Jansson “ (...) viaja como os primeiros imigrantes através de Santa Maria, Passo Fundo e Cruz Alta, até Ijuí. Ali permaneceu um tempo congregando quarenta suecos aos domingos”.<sup>211</sup> O missionário foi calorosamente acolhido na sua passagem pelas colônias suecas.

No período de deslocamento e contato com os suecos que encontrava pelo

---

<sup>208</sup> Op. Cit., *E Deus fez crescer*, p. 19.

<sup>209</sup> Op. Cit., JANSSON, Erik, p. 43; Op. Cit., EKSTRÖM, Leif Arthur, p. 63; Op. Cit., FLODELL, Sven Arne, pp. 91-101.

<sup>210</sup> Op. Cit., *E Deus fez crescer*, p. 19.

<sup>211</sup> Op. Cit., FLODELL, Sven Arne, p. 93.

caminho, o missionário Jansson adquiria experiência, até chegar a Vila Guarany no dia 12 de setembro de 1912. De acordo com Ekström, três dias depois o missionário inicia suas atividades, realizando o primeiro culto na casa da família Andersson.

Aproximadamente dois anos mais tarde, no dia 7 de janeiro de 1914 <sup>212</sup>, acontece o primeiro batismo na Vila Guarany e, no dia 6 de setembro desse ano, é estabelecido o marco inicial dos Batistas Independentes no Brasil. De acordo com Persson, as pessoas batizadas eram suecas e membros de uma família luterana que recebera a visita do missionário <sup>213</sup>; logo após o batismo, foi fundada a primeira Igreja Batista Sueca no Brasil. <sup>214</sup> Sobre este evento, o missionário Jansson declara:

Do ponto de vista humano não foi grande coisa, mas espiritualmente foi algo magno. Além do mais, Gustav Andersson tinha certificado de batismo da igreja de Estocolmo. Em uma reunião posterior demos a ele as boas vindas a congregação. Desta maneira foi organizada a primeira congregação no Brasil. <sup>215</sup>

O missionário também lembra que, na Vila Ijuhy, há receptividade em relação à mensagem do evangelho e, por esta razão, solicita outro missionário para aquela localidade, afirmando que

Os suecos de Ijuí se mostram muito contentes com nossa visita. Eles recebem bem o missionário Carl Svensson com alegria. Sempre me disseram que se algum irmão viesse, por favor, que o enviassem a sua colônia. Que nos esqueçamos deles. Em Ijuí gozamos de um tempo de colheita espiritual. <sup>216</sup>

No dia 8 de junho de 1914, o missionário Jansson vai à cidade de Buenos Aires, na Argentina, para encontrar os missionários que vêm reforçar o trabalho da

---

<sup>212</sup> JONSSON, Lars-Erik. O trabalho em Guarany. In: *História dos Batistas Independentes – apostilado*. Seminário Teológico Batista Independente: Campinas, 2003, p. 8.

<sup>213</sup> PERSSON, Alfredo M. Papai me disse que naquele tempo era assim. *Luz nas Trevas*. Santa Maria, Ano XXXV, n. 12, dezembro de 1961. Edição Comemorativa, p. 4.

<sup>214</sup> Op. Cit., *E Deus fez crescer*, p. 19; Op. Cit., FLODELL, Sven Arne, p. 94.

<sup>215</sup> Ibidem.

<sup>216</sup> Ibidem.

missão batista sueca no Brasil: sua noiva Anna Malm <sup>217</sup> e Carl Elof Svensson <sup>218</sup>, que chegam para cooperar com a atividade missionária na Vila Guarany e Ijuhy. Neste mesmo ano, é inaugurada a capela Batista da Vila Guarany, construída com a colaboração dos batistas alemães e russos.

No ano seguinte, Svensson realiza o batismo de sete suecos. Nesta ocasião é fundada a Igreja Batista Independente de Ijuí, em janeiro de 1915. <sup>219</sup> No ano seguinte, chegam à região os missionários Carlos O. Welander e, logo após, os irmãos Carlos e Estela Sundbeck e Ester Matensson. <sup>220</sup>

O princípio das atividades da missão batista sueca no Brasil ocorreu especificamente na Vila Guarany e Vila Ijuhy, estas localidades estão situadas na região Noroeste do Rio Grande Sul.

Alfredo Persson faz um relato de como era a rotina do missionário Jansson naqueles anos, a partir da experiência do seu pai que, por várias vezes, acompanhou o missionário em viagens:

O sol desaparece atrás dos azulados montes de nossas serras. A noite vem amena e fresca (...) o pastor contempla o firmamento, canta, ora, depois dorme. Tendo por cama o pelego, o arreo por travesseiro, a capa por cobertura e por teto o céu estrelado (...) Na solidão dos campos, há uma choupana, coberta de palha de milho e paredes de pau a pique. Chega o andante! É quase meia noite. Os cachorros o cercam, bate palmas e dá o: “ôde casa!”; pede pousada. Entrega o pingo; o patrão e o hospede tomam

---

<sup>217</sup> Nascida na Suécia no dia 28 de maio de 1886, converteu-se em 1903. Estudou na Escola Missionária de Örebro/Suécia, vindo para o Brasil em 1914, casou-se com Erik Jansson no dia 26 de junho do mesmo ano, com quem atuou ministerialmente. cf. SOCIEDADE MISSIONÁRIA BATISTA INDEPENDENTE. *Biografias dos Missionários e Pastores*, p. 1.

<sup>218</sup> Nascido na Suécia no dia 1 de setembro de 1884, converteu-se em 1903 e foi batizado em 13 de maio deste ano. Estudou por dois anos na Escola Missionária de Örebro, Suécia, vindo para o Brasil em 1914, atuou principalmente na cidade de Ijuí até o ano de 1921. Svensson tem algumas dificuldades com a Missão Batista Sueca ou Jansson e, acaba se desligando do trabalho sueco para atuar na CBB no estado do Espírito Santo, onde ele foi o pioneiro deste trabalho. Ele faleceu no dia 7 de setembro de 1952. cf. SOCIEDADE MISSIONÁRIA BATISTA INDEPENDENTE. *Biografias dos Missionários e Pastores*, p. 2.

<sup>219</sup> Op. Cit., FLODELL, Sven Arne, p. 95.

<sup>220</sup> Op. Cit.; *E Deus fez crescer*, p. 20.

chimarrão; a dona da casa depena a galinha e soca arroz no pilão.<sup>221</sup>

Esta descrição é muito peculiar no interior do Brasil, em especial, no Rio Grande do Sul, e a hospitalidade do gaúcho é conhecida por todos, sendo um dos seus traços fundamentais. Representado aqui, no ritual salutar de beber o chimarrão, bebida quente à base de erva mate (*ilex paraguarienses*), e compartilhado com o visitante na mesma cuia – recipiente feito à base de porungo ou cabaça – simbolizando a integração do homem simples da terra com o viajante que cavalga sobre o pampa gaúcho.

Esta prática gaúcha é descrita na música, nos costumes e na cultura como um traço fundamental da própria essência do gaúcho, retratado na letra da música regional dos irmãos Ramil: “ (...) puxa um banco e senta que tá na hora do chimarrão, é o sabor do pampa de boca em boca, de mão em mão... vem aquece a güela que te lava a alma e o coração”.<sup>222</sup>

#### **2.4. A IMPLANTAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO ESCOLAR SUECA E A IDENTIFICAÇÃO COM AS QUESTÕES SOCIAIS**

Um problema fundamental enfrentado pelos imigrantes europeus relacionava-se com as propagandas do governo brasileiro, que prometiam infra-estruturas inexistentes no interior do país, onde foram vendidas as terras e instaladas milhares

---

<sup>221</sup> Op. Cit., PERSSON, Alfredo M., p. 4.

<sup>222</sup> RAMIL, Kleiton, RAMIL, Kledir. “Roda de chimarrão”. Álbum Millennium. Polygram, 1998, faixa n. 18.

de famílias de imigrantes.

Flodell lembra a situação dos imigrantes no final do século 19, na qual

(...) a pobreza e a desocupação haviam obrigado a buscarem outra terra. O socialismo na Suécia havia transformado a sociedade lutando por justiça social. Se manifestava contra a igreja e a monarquia – e ainda o faz, apesar de funcionarem mais ligadas do que nunca. A igreja pregava contra o socialismo ateu. Mas algo havia ocorrido. Com o passar dos anos aproximaram-se um do outro. E o povo mesmo tem influenciado o desenvolvimento.<sup>223</sup>

A influência da visão socialista na Igreja é um fenômeno que ocorrerá posteriormente à imigração dos suecos para o Brasil. De qualquer forma, a promessa de um *novo mundo* que possibilitaria a construção de uma sociedade livre, mais justa e fraterna – coisa que não havia sido possível na pátria que ficava para trás – foi, sem dúvida, um grande atrativo para milhares de famílias, jovens e idosos, trazidos pelos navios até a América.

Porém, a realidade das Colônias Novas no Rio Grande do Sul, para onde se dirigiram a maioria dos suecos, era muito diferente do que esperavam os imigrantes. Por um lado, havia abundância de recursos naturais: “clima subtropical, regido por massas de ar tropicais e polares”<sup>224</sup>, grandes matas nativas, riquezas hidrográficas e solo fértil. De acordo com a narrativa do padre Cuber, “a terra, na sua maior parte, é muito fértil e retribui generosamente toda a sorte de plantações; em lugar algum falta água, porque são raros os lotes sem vertentes ou arroios”.<sup>225</sup> Por outro lado, a infraestrutura viária, o saneamento, a educação e o apoio do governo brasileiro na província sul-rio-grandense e aos imigrantes era pouco consistente.

Combinado a estes fatores, acrescenta-se a baixa, e até nenhuma, escolaridade

---

<sup>223</sup> Op. Cit. FLODELL, Sven Arne, p. 212.

<sup>224</sup> Apud. STRATHLER, Arthur, pp. 35 e 38. In: LAZZAROTTO, Danilo. *História de Ijuí*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002, p. 16.

<sup>225</sup> Apud. CUBER, Pe Antoni. *Nas margens do rio Uruguai*. Ijuí: Museu Antropológico Diretor Pestana, 1975. In: COLLING, A. M., RISTOW, B. A. *O ensino em Ijuí: do barracão à cidade universitária*. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 29.

dos imigrantes que chegaram ao Brasil que, com o passar do tempo e o nascimento dos filhos, viram sua situação se tornar ainda mais precária. A insuficiência de escolas para todos e as limitações em relação à língua portuguesa, reduziam muito as chances de acesso à escola, para a formação adequada dos novos cidadãos brasileiros.

Desde o Império, a educação no Brasil era obrigação do Estado. De acordo com Colling e Ristow, “ (...) o que se discutia era se este deveria ser voltado para a religião ou a para vida prática”.<sup>226</sup> Para as pesquisadoras, mesmo após a proclamação da República, a educação pública ainda era uma questão preocupante.

Essas pesquisadoras lembram que uma das questões debatidas dizia respeito à obrigatoriedade da frequência escolar e a profissionalização dos professores que, a partir da reforma do primário (equivalente ao ensino fundamental), amparada pelo decreto de fevereiro de 1897, “ (...) guiou-se pela garantia da estabilidade e aptidão moral do professorado, pela fiscalização severa e permanente, pela laicidade, liberdade e gratuidade no ensino, seguindo os moldes positivistas que orientavam a ação do governo gaúcho”.<sup>227</sup>

Apesar de estar assegurada por lei, a educação pública ainda teria longo caminho a percorrer. Como em qualquer regime político, a manutenção do poder é sempre tema de extrema importância e relevância para quem o detém. E foi com esta preocupação – a manutenção do poder – que o governo sul-rio-grandense buscou formar as elites do Estado criando a Escola de Engenharia em 1896.

Por outro lado, para que se alcançasse o progresso esperado, havia a necessidade de instituições destinadas à formação profissionalizante e técnica, que

---

<sup>226</sup> Op. Cit., COLLING, A. M., RISTOW, B. A., p. 17.

<sup>227</sup> Ibidem.

“(...) habilitava ao trabalho organizado e de bom nível, as classes subalternas”.<sup>228</sup>  
 Neste sentido, é criada a Faculdade de Farmácia (1895), a Escola de Partos (1895) e a Faculdade Livre de Medicina e Farmácia (1898), por influência da visão positivista do governo do Estado.<sup>229</sup>

Ainda em relação à manutenção do poder por intermédio da educação, Bourdieu nos lembra que

Segue-se que a construção do Estado está em pé de igualdade com a construção do *campo do poder*, entendido como espaço de jogo no interior do qual os detentores de capital (de diferentes tipos) lutam *particularmente* pelo poder sobre o Estado, isto é, sobre o capital estatal que assegura o poder sobre os diferentes tipos de capital e sobre sua reprodução (notadamente por meio da instituição escolas).<sup>230</sup>

Essa construção do campo de poder representa o embate das forças no campo social e político, na esfera pública pelo domínio do Estado e do capital educacional e social.

A construção de uma sociedade dá-se no espaço público. Para Bourdieu, este espaço é o campo de forças e campo de lutas, no qual seus “agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura”.<sup>231</sup> Bourdieu compreende que estes campos são exatamente “o motor da mudança (...) essas lutas que visam a conservar ou a transformar a relação de forças instituída no campo de produção têm, evidentemente, o efeito de conservar, ou de transformar, a estrutura do campo das forças que são instrumentos e alvos nessas lutas”.<sup>232</sup>

---

<sup>228</sup> Ibid., p. 19.

<sup>229</sup> A ideologia republicana e positivista permanece gravada na bandeira do Brasil sob a insígnia de “Ordem e Progresso”.

<sup>230</sup> BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996, pp. 99-100.

<sup>231</sup> Op. Cit., BOURDIEU, Pierre, p. 50.

<sup>232</sup> Ibid., p. 63.

Logo após atenderem as necessidades básicas de moradia e alimentação, de acordo com Colling e Ristow, os imigrantes buscaram estabelecer em sua nova comunidade o espaço destinado à vida espiritual e educacional: a Igreja. Esta é um dos núcleos centrais, e de fundamental importância que, conjugado às condições materiais, acompanhará todo o desenvolvimento e organização social das Colônias Novas. A este respeito, Colling e Ristow concluem que

No Rio Grande do Sul havia uma característica marcante na formação das comunidades coloniais do interior. Suas bases culturais e sociais fundamentavam-se em torno da igreja e da escola. Quase todos os grupos étnicos tinham essa prática (...) A organização religiosa de uma comunidade, sempre vinha acompanhada da implantação da instrução escolar.<sup>233</sup>

A solução para a questão educacional na região Noroeste do Rio Grande do Sul, começa a partir do ano de 1893, com a chegada do professor Roberto Roeber vindo da Alemanha, que inicia suas atividades na primeira escola particular. Posteriormente, ele se torna “ (...) professor da primeira escola pública (1896), que mais tarde tornou-se o Colégio Elementar e, hoje, Escola Estadual de 1º Grau Rui Barbosa (...)”.<sup>234</sup> Este é o primeiro registro de um empreendimento educacional na região da Vila Ijuhy.

Outra iniciativa educacional ocorre no dia 1 de fevereiro de 1899, em uma localidade denominada Linha 10 Leste, um distrito da Vila Ijuhy, que fora idealizada em uma parceria do professor André Gailis com o pastor Jahmis Inkis, da Igreja Batista Letta, que por sua vez, cedeu as dependências da Igreja para abrigar as atividades da “Aula Letta”<sup>235</sup>, como era conhecida.

Esta foi a primeira escola leta do Rio Grande do Sul, dirigida por professores

---

<sup>233</sup> Op. Cit., COLLING, A. M., RISTOW, B. A., p. 41.

<sup>234</sup> Op. Cit., LAZZAROTTO, Danilo, p. 59.

<sup>235</sup> Atualmente é denominada Escola Municipal André Gailis, homenagem ao imigrante leta que foi seu primeiro professor. Op. Cit., COLLING, A. M., RISTOW, B. A., p. 49.

letos durante o período de 40 anos. Foi pioneira ao introduzir no currículo, desde o primeiro ano, o ensino em língua portuguesa, além da língua leta e alemã. Sua história revela uma íntima ligação “ (...) à Igreja, comprovando a proximidade da educação, religião e cultura nas comunidades do interior”.<sup>236</sup>

Também no ano de 1899, a Comunidade Evangélica de Confissão Luterana funda a sua escola paroquial, dirigida pelo professor Max Trauning. De acordo com Lazzaroto, a escola teve continuidade “ (...) pelo primeiro pároco da comunidade, pastor Hermann Rosenfeldt, seguido (1908) com o professor Henrique Siedeberg. A escola é o atual Colégio Evangélico Augusto Pestana (CEAP)”.<sup>237</sup>

Em viagem ao Brasil no ano de 1907, para sondar novos campos para a atuação missionária na América do Sul, o pastor Fredrik Fransson, ligado à Igreja da Aliança Sueca, visita as colônias suecas em Barão do Triunfo, Vila Ijuhy e Vila Guarany. De acordo com Ekström, após ter contato com a realidade dos colonos suecos, o pastor batista faz o primeiro relato conhecido sobre a situação dos imigrantes suecos no Brasil.

Fransson relata que, durante o período em que esteve ocupado entre brasileiros e alemães, fora surpreendido com a existência de colônias suecas no Brasil. Nas palavras dele, “ (...) as informações que me foram dadas diziam que eram todos socialistas e ateus; que tinham deixado a Suécia para se verem livres do Estado e da Igreja”.<sup>238</sup>

Nestas visitas, ele constata que, de fato, alguns destes eram realmente ateus, mas a maioria havia recebido formação cristã na Igreja evangélica na Suécia e, há

---

<sup>236</sup> Ibid., p. 50.

<sup>237</sup> Op. Cit., LAZZAROTTO, Danilo, p. 60.

<sup>238</sup> Apud, FRANSSON, Frederik, *Carta à direção da Igreja da Aliança Sueca*, em 14 de dezembro de 1907, Op. Cit., EKSTRÖM, Leif Arthur, p. 60.

muito tempo estavam sem receber nenhum cuidado pastoral. Fransson observa que os imigrantes suecos

estavam há 17 anos sem a pregação da Palavra e agora estavam espiritualmente fracos, (...) fiquei profundamente comovido de ver filhos de suecos e jovens de 15-20 anos, que nem sequer sabem ler e escrever, não tiveram nenhuma catequese, quase nunca viram uma Bíblia e não têm nenhum conhecimento sobre o seu conteúdo.<sup>239</sup>

Durante estas visitas às colônias suecas, o pastor propõe o envio de uma professora da Suécia, com o objetivo de implantar escolas para os filhos dos imigrantes, para ensinar a cultura e o idioma sueco. Esta proposta é amplamente aceita pelos colonos<sup>240</sup>, porém, apesar da mútua motivação, o Brasil continuaria sem a presença missionária batista sueca e sem a escola sueca. Em agosto de 1908, falece nos Estados Unidos o pastor Fransson e, para Ekström, “ (...) morreu também, aparentemente, a preocupação com os colonos suecos”<sup>241</sup> no Brasil.

Por outro lado, Flodell apresenta um relato das memórias do imigrante sueco Evald Olsson (1916-2000), *Suecos en la selva*, onde ele afirma que “ (...) os suecos de Porto Lucena estavam muito preocupados com o ensino de seus filhos”<sup>242</sup> e, ainda, apresenta um boletim escolar de 25 de abril de 1898, assinado pelo professor Henrik Olsson.<sup>243</sup> De acordo com as memórias de Evald, foi o professor que se ofereceu para ensinar as disciplinas de leitura, escrita e matemática.

Considerando que a chegada de Henrik Olsson ao Brasil se dá no ano de 1891, período que remonta a segunda fase da imigração sueca (1866-1891), e o fato de constar no registro escolar a localidade da Vila Guarany, pode-se afirmar, com bastante segurança, que Olsson foi o primeiro professor sueco a ensinar na Vila

---

<sup>239</sup> Ibidem.

<sup>240</sup> Ibid., p. 61.

<sup>241</sup> Op. Cit., EKSTRÖM, Leif Arthur, p. 61.

<sup>242</sup> Op.cit., FLODELL, Sven Arne, p. 78.

<sup>243</sup> ANEXO C – Registro Escolar de John Albin Olsson.

Guarany. A primeira aula ministrada pelo missionário sueco Erik Jansson acontece provavelmente entre dias 26 de fevereiro e 26 de maio de 1913, período em que ele relata o início das atividades da Escola Sueca em sua primeira fase.<sup>244</sup>

Com a chegada do missionário Erik Jansson na Vila Guarany, em 12 de setembro de 1912, ocorre uma intensa atividade missionária. Já com alguma experiência acumulada por meio de contato com outras comunidades suecas no Brasil, o missionário vai de encontro ao anseio da comunidade e prioriza a educação das crianças e jovens, na tentativa de superar as dificuldades impostas pela realidade social da Vila Guarany.

No ano seguinte, o missionário toma a decisão de iniciar uma escola para suecos, buscando atender a demanda local que, no início, de acordo com Ekström, “(...) as aulas eram ministradas no quarto que Jansson alugava na casa dos Andersson”.<sup>245</sup> Por outro lado, esta escola acabou atraindo a atenção de outras etnias da região e “ (...) no primeiro semestre letivo eram 27 alunos matriculados. Para o segundo semestre: 34. Jansson teve que alugar uma sala maior para abrigar os alunos. No ano seguinte já eram 40”<sup>246</sup> alunos ao todo.

Diante da falta de recursos financeiros para custear o empreendimento educacional, e sem subsídio do Estado, “os pais formaram uma comissão para custear os materiais escolares”.<sup>247</sup> Assim, no dia primeiro de abril de 1918, surge a *Svenska Skolföreningen* (Associação Escolar Sueca); no mesmo ano, a escola é

---

<sup>244</sup> De acordo com estas cartas enviadas para John Ongman, Örebro, Suécia, no mês de fevereiro Jansson faz o pedido de materiais didáticos da Suécia para iniciar as atividades educacionais e na carta seguinte, comunica o início das atividades com um número de 27 alunos.

<sup>245</sup> Op. Cit., EKSTRÖM, Leif Arthur, p. 72.

<sup>246</sup> Ibid., pp. 72-73.

<sup>247</sup> De acordo com Flodell, também na região do Alto Uruguai por influência de Jansson, foi fundada em Porto Lucena uma associação de ensino em 1920. Op. Cit., FLODELL, Sven Arne, p. 95.

reconhecida pelo estado do Rio Grande do Sul, passando a receber subsídio mensal e, no ano de “ (...) 1922 o Conselho Nacional Sueco no Exterior o enviaria uma pequena ajuda”.<sup>248</sup>

Os estatutos da nova organização se resumiam em:

1º Reunir todos os suecos residentes no local para um trabalho em prol da Escola Sueca.

2º Apoiar economicamente a Escola no que se refere ao ensino, à ginástica e aos trabalhos manuais, etc.

3º Agir em prol da formação geral através de palestras, cânticos e cursos escolares.

4º Fazer com que, ao lado do idioma português, o sueco seja língua obrigatória no ensino da Escola.

5º Criar uma biblioteca.<sup>249</sup>

Ekström comenta que “elevar o nível intelectual dos colonos; quebrar o isolamento em que viviam – longe da Suécia, da cultura sueca -; e combater o alcoolismo cada vez mais freqüente entre os colonos”<sup>250</sup>, eram os principais objetivos da Associação Sueca da Vila Guarany.

Logo após a fundação da primeira Igreja Batista Sueca no Brasil, em 6 de setembro de 1914, e o início das atividades da Escola Sueca, Flodell lembra que havia sido fundada uma outra associação de suecos na Vila Guarany, que

fundaram um Clube Sueco, quando Erik Jansson já havia fundado sua escola e sua congregação batista. Aos domingos enviavam seus filhos a escola dominical e tanto ali como na escola utilizavam três idiomas: sueco, alemão e português. Como temos visto, somente um punhado de pessoas se tornou membro da Igreja Batista; mas tampouco havia naquele momento uma igreja luterana. Um descendente de Olof Nilsson diria no seu relato familiar: “Eu não mudei de religião por ter medo de me afogar no batismo, que era feito no rio Comandari, no lugar mais fundo”.<sup>251</sup>

De acordo com Flodell, a maioria das famílias suecas pertencia à Igreja Evangélica de Confissão Luterana, e isto poderia ser um indício da baixa adesão à Igreja Batista Sueca nesta comunidade.

---

<sup>248</sup> Ibid., p. 95.

<sup>249</sup> *Ata de Fundação da Associação “Svenska Skolföreningen”*, 1918, p. 3; Op. Cit., EKSTRÖM, Leif Arthur, pp. 73-74.

<sup>250</sup> Ibidem.

<sup>251</sup> Op. Cit., FLODELL, Sven Arne, p. 99.

Outra questão que trazia muita preocupação para a população da Vila Guarany, era a saúde pública. Até o ano de 1920, segundo Ekström, “ (...) não havia nenhum médico... Curandeiros, benzedeiros e charlatões eram comuns e muitos os consultavam quando necessário”.<sup>252</sup>

Jansson orientava a população para procurar ajuda na Vila Ijuhy, que possuía melhor infra-estrutura, porém, como as dificuldades de locomoção eram grandes, a distância de dois dias de viagem acabava favorecendo o curandeirismo. Ao registrar suas memórias, Jansson lembra que chegou a fazer pequenas cirurgias, sem entrar em detalhes, afirmando que não possuía nenhuma formação médica e que “ (...) os pacientes têm um pouco de medo da minha faca, mas para a necessidade não existe lei”.<sup>253</sup>

Somente com a chegada de Ana Malm, em 1914, os habitantes da Vila Guarany puderam receber um atendimento de saúde básico. Além da sua formação teológica, Ana tinha formação de enfermagem e era parteira. Ekström cita um relato de Edy Muxfeldt, que comprova a atividade da missionária sueca na área da saúde, afirmando “ (...) que os três irmãos mais velhos nasceram sob os cuidados de Ana em Guarani”.<sup>254</sup>

Uma última questão diz respeito a uma das mazelas sociais que até os dias de hoje representa um grande desafio para a sociedade: o alcoolismo. Este é um grande inimigo que atacava de forma generalizada os imigrantes no Brasil. Por várias razões, estes se entregavam as bebidas fortes, mais especificamente por questões relacionadas à imigração, a distância da pátria-mãe, os amigos e parentes e as

---

<sup>252</sup> Op. Cit., EKSTRÖM, Leif Arthur, p. 75.

<sup>253</sup> JANSSON, Erik. *Under Söders Kors*. Vol. 1. Ed. Örebro Missionförenings Förlag: Motala, 1941, p. 28.

<sup>254</sup> Op. Cit., EKSTRÖM, Leif Arthur, p. 76.

dificuldades enfrentadas para a adaptação nas colônias.

Na tentativa de reverter este quadro, que gerava uma série de problemas sociais, o missionário “Jansson decide fundar uma organização de combate ao álcool. Na constituição, no dia 22 de junho de 1914, havia 19 membros. No final do mesmo ano já eram 40”<sup>255</sup>. Esta organização foi de pouca duração, porém, mesmo não conseguindo eliminar totalmente o problema do alcoolismo do seio da comunidade sueca, segundo Ekström ela “ (...) contribuiu para que os colonos, agora sóbrios, aprendessem a organizar melhor a cultura e o cuidado das fazendas”.<sup>256</sup>

O problema dos vícios, de forma geral, é combatido sistematicamente pelos Batistas Independentes por muitos anos. Prova disto são as várias publicações no *Jornal Luz nas Trevas*, o periódico mensal e órgão oficial da denominação desde 1927, e outras publicações que combatem o consumo de álcool. Só para citar um exemplo, Santos, em um artigo da revista acadêmica, publicado em 1933, trata das doutrinas da Igreja Batista Independente, afirma que a Igreja

estimula os homens à prática da abstenção das bebidas alcoólicas, do fumo e dos narcóticos; combate o jogo e os vícios condenando os filmes de baixo padrão de moral e de decência, como estimuladores da depravação e da corrupção de costumes.<sup>257</sup>

Já na década de 30<sup>258</sup>, são ampliadas as atividades sociais da Missão Batista Sueca no Brasil, com a criação de um orfanato feminino e um asilo. A Igreja Evangélica Betel de Porto Alegre, funda, no dia 13 de maio de 1930, o Orfanato

---

<sup>255</sup> Ibid., pp. 76-77.

<sup>256</sup> Ibidem.

<sup>257</sup> SANTOS, Alcides. Síntese histórica das Igrejas Evangélicas de Santa Maria. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria*, Ano II, n. 2, Santa Maria: 1963/64, p. 120, ver também JANSSON, Erik. Os efeitos do uso de bebidas alcoólicas. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 66, Ano VII, fevereiro de 1933, p. 211; em relação ao cinema ver M. P. S. Que ganhas no cinema? *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 60, Ano VI, agosto de 1932, p. 122; jogos ver Não deve jogar. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 69, Ano VII, junho de 1933, p. 266.

<sup>258</sup> De acordo com Jonsson, “Por causa do movimento comunista e a desconfiança para com estrangeiros, os membros desta igreja foram para Argentina e a igreja foi dissolvida em 1930”. Op. Cit., JONSSON, Lars-Erik, p. 9.

Feminino Evangélico Betel, uma “ (...) instituição de caráter filantrópico e assistencial [para abrigar] indistinta e gratuitamente meninas desamparadas, especialmente órfãs”.<sup>259</sup>

A Igreja Batista Betel da cidade de Esteio, fica diante de uma situação de extrema carência da irmã Antonia da Silva, que está desamparada. Por esta razão, a Igreja a acolhe em suas dependências, e nesta ocasião surge a idéia de criar o Asilo Betel. No ano de 1949, iniciam-se as atividades do Asilo Betel, com o objetivo de amparar os idosos e “ (...) proporcionar aos velhinhos internados, o máximo de conforto e carinho cristão”.<sup>260</sup>

Considerando tudo que foi dito até aqui, constata-se que desde o princípio das atividades da Missão Batista Sueca no contexto brasileiro, há uma forte identificação com as questões sociais, em especial pela educação e saúde. Esta identificação se reflete na organização das instituições que pudessem suprir, de alguma forma, estas demandas sociais da época. O desenvolvimento e o detalhamento das práticas sociais realizadas por missionários e pastores locais serão apresentados, pormenorizadamente, no terceiro capítulo desta pesquisa.

---

<sup>259</sup> SPOHRE, Lisen Helena. Orfanato feminino. *Luz nas Trevas*. Santa Maria, dezembro de 1961. Edição Comemorativa, p. 22.

<sup>260</sup> Um lar para velhice. *Luz nas Trevas*. Santa Maria, dezembro de 1961. Edição Comemorativa, p. 22.

## 2.5. A ORGANIZAÇÃO E EXPANSÃO DA IGREJA BATISTA INDEPENDENTE NO BRASIL

Apesar das atividades missionárias da Missão Batista Sueca no Brasil terem começado na Vila Guarany, é na Vila Ijuhy onde há maior aceitação e adesão de novos fiéis. Esta colônia fora fundada no dia 19 de outubro de 1890 “ (...) sob a orientação da Comissão de Terras”<sup>261</sup> e, no ano de 1912, é emancipada, sendo o seu dirigente o engenheiro Augusto Pestana.

O missionário Carl Elof Svensson foi enviado para lá em junho de 1914, a pedido de Jansson, para desenvolver suas atividades de missionário. No dia 3 de janeiro de 1915, Svensson e mais sete suecos fundaram a Igreja Batista Independente na Vila Ijuhy. Cinco anos mais tarde, haviam se filiado à Igreja, através do batismo, 53 pessoas que, de acordo com Ekström, eram na maioria imigrantes suecos, alguns poloneses, alemães e também brasileiros.

A história do atual município de Ijuí e a atividade missionária sueca no Brasil possuem uma íntima relação. Além de abrigar um grupo considerável de famílias suecas, Ijuí também é o local onde se amplia com rapidez a atividade missionária Batista Sueca no Brasil.

No ano de 1919, é fundada a Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense, que tem como meta

promover em harmonia com a Sociedade Missionária de Örebro, Suécia, os interesses gerais do trabalho evangélico no Rio Grande do Sul, ligar as igrejas Batistas a um trabalho ativo, estimular a prosperidade das igrejas em particular, orientar quanto à fé e à doutrina Batista, dar aconselhamento e orientar quanto à boa comunhão de uma igreja para

---

<sup>261</sup> MARQUES, Mario Osório (Ed.), *Etnias diferenciadas na formação de Ijuí*. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 15.

com a outra.<sup>262</sup>

Esta Convenção não chega a ser uma instituição de caráter deliberativo, antes, realizava assembléias anuais com objetivo educacional, com as Escolas Bíblicas, e de edificação espiritual das igrejas participantes. Uma das razões que explicam esta perspectiva das assembléias é a predominância do poder nas mãos dos missionários suecos, justamente porque estes “ (...) consideravam que a realização de Escolas Bíblicas para os obreiros nacionais era um fator significativo à consolidação do trabalho das igrejas surgidas na fase pioneira”.<sup>263</sup>

As atividades missionárias da Missão Batista Sueca já contava com a cooperação de obreiros nacionais e estava se desenvolvendo bem. Por outro lado, sua atuação estava restrita ao Estado do Rio Grande do Sul, contando com cerca de 20 igrejas e algumas congregações.

No ano de 1938, ao aproximar-se do encontro anual, “ (...) os missionários sentem haver chegado o momento de confiar maiores atribuições aos obreiros nacionais”.<sup>264</sup> A justificativa se deu em razão da ampliação da atividade missionária e, mais ainda, da inquietação dos obreiros nacionais, que entendiam que havia necessidade de mais autonomia, considerando que os recursos financeiros e deliberativos estavam centralizados nas mãos dos missionários suecos.<sup>265</sup>

Astrogildo Marques Pacheco e Francisco da Silva são eleitos, respectivamente, presidente e secretário da Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-

---

<sup>262</sup> Op. Cit., *E Deus fez crescer*, p. 21.

<sup>263</sup> Ibidem.

<sup>264</sup> Ibid., p. 22.

<sup>265</sup> No Concílio Missionário realizado em 24 de abril de 1940, é aprovada a fundação da Sociedade Missionária Sul-Rio-Grandense, que nasce com a missão de concentrar esforços e recursos para a evangelização no estado, cuja finalidade era “ (...) a difusão da Palavra de Deus, cuidar da obra assistencial e educacional e congregar todos os missionários batistas independentes com residência no Brasil”. Op. Cit., *E Deus fez crescer*, p. 20.

Grandense. Durante a gestão dos líderes brasileiros, buscou-se implementar uma ampliação da organização jurídica e reestruturar suas atividades com o objetivo de obter mais resultados e cooperação no trabalho missionário. No entanto, esses planos não se concretizam, e, já no ano seguinte, o controle da direção da Convenção volta para os missionários suecos.

Somente a partir do ano de 1951 é que se instaura um processo de mudanças para a Convenção Evangélica Batista Sul-Rio-Grandense. As Igrejas e obreiros nacionais são estimulados, por correspondências dos obreiros nacionais Pedro Falcão, Noé Valêncio da Silva e Astrogildo Marques Pacheco, e afirmam a necessidade de se consolidar uma Convenção de fato e de direito.

Este movimento se dá basicamente por dois fatores fundamentais, relacionados com a própria sobrevivência das Igrejas Batistas Independentes. O primeiro fator estava relacionado à perspectiva expansionista da própria Missão Batista Sueca que lançou o fundamento destas Igrejas. Assim como outras Igrejas protestantes de missão, as Igrejas Batistas Independentes brasileiras também possuíam essa característica fundamental.

Neste sentido, todas as ações relacionadas à atividade missionária, dependiam do aval e do apoio dos missionários suecos, aí então surge o segundo fator, que diz respeito ao financiamento das atividades missionárias e da sustentabilidade das próprias Igrejas, que eram mantidas até aquele momento com recursos financeiros da Sociedade Missionária de Örebro, Suécia.<sup>266</sup>

Após 40 anos de atividade missionária dos Batistas Suecos no Brasil, é realizada, nos dias 21 a 24 de fevereiro na cidade de Ijuí, no Rio Grande do Sul, o

---

<sup>266</sup> Ibid., pp. 22-23.

encontro anual das Igrejas Batistas Independentes. Na sessão preliminar da Assembléia Anual, presidida pelo pastor Pedro Falcão, “ (...) iniciou-se os debates sobre a necessidade de organizar a Convenção numa ação de maior amplitude e unir as igrejas num órgão para um trabalho mais eficiente para a evangelização”.<sup>267</sup> Este era, com certeza, o grande tema desta Assembléia. O debate se delongou, ficando a resolução adiada para a próxima sessão.

No dia seguinte, após alguns debates e esclarecimentos, o plenário decidiu que a votação deveria ser aberta, sendo votado o tema para a criação de uma Convenção, que foi aprovado pela maioria. Estava fundada a Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil (CIEBIB).<sup>268</sup> No entanto, “ (...) os missionários suecos se abstiveram de votar, com exceção do missionário Arne Johnsson que votou a favor”.<sup>269</sup>

De acordo com o relato do obreiro nacional e presidente eleito nesta ocasião, o pastor Pedro Falcão, no dia 22 de fevereiro foram discutidos

(...) os assuntos num verdadeiro espírito de democracia. Foi num ambiente assim que, por proposta final do irmão Alcides G. dos Santos e por grande maioria de votos foi criada a Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil. Nesta mesma tarde tratou-se da abertura imediata de um trabalho, em Santa Rosa, primeiro campo de atividades da Convenção. Resolveu-se ainda sobre a reabertura do trabalho em Jaguarão. E como uma das grandes resoluções dessa magna assembléia foi votada a criação do Instituto Bíblico para o preparo de futuros obreiros, sendo escolhido como reitor o missionário Nils M. Angelin, o qual com grande eficiência vem dirigindo a nossa “escola de profetas”.<sup>270</sup>

Este foi, com certeza, um grande marco para o início da nacionalização das

---

<sup>267</sup> Ibid., p. 1.

<sup>268</sup> FALCÃO, Pedro. Como foi a primeira Assembléia Geral da CIEBIB. *Luz nas Trevas*. Santa Maria, n. 12, Ano XXXV, dezembro de 1961. Edição Comemorativa, p. 7.

<sup>269</sup> Ibid., p. 1.

<sup>270</sup> Ibid., p. 7.

atividades missionárias e de uma grande parceria entre a CIEBIB <sup>271</sup> e a Sociedade Missionária de Örebro. Essas decisões tiveram um papel importante no fortalecimento e coesão das Igrejas Batistas Independentes estabelecidas no Brasil.

Nessa ocasião, faziam parte desta irmandade de Igrejas Batistas Independentes 22 igrejas no Estado do Rio Grande do Sul, 2 igrejas no Estado de Santa Catarina e 4 igrejas no Estado de São Paulo. As Igrejas estavam assim distribuídas, no Estado de São Paulo: Campinas, Jundiaí, São Paulo, Santos e Sorocaba; no Estado do Paraná: Curitiba, Harmonia (Monte Alegre), Ponta Grossa, Nova Santa Rosa, Nova Sarandi e Rolândia; no Estado de Santa Catarina: Criciúma e Joaçaba e, por fim, no Estado do Rio Grande do Sul: Bajé, Cangussu, Carazinho, Cruz Alta, Esteio, Ijuí, Jaguarão, Novo Hamburgo, Pedro Osório, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Rio Grande, São Leopoldo, Santa Rosa, São Gabriel, Santa Maria, Santa Cruz do Sul e Tucunduva. <sup>272</sup>

Nesta ocasião, já estavam organizados o Instituto Bíblico de Ijuí, no Rio Grande do Sul, e o Jornal Luz nas Trevas, de 1927. No total de 37 obreiros envolvidos com as atividades missionária no Brasil, 29 atuavam no Rio Grande do Sul, 2 em Santa Catarina e 7 no Estado de São Paulo. <sup>273</sup>

O município de Ijuí comemorava 40 anos de emancipação no ano de 1952, e possuía uma população aproximada de 52.160 habitantes, com apenas 10.060

---

<sup>271</sup> No ano de 1966, na cidade de Ijuí por resolução plenária, a organização que congrega as Igrejas passa a denominada Convenção das Igrejas Batistas Independentes – CIBI. Op. Cit., *E Deus fez crescer*, pp. 23-24.

<sup>272</sup> Cinquenta anos de Missão no Brasil (...) e dez anos de Evangelização Pátria (...). *Luz nas Trevas*. Santa Maria, dezembro de 1961. Edição Comemorativa, p. 22.

<sup>273</sup> Cf. informações do Boletim n. 1 da Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil, 1954, pp. 5-7.

habitantes residentes na cidade.<sup>274</sup> Percebe-se neste período como era comum, em todo o território nacional, a maioria da população concentrar-se na área rural e a economia estar pautada na pecuária e na agricultura.

No ano de 1962, ao comemorar cinqüenta anos da presença missionária dos Batistas Suecos no Brasil, e dez anos da organização da CIEBIB, de acordo com o pastor Martinho Mendes, havia

(...) 39 igrejas com mais de cinco mil membros comungantes, mais de 60 pastores e missionários, um dos melhores jornais evangélicos do Brasil, revistas para Escola Dominical, uma Casa Editora, instituições de assistência social, educacionais, constituem as colunas fortes na estrutura da universal Igreja de Deus, zelando sem reservas pelas doutrinas bíblicas, pela pureza moral e elevação de espiritualidade cristã.<sup>275</sup>

Atualmente, o empreendimento missionário Batista Sueco no Brasil já não é mais de predominância dos suecos, mas congrega a matiz do povo brasileiro em todos os Estados da Federação. A Convenção das Igrejas Batistas Independentes, de acordo com o último senso denominacional, é representada por “ (...) 450 igrejas e aproximadamente 65 mil membros e está presente em todo território nacional”<sup>276</sup>.

## 2.6. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DESTE CAPÍTULO

Ao iniciar sua atividade missionária no Brasil, a Missão Batista Sueca se depara com uma série de problemas sociais, que vão muito além das questões ligadas

---

<sup>274</sup> Cf. Ata das Sessões da Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil, realizada na cidade de Ijuí, dias 22 a 24 de fevereiro de 1954, p. 1.

<sup>275</sup> Op. Cit., MENDES, Martinho, p. 11.

<sup>276</sup> Op. Cit., EKSTRÖM, Leif Arthur, p. 19.

à implantação de Igrejas no território brasileiro. Sem dúvida, estas questões permearam a estratégia de implantação da missão e da sua inserção pública no referido contexto social entre os brasileiros mas, principalmente, entre os imigrantes europeus que constituíram as Colônias Novas no Estado do Rio Grande do Sul.

Este dado caracteriza um protestantismo de missão, preocupado inicialmente em atender os imigrantes suecos, os quais haviam solicitado ajuda para se manterem próximos da sua fé e, ao mesmo tempo, manter seu vínculo com a terra natal, da qual haviam saído dadas as difíceis condições de sobrevivência, e na esperança de construir um mundo melhor no Brasil.

A identificação da Missão Batista Sueca com as questões sociais nasce no país de origem, que negara melhores condições de vida para suas filhas e filhos, os cidadãos suecos que emigraram para o continente americano. O movimento sindical, com a mobilização operária e o desejo popular de construção de uma nação socialista, alimentaram as esperanças dos imigrantes no Brasil. Este projeto não se concretizou aqui. Antes, os imigrantes suecos, juntamente com as outras etnias, precisaram aqui se organizar e lutar, para que pelo menos fosse possível gerar as condições mínimas de sobrevivência para suas famílias.

O Brasil representava um sonho frustrado. A superação desse cenário desesperançado se deu por meio de muito trabalho, sacrifício de vidas e esperança de um futuro melhor e digno. Foi em torno da religião e, no caso dos suecos, do protestantismo, que se organizaram, reconstruíram suas vidas e contribuíram de forma significativa para a construção da sociedade brasileira, onde também implantaram a Igreja Batista Independente.

Portanto, no próximo capítulo, tratar-se-á mais especificamente do fenômeno das práticas sociais no interior dessa Igreja, realizando uma exposição analítica das

práticas sociais institucionalizadas, os períodos históricos em que se realizaram e a sua estratégia de inserção na sociedade.

## CAPÍTULO 3

### **ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS SOCIAIS DA IGREJA BATISTA INDEPENDENTE NO CONTEXTO BRASILEIRO**

*Trabalhada na prática, a fé é decisiva; “a doutrina” tem então significado secundário. O que o homem considera como fé e como religião tem que converter-se sempre em uma ação prática. É nesse espírito que os homens podem encontrar paciência e amor.*

Sven Arne Flodell

A implantação da Igreja Batista Independente a partir do Rio Grande do Sul, descrita anteriormente, expandiu-se por todo o território nacional, inserindo-se nas mais variadas comunidades e municípios brasileiros, em capitais e no interior. A partir de agora, a tarefa passa a ser aprofundar a questão do desenvolvimento específico das práticas sociais da Igreja, que serão analisadas a partir do marco teórico da pesquisa – descrito no capítulo primeiro – apresentando os resultados desta descrição analítica no final do capítulo.

Porém, é necessário situar as práticas sociais da Igreja no contexto social contemporâneo, para que seja possível realizar uma abordagem crítica na descrição

da inserção pública da Igreja, tendo como ponto de partida as modificações do associativismo popular das décadas de 70 e 80, para uma nova dinâmica de articulação político-social, as Organizações Não-Governamentais.

### 3.1. O CONTEXTO DAS RELAÇÕES SOCIAIS NO MUNDO GLOBALIZADO

As sociedades contemporâneas – em especial a sociedade brasileira – estão diante de questões sociais que encerram os problemas relacionados a participação democrática, a organização da sociedade civil, o enfrentamento da fome, da violência urbana, do desemprego, da exclusão social etc., que demandam o posicionamento político do cidadão comum, como sujeito histórico de transformação social.

Nas décadas de 70 e 80, período pós-ditadura militar no Brasil <sup>277</sup>, os movimentos sociais se apresentavam diante do Estado como organismos da sociedade civil, capazes de mobilizar esforços em torno do processo de democratização nacional, que resultou na elaboração da Constituição Federal de 1988. <sup>278</sup>

Esses movimentos sociais, para Maria da Glória Gohn, constituíram-se como

---

<sup>277</sup> De acordo com Gohn, foi decisiva a participação das ONGs para o fim da ditadura militar. Segundo ela, “no Brasil, nos anos 70-80, as ONGs cidadãs estiveram por detrás da maioria dos movimentos sociais populares urbanos que delinearum um cenário de participação na sociedade civil, trazendo para a cena pública novos personagens, contribuindo decisivamente para a queda do regime militar e para transição democrática do país.” GOHN, Maria da Glória. O novo associativismo e o terceiro setor. In: *Serviço social e sociedade*, Ano XIX, n. 58, nov. 1998, p. 14.

<sup>278</sup> Neste sentido, o “próprio poder público passou a estimular a participação popular em órgãos colegiados, muitos deles criados a partir das exigências constitucionais; outros, ainda, decorrentes da vontade política de governantes com propostas de governo democráticas, como os orçamentos participativos utilizados como instrumento de gestão.” Op. Cit., GOHN, Maria da Glória, p. 10.

“elemento crucial não apenas para a consolidação do processo democrático das estruturas locais, mas também para garantir a própria existência deste processo no plano mais geral da nação”.<sup>279</sup> No entanto, a autora lembra também que as “formas, modos de manifestação e o modo de mobilização das pessoas se transformam”<sup>280</sup>, a partir de novas configurações político-econômicas, sócio-culturais e religiosas.

Para Gohn, é a partir das transformações da década de 80 que a sociedade civil se estruturou, com

ações a partir de redes sociais compostas por atores coletivos remanescentes de alguns movimentos sociais dos anos 80, ONGs (Organizações não-governamentais) de variados tipos, entidades de classe que apóiam os setores populares, departamentos específicos das universidades e de alguns órgãos públicos que desenvolvem trabalhos em parceria com entidades populares, voltados para a população, pequenas empresas organizadas sob a forma de cooperativas, etc.<sup>281</sup>

Um novo modelo de associativismo surge, diferentemente da militância dos movimentos populares das décadas de 70 e 80, mas ainda resistem as formas antigas de “mobilização e protestos de massa ou, em tristes casos, como práticas clientelistas e corporativas, estimuladas por grandes programas dos próprios órgãos públicos”.<sup>282</sup> As ONGs, como novas representações populares, contribuíram para a alteração das relações de enfrentamento das questões sociais da sociedade civil frente ao Estado.

A contribuição das ONGs foi indispensável, possibilitando a reconstrução do conceito e de um novo significado para a sociedade civil, mais para os direitos dos

---

<sup>279</sup> Op. Cit., GOHN, Maria da Glória, p. 10.

<sup>280</sup> Op. Cit., GOHN, Maria da Glória, p. 10.

<sup>281</sup> O novo associativismo, a partir das ONGs e Terceiro Setor, contribuíram para criar “novos espaços [que] assumiram outros sentidos, quer pela composição do grupo e da proposta política de alguns setores que ascenderam ao poder pelo voto – caso de algumas prefeituras e governos estaduais –, quer pela conjuntura macro-econômica que desativou áreas de intervenção direta do Estado e deslocou os incentivos para programas de parceria com entidades locais; quer para contra-restar outras forças políticas aliadas às elites conservadoras, que tentam abocanhar verbas e posições de comando nestes programas nacionais mais amplos, apresentados aos organismos financiadores internacionais como ‘políticas sociais de combate ao desemprego’.” Op. Cit., GOHN, Maria da Glória, pp. 10 e 12.

<sup>282</sup> *Ibidem*.

grupos e coletivos do que propriamente para os direitos do indivíduo – sentido originário do liberalismo.

Gohn afirma que, atualmente, as ONGs adquiriram autonomia, e “constituem um universo próprio no cenário organizativo, com inúmeras formas de expressão e espectros ideológico-político”<sup>283</sup>, ampliando suas ações a partir dos conceitos de gestão empresarial, e “autodenominam-se cidadãs, por se apresentarem como sendo sem fins lucrativos, atuam em áreas de problemas sociais cruciais como meninos e meninas em situação de risco, meio ambiente, alfabetização, direitos humanos etc”.<sup>284</sup>

Apesar das ONGs atuarem no espaço público, elas se caracterizam como instituições privadas, porém, públicas<sup>285</sup>, caracterizando o seu financiamento e interesse privado, em relação a sua atuação no oferecimento de serviços públicos à sociedade civil carente. O investimento em programas de combate efetivo da miséria e da exclusão social, de acordo com Rico,

“obriga” o Estado a estabelecer parcerias com a sociedade civil. A escassez de recursos faz parte de um cenário que praticamente coloca a responsabilidade civil do cidadão e do empresário como indispensáveis ao enfrentamento da questão social.<sup>286</sup>

Essa relação público/privado<sup>287</sup> das ONGs, para Ichope, se refere a ações

---

<sup>283</sup> Ibid., p. 13.

<sup>284</sup> Ibid., p. 14.

<sup>285</sup> Sobre a compreensão do âmbito do financiamento das ONGs no chamado terceiro setor, ver FERNANDES, Rubens Cesar. *Privado porém público: Terceiro Setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994; GIANNOTTI, José Arthur. “O público e o privado”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 2 abr. 1995; LUNA, Elba (compiladora). *Fondos privados, fines publicos – el empresario y la iniciativa social em America Latina*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 1995.

<sup>286</sup> RICO, Elizabeth de Melo. O empresariado, a filantropia e a questão social. In: *Serviço social e sociedade*, Ano XIX, n. 58, nov. 1998, p. 31.

<sup>287</sup> O debate contemporâneo a respeito da relação entre o interesse público e privado, entre Estado e mercado, sociedade civil e grupos corporativistas, tem se definido pela complexidade. Verifica-se a abrangência dos interesses políticos, econômicos e sociais, onde a presença do Estado limita-se em oferecer serviços mínimos a população, em razão da pressão do mercado e parte da sociedade civil organizada, muitas vezes, a elite defendendo seus próprios interesses e, por outro lado, a privatização de serviços que seriam públicos como educação, saúde, saneamento... passam por licitações e privatizações, para que sejam administradas pela iniciativa privada e se realize a manutenção dos postos de trabalho mantidos por estas empresas. Esta relação faz com que o Estado

realizadas sob o “ (...) ponto de vista do Segundo Setor, o mercado, designando o conjunto de ações que acontece no interior do Terceiro Setor – aquele que é público, porém privado”.<sup>288</sup> Desta forma, afirma Gohn, estas organizações

criam e desenvolvem frentes de trabalho em espaços públicos não-estatal, algumas nasceram por iniciativas de empresários privados, e muitas delas se apresentam juridicamente como Organizações Não-Governamentais de Desenvolvimento Social (ONGDS) ou, mais genericamente, terceiro setor.<sup>289</sup>

A autora afirma que esse fato ampliou um novo espaço de participação em nível do poder local, porém, este novo espaço é pouco ou nada politizado. Este é um dos problemas fundamentais deste tipo de organização que atua no Terceiro Setor.

Em relação à inserção crítica do cidadão em ações do Terceiro Setor, Montaño faz críticas severas a respeito – em especial no que se refere à conceituação do chamado Terceiro Setor – e afirma que:

O ator do “terceiro setor”, voluntário ou não, tende a comportar-se desta maneira, ocupando-se em atividades dentro de um sistema considerado como já dado e imutável. Tende a preocupar-se e agir de forma imediata sem crítica, sem visar a transformação, apenas algumas mudanças imediatas, localizadas, que respondam às suas carências diretas.<sup>290</sup>

O imediatismo das ações relacionadas ao enfrentamento das questões sociais no Terceiro Setor, para Montaño, se constitui como função social:

agir de modo desarticulado, imediato, direto, nos ‘problemas’ singulares, numa realidade destotalizada, deseconomizada, despolitizada, imutável, sem história. Este agente deixa de ser sujeito, passa a se materializar num sistema supra-histórico. Já não se faz a (nem se pensa na) história, mas apenas em *estórias*, singulares e cotidianas.<sup>291</sup>

Montaño lembra que o ano de 2001 foi dedicado internacionalmente como o

mantenha-se mínimo e, também, torna-se o provedor para a manutenção das empresas privadas. Esta é apenas uma, das várias questões relevantes a respeito das relações entre público e privado. Ver FERNANDES, Rubens Cesar. *Privado porém público: Terceiro Setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

<sup>288</sup> ICHOPE, Evelyn. In: GIFE. Terceiro Setor – desenvolvimento social sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, I e II.

<sup>289</sup> Op. Cit., GOHN, Maria da Glória, p. 14.

<sup>290</sup> MONTAÑO, Carlos. *Terceiro Setor e a questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 243.

<sup>291</sup> Ibidem.

ano do voluntariado, no qual foi “ (...) induzido a crer que sua atividade é criadora; porém ele apenas manipula, ocupa-se, preocupa-se com o já existente [esse] mundo objetivo e sensivelmente prático se dissolveu, se transformou em mundo dos significados traçados pela subjetividade humana”.<sup>292</sup> Nesse sentido, o voluntário do Terceiro Setor possui uma prática reprodutora que não cria algo novo.

Esse tipo de engajamento do cidadão não contribui para a construção da nova sociedade – por compreender o mundo como algo dado e imutável – mas apóia o projeto político neoliberal, no qual as atividades desenvolvidas no Terceiro Setor se tornam instrumentos para reprodução do capital.<sup>293</sup>

Por meio deste tipo de inserção, em resposta às questões sociais geradas pelo modelo excludente do mercado total, Montaño afirma que “na verdade, ele [cidadão] é que é instrumentalizado, manipulado, refuncionalizado para a reprodução do sistema que não conhece e considera como dado, estruturalmente inalterável”.<sup>294</sup>

A descentralização administrativa, a privatização e a transferência das respostas às seqüelas sociais para o Terceiro Setor é, para Montaño, a forma declarada da instrumentalização do projeto neoliberal de desresponsabilização estatal nas respostas às demandas sociais, para consolidar o Estado mínimo não intervencionista. Para Rico, esse contexto neoliberal é explicado justamente por:

ressuscitar o liberalismo econômico, onde o Estado tem um papel diminuto, enxuto, para enfrentar os dilemas das questões sociais postas e, portanto, necessita das parcerias com o mercado e com a sociedade civil para viabilizar programas de enfrentamento à exclusão social.<sup>295</sup>

No entanto, é preciso lembrar que está intrínseco a este projeto neoliberal,

---

<sup>292</sup> Ibid., p. 242.

<sup>293</sup> De acordo com Rico, este modelo neoliberal só é possível “se houver ‘colaboração do Estado. O capitalismo não se consolida sem a ajuda dos recursos públicos, seja mediante o ‘fundo público’ ou a ‘fundo perdido’.” Op. Cit., RICO, Elizabeth de Melo, p. 30.

<sup>294</sup> Op. Cit., MONTAÑO, Carlos, p. 243.

<sup>295</sup> Op. Cit., RICO, Elizabeth de Melo, p. 30.

segundo a autora, “o desemprego, o sucateamento da mão-de-obra. Aí reside uma grande contradição”<sup>296</sup> do próprio modelo, onde ele mesmo é o gerador dos problemas sociais e, a mesmo tempo, se apresenta como solução para estes.

No processo de globalização, os recursos públicos gerados pela arrecadação de impostos, são colocados à disposição e a serviço do “desenvolvimento econômico como um todo; independentemente de favorecer esta ou aquela classe social”.<sup>297</sup> Ou seja, estes recursos públicos acabam sendo utilizados no financiamento das ONGs em parceria com o Estado, para que cada instituição desenvolva as políticas públicas a partir da sua própria ideologia.

Outro elemento importante relacionado às ONGs e ao Terceiro Setor, diz respeito ao crescimento destes no cenário global. Para Gohn, este crescimento das ONGs tem configuração estratégica para a economia. Como prova desse novo mercado, a autora cita Drucker<sup>298</sup>, que denomina essa nova área de economia social como o segmento econômico que mais cresceu nos últimos anos e, também,

mais movimentou recursos, gerou empregos, e foi o mais lucrativo na economia norte-americana nos últimos vinte anos. Fundações e associações são criadas para promover o desenvolvimento econômico local, impedir a degradação ambiental, defender os direitos civis e agir em áreas onde a atuação do Estado é incipiente, como em relação aos idosos, problemática da mulher, dos índios, dos negros etc., ou é de triste memória como a das crianças nas ruas em situação de risco, em países como o Brasil.<sup>299</sup>

Na análise da responsabilidade social empresarial<sup>300</sup>, Rico apresenta números

---

<sup>296</sup> Ibidem.

<sup>297</sup> Ibidem.

<sup>298</sup> DRUCKER, Peter. *Administração de organizações sem fins lucrativos*. São Paulo: Pioneira/Fund. Vanzolini, 1991.

<sup>299</sup> Op. Cit., GOHN, Maria da Glória, p. 16.

<sup>300</sup> A responsabilidade social tem sido compreendida de diversas formas no contexto empresarial e na sociedade civil. Apesar disso, há um grande consenso que este conceito vai além das preocupações de maximizar dos resultados financeiros aos acionistas das empresas, atentando também às preocupações ligadas a uma conduta ético/legal, ecológica, filantrópica e sustentável, como uma contribuição positiva da empresa para sociedade civil. Citamos aqui a definição do Instituto Ethos

representativos dos investimentos no Terceiro Setor no mundo, que comprovam a tese de Drucker a respeito da chamada economia social. Ela demonstra que nos Estados Unidos, no ano de 1996, os investimentos em instituições sem fins lucrativos representaram 140 bilhões de dólares, além de empregar cerca de 9% da mão-de-obra no país, representando um promissor mercado de trabalho. Também na Alemanha, este investimento para a solução de problemas sociais, ONGs e Fundações Empresariais, representam 5% do total de empregos no país, e na França correspondem a 6% da mão-de-obra empregada. No Brasil foi investido, no chamado Terceiro Setor, aproximadamente 10,9 bilhões de reais. De acordo com Landin, no ano de 1995 estes investimentos chegaram à casa de 1,5% do PIB brasileiro <sup>301</sup>, dos quais, 61% foram gerados pelas próprias instituições, 12% correspondem aos recursos estatais e 26,1% se referem as doações de bens, moeda corrente, doação do trabalho de voluntários. <sup>302</sup> Para Rico, estes dados demonstram

---

de Responsabilidade Social, que possui uma ampla divulgação no contexto brasileiro: a “responsabilidade social foca a cadeia de negócios da empresa e engloba preocupações com o público maior (acionistas, funcionários, prestadores de serviço, fornecedores, consumidores, comunidade, governo e meio ambiente), cujas demandas e necessidade a empresa deve buscar entender e incorporar em seus negócios. Assim, a Responsabilidade Social trata diretamente dos negócios da empresa e como ela os conduz”, cf. INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL. *Responsabilidade Social das Empresas: a contribuição das universidades*. São Paulo: Peirópolis, 2002. Ver também, BORGER, Fernanda Gabriela. *Responsabilidade social: efeitos da atuação social na dinâmica empresarial*. Tese de Doutorado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2001; SOBREIRA, Rocilde Rodrigues. *A preservação do Cerrado no contexto da responsabilidade social das organizações: o caso do Instituto do Trópico Subúmido da Universidade Católica de Goiás*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina, 2002; ASHLEY, Patrícia A. [org] et. al. *Ética e responsabilidade social nos negócios*. São Paulo: Saraiva, 2002; OLIVEIRA NETO, Valdemar. Responsabilidade social no Brasil e no mundo. *Revista Mercado Global*. n. 107, p.51-54, jun. 2000; GALLEAZZO, Alan. *Responsabilidade social e as empresas brasileiras*. Disponível em: <http://www.crppr.org.br/artigos/03.htm>. Acesso em 10 mar. 2007.

<sup>301</sup> Szazi afirma que os investimentos no Terceiro Setor nos Estados Unidos, representam 6,3% do PIB, onde seus ativos são da ordem de 670 bilhões de dólares. Op. Cit. SZAZI, Eduardo, p. 21.

<sup>302</sup> Cf. LANDIN, Leilah, BERES, Neide. *Ocupações, despesas e recursos: as organizações sem fins lucrativos no Brasil*. Rio de Janeiro: Nau, 1999, p. 47. Um dos fenômenos que contribuem para esse crescimento de investimento está ligado ao grande número de fundações empresariais que tem surgido nos últimos anos e, recebido doações de grandes empresas como a Microsoft, do bilionário norte-americano Bill Gates. A Fundação Bill e Melinda Gates (Bill & Melinda Gates Foundation), iniciou suas atividades em 2000 com uma doação de Gates no valor de 5 bilhões de dólares.

que o Terceiro Setor “é um novo mercado de trabalho”<sup>303</sup>.

Citando Oliveira, para referir-se à necessidade da reprodução do capital, Rico conclui que “a reprodução do capital e da força de trabalho continua a ser função dos Estados nacionais que continuam, também, a contribuir para o fundo público ‘internacional’”<sup>304</sup>, que impedem os investimentos em programas locais para o enfrentamento dos problemas sociais.

Ao analisar as práticas sociais da Igreja é preciso levar em consideração e compreendê-la paralelamente aos fenômenos da exclusão social, do advento do Terceiro Setor, do projeto econômico neoliberal e dos movimentos da sociedade civil contemporânea no contexto de globalização.

As críticas de Montañó, Rico e Gohn referentes ao chamado Terceiro Setor, são válidas porque apontam para um desvelamento da ideologia do modelo econômico neoliberal e as fragilidades concernentes às atividades das ONGs, no tocante ao enfrentamento das questões sociais, o Estado e o mercado.

Por outro lado, é preciso que seja feita justiça às instituições que atualmente estão ligadas ao Terceiro Setor, mas que por muitos anos, bem antes do advento deste fenômeno global, já possuíam uma atuação efetiva ante os problemas sociais. Refiro-me especificamente às instituições religiosas, que muito provavelmente, desde a fundação das religiões, tiveram a preocupação de atender os necessitados, desamparados e excluídos socialmente. De uma forma geral, a Igreja sempre teve sua inserção pública de uma forma mais proselitista e assistencialista por um período

---

<sup>303</sup> Op. Cit. RICO, Elizabeth de Melo, pp. 36-37. De acordo com a divulgação do governo federal “a Rede de Informações do Terceiro Setor, em 1999, já havia 250 mil OSCIPs, empregando mais de 1,5 milhão de pessoas, além de muitos voluntários.” PROGRAMA TRANSPARÊNCIA. *Resultado de Programa de 2005 - Reconhecimento de Utilidade Pública*. Consultado em 15 jan. 2007. Disponível em [http://www.mj.gov.br/transparencia/Resultado\\_Programas/prog\\_014\\_link.htm](http://www.mj.gov.br/transparencia/Resultado_Programas/prog_014_link.htm).

<sup>304</sup> OLIVEIRA, Francisco de. “O surgimento do antivalor”. In: *Estudos do Sebrap*. São Paulo, n. 22, out. 1989, p. 9.

remoto, mas também, com as mudanças ocorridas no decorrer dos séculos, ela persiste em ser uma voz profética em meio às injustiças, desigualdades e à exclusão social.

Diante dos desafios da sociedade contemporânea, a Igreja Batista Independente entende que são necessárias ações diversificadas e a “implementação de uma nova visão metodológica, sempre aberta aos ajustes necessários à realidade e conjuntura social”<sup>305</sup>. Percebe-se que esta inserção pública da Igreja, por meio das práticas sociais, ocorre em três momentos distintos.

O primeiro período está localizado nas atividades dos missionários batistas suecos, pastores brasileiros e membros das comunidades locais, que elaboraram suas estratégias de inserção e atuação isoladamente (1912-1974).<sup>306</sup> Uma característica fundamental deste período é a iniciativa individual que, em razão do dinamismo das relações humanas, acaba envolvendo também a comunidade religiosa local em prol das práticas sociais.

No segundo período, a estratégia de inserção pública da Igreja passa a ter dimensão denominacional e nacional (1974-1986). Implica em um novo direcionamento das práticas sociais, cujo principal responsável é a figura do técnico social, notavelmente inserido nesse contexto batista independente, que tem o desafio de tornar a inserção pública da Igreja – por meio das práticas sociais – desenvolvida e ampliada nacionalmente. As assistentes sociais ligadas à Igreja Batista Independente é que irão coordenar e implementar novas metodologias para o desenvolvimento das práticas sociais no contexto brasileiro.

---

<sup>305</sup> SCHULZ, Almiro (coord.). *Histórico*. FEPAS: Campinas, 1998, p. 4.

<sup>306</sup> Devido à extensão do período de análise, é necessário dizer que o mesmo não corresponde às mudanças que ocorrem no contexto brasileiro e mundial, em razão das duas grandes guerras e da expansão do modelo econômico neoliberal. Antes, este período diz respeito a uma característica fundamental de inserção pública da Igreja Batista Independente, que se deu por meio da filantropia.

O terceiro período é construído sobre os fundamentos estabelecidos no período anterior. Diante das demandas nacionais e internacionais de cooperação e financiamento para instituições voltadas às práticas sociais da Igreja, houve a necessidade de fundar a Federação das Entidades e Projetos Assistenciais – FEPAS (1986).<sup>307</sup> Esta instituição se torna responsável pela organização, articulação e efetivação das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro, a partir de ações que pudessem contribuir para a otimização de recursos materiais e humanos.<sup>308</sup>

Neste período, é estabelecida uma profunda marca acerca das práticas sociais da Igreja, principalmente, no tocante à conscientização e à capacitação das pessoas envolvidas na efetivação das práticas sociais, tendo como ênfase uma “1) consciência bem clara de nossa responsabilidade social; 2) consciência da realidade atual do local; 3) reflexão contínua, com relação à nossa atuação; 4) conhecer os métodos de trabalho e 5) delimitar o nosso envolvimento em: a) ação social por amor ao próximo e b) ação social como meio para o evangelismo”.<sup>309</sup>

---

<sup>307</sup> Esse período é marcado pela conscientização e profissionalização que devem existir para dar início a um trabalho social: “(1) Consciência bem clara de nossa responsabilidade social; (2) Consciência da realidade atual do local; (3) Reflexão contínua, com relação à nossa atuação; (4) Conhecer os métodos de trabalho e (5) Delimitar o nosso envolvimento em: a) Ação social por amor ao próximo e b) Ação social como meio para o evangelismo.” Op. Cit., SCHULZ, Almiro, p. 3.

<sup>308</sup> Esta federação nasce, de acordo o registro da Ata de fundação, “Aos três dias de agosto de 1986, reuniram-se nas dependências do Seminário Teológico Batista Independente em Campinas, Estado de São Paulo, os membros da Diretoria do Departamento de Assistência Social (DAS) da Convenção das Igrejas Batistas Independentes (CIBI), para deliberar sobre a fundação de uma federação que agregue todas entidades de assistência social que atuam no âmbito da CIBI.” DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. *Ata da Reunião de Fundação*. Campinas, 30 de setembro de 1986.

<sup>309</sup> Op. Cit., SCHULZ, Almiro, p. 3.

### 3.2. PRIMEIRAS INICIATIVAS DE INSERÇÃO PÚBLICA DA IGREJA: AS PRÁTICAS SOCIAIS DOS MISSIONÁRIOS SUECOS E LIDERANÇAS BRASILEIRAS LOCAIS

A partir das hipóteses estabelecidas nesta pesquisa, que foram “colocadas como respostas plausíveis e provisórias para o problema de pesquisa (...) são provisórias porque poderão ser confirmadas ou refutadas com o desenvolvimento da pesquisa”<sup>310</sup>, a respeito das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro, passa-se à exposição dos resultados. Lembrando que haviam sido estabelecidas duas hipóteses, a saber:

Primeira hipótese:

*As práticas sociais da Igreja Batista Independente podem ser consideradas práxis social por objetivarem a transformação da sociedade.*

Segunda hipótese:

*Estas práticas sociais se conformam com o conteúdo do Reino de Deus e com o exercício da cidadania.*

As dificuldades relacionadas ao contexto social brasileiro, nas primeiras décadas do século 20, apresentavam-se como um grande desafio para a Igreja Protestante. Na inserção pública da Missão Batista Sueca no Brasil, os missionários eram confrontados com uma realidade desconcertante e com desafios sociais aparentemente intransponíveis.

Esta primeira fase de inserção pública da Igreja se deu ainda no período de gestação e implantação das primeiras igrejas, com a chegada e instalação dos primeiros missionários suecos no Estado do Rio Grande do Sul. Seu marco inicial é o

---

<sup>310</sup> Op. Cit., SILVA, Edna Lucia da, p. 82.

ano de 1912, quando chega o missionário sueco Erik Jansson, e se estende até o ano de 1974.

Logo no início das atividades do missionário, as condições sociais da população da Vila Guarany <sup>311</sup> se impuseram e demandaram ações que pudessem pelo menos amenizar o sofrimento e as dificuldades enfrentadas pelas famílias que lá viviam. Uma alternativa para a solução dos problemas sociais foi a implantação da Escola Sueca, para atender os filhos dos imigrantes suecos que não sabiam ler, escrever ou realizar operações básicas de matemática. A escola desenvolveu suas atividades paralelamente às atividades da Igreja.

No dia 3 de janeiro de 1913, Jansson envia uma carta para John Ongman na Suécia, informando-o das atividades, e relata que entre os imigrantes ali residentes, levantou-se o equivalente a 150 mil réis, destinados à aquisição de um terreno para construir uma Igreja e uma Escola. <sup>312</sup>

Esta propriedade tinha como objetivo oportunizar melhores condições materiais para a realização das atividades religiosas e educacionais, além disso, a comunidade local enfrentava carência espiritual e organizacional, e os imigrantes suecos eram desarticulados na Vila Guarany.

A aquisição do terreno foi apenas um passo. Outras dificuldades estavam à frente desse empreendimento e faltava praticamente toda a infra-estrutura,

---

<sup>311</sup> Esta vila situa-se na região do Alto Uruguai, noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Foi colonizada no ano de 1891 e, mais tarde chamou-se Colônia Guarani. No ano de 1919 torna-se distrito de São Luiz Gonzaga. O Decreto n. 7199 de 31 de março de 1938, a localidade é elevada à vila como todas as sedes de Distrito. Depois da consulta plebiscitária, emancipou-se Guarani das Missões em 31 de janeiro de 1959, com os territórios de Guarani das Missões. Estas informações estão disponíveis em <http://nutep.ea.ufrgs.br/munisRS/mun189.htm>.

<sup>312</sup> JANSSON, Erik. *Correspondência a John Ongman*. Vila Guarany, Rio Grande do Sul, 3 de janeiro de 1913. Em carta posterior, Jansson afirma que conseguiram levantar no final, um montante de 153 mil réis com o qual adquiriram um terreno na Vila Guarany, para construir a Igreja e a Escola.

principalmente para iniciar a Escola. Sendo assim, Jansson enviou outra correspondência à Suécia, solicitando materiais didáticos, de acordo com as seguintes especificações:

(...) 25 exemplares do livro ABC de Olof Resenberg, 15 exemplares do livro de matemática de A. Berg, 20 exemplares do livro História Bíblica de Axel Blomkvist, 15 exemplares de Ciências de P.E. Persson. Eu agora aluguei a casa na cidade de Guarany, como citei em minha carta anterior. O aluguel custa 30 mil réis por mês. Assim em posso cuidar melhor do trabalho. Vou começar a escola assim que eu tiver tudo arrumado. <sup>313</sup>

Jansson vivia em um quarto cedido, na casa de Anders Gustav Andersson – autor da carta enviada publicada na Tribuna Sueca –, e o local não era adequado para funcionar como sala de aula. Na segunda carta para Ongman, Jansson diz que alugou um imóvel e que, segundo ele, era necessário ter um espaço mais adequado para o funcionamento da Escola, onde ele poderia “cuidar melhor do trabalho”. <sup>314</sup>

Nesta correspondência, Jansson fala a respeito da construção, afirma que já haviam levantado a estrutura principal do prédio e ele havia conseguido um telhado que “se não chover serve”, mas ainda, diz que precisa de ajuda financeira no valor de 300 coroas suecas para finalizar a obra. Afirma que não recebeu o dinheiro dos Estados Unidos, mas agradece a Deus pela aquisição do terreno. <sup>315</sup>

Os pedidos de recursos financeiros nas correspondências de Jansson para Ongman eram constantes, por serem escassos entre os imigrantes suecos e por falta de recursos para o sustento pessoal do missionário. Apesar das dificuldades financeiras, o empreendimento missionário na Vila Guarany avança. Na terceira carta enviada à Suécia no dia 26 de maio de 1913, Jansson relata:

---

<sup>313</sup> JANSSON, Erik. *Correspondência a John Ongman*. Vila Guarany, Rio Grande do Sul, 26 de fevereiro de 1913.

<sup>314</sup> Ibidem.

<sup>315</sup> Esta propriedade, depois de muitos anos, será vendida em razão do final das atividades missionárias, na atual cidade de Guarani das Missões.

Tenho 27 crianças na escola e muitos outros gostariam de vir. Eu vou tentar receber trinta. Tenho algumas crianças brasileiras aqui também, mesmo que hoje haja duas escolas públicas aqui.<sup>316</sup>

Superadas algumas dificuldades iniciais, a atividade educacional tem seu início com o atendimento dos filhos dos imigrantes suecos, alemães, poloneses e brasileiros. Neste empreendimento educacional, Jansson precisa contextualizar o ensino da cultura e costumes suecos para a cultura brasileira em formação, principalmente, pela presença de várias etnias nas Colônias Novas.

A inserção de estudantes de outras etnias e, em especial, dos estudantes brasileiros, favoreceu na contextualização, por causa da necessidade de se utilizar a língua portuguesa. Esse fator contribuiu para a diminuição das barreiras lingüísticas e culturais do missionário. O desenvolvimento da Escola Sueca demonstra que o missionário Jansson teve considerável êxito no seu empreendimento educacional, justamente por contar com o apoio da comunidade local, que contribuiu para o sustento financeiro da escola, bem como do próprio missionário.

Com o passar dos meses, a Escola de Jansson avança. No mês de junho, ele informa Ongman que “agora temos 34 crianças”.<sup>317</sup> Um avanço significativo após o primeiro semestre de atividades, que supera a expectativa inicial, que pretendia receber apenas 30 estudantes. Ele também informa que recebeu as 300 coroas para comprar as tábuas e fechar as paredes da capela/escola, mas afirma que ainda não haviam conseguido concluir a obra. É provável que o tempo de chuvas constantes e o rigoroso frio gaúcho, peculiar daquela região, impediram a aplicação imediata dos recursos e, somente no mês de setembro foram adquiridas as tábuas e, então, foi

---

<sup>316</sup> JANSSON, Erik. *Correspondência a John Ongman*. Vila Guarany, Rio Grande do Sul, 26 de maio de 1913.

<sup>317</sup> JANSSON, Erik. *Correspondência a John Ongman*. Vila Guarany, Rio Grande do Sul, 17 de junho de 1913.

concluída a obra.<sup>318</sup>

Além das necessidades educacionais da Vila Guarany, havia também um problema de saúde pública, que causava vários males individuais e coletivos entre as famílias das várias etnias: o alcoolismo. O consumo excessivo de álcool foi combatido desde o início das atividades do missionário sueco e, praticamente, por todo o tempo de atuação de Jansson no Brasil. Eram visíveis os efeitos das bebidas alcoólicas na vida dos imigrantes, em especial no consumo de cachaça. Além dos sintomas de depressão e frustração diante das dificuldades enfrentadas para a sobrevivência, para muitos suecos o alcoolismo passou a ser uma possibilidade de alívio daquela realidade, enquanto isso, os problemas se multiplicavam.

O combate ao consumo de álcool foi, por muitos anos, uma das bandeiras do protestantismo latino-americano, que a usava freqüentemente com muita firmeza. É possível verificar este posicionamento em algumas publicações, como na nota do Jornal Batista da Convenção Batista Brasileira<sup>319</sup> – veiculada também no jornal Luz nas Trevas – que afirmava: “ALCOOL-BEBIDA [grifo do autor] é o maior inimigo da humanidade e o melhor aliado de Satanás. É de todo impróprio, pois, ao crente usá-lo, fabricá-lo ou vendê-lo”.<sup>320</sup> Havia o problema do consumo excessivo de álcool entre os imigrantes, porém, muitos deles produziam bebidas alcoólicas para o consumo e, para alguns, era um meio de sobrevivência. Também Jansson escreve no jornal Luz nas Trevas, orientando os homens a evitarem o consumo de bebidas alcoólicas.<sup>321</sup>

---

<sup>318</sup> JANSSON, Erik. *Correspondência a John Ongman*. Vila Guarany, Rio Grande do Sul, 16 de setembro de 1913.

<sup>319</sup> O jornal Batista é um periódico da Convenção Batista Brasileira, veja <http://www.batistas.org.br/ojb>.

<sup>320</sup> Cf. nota do jornal Luz nas Trevas. Pelotas, n. 57, Ano VI, maio de 1932, p. 83.

<sup>321</sup> JANSSON, Erik. Os efeitos do uso de bebidas alcoolicas. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 66, Ano VII,

É importante ressaltar que as práticas sociais da Igreja, nesse período, se deram em virtude da missão da Igreja em transmitir o conteúdo do Evangelho à comunidade da Vila Guarany, e também apoiar a comunidade local, não apenas os imigrantes suecos. O apoio aconteceu por meio de práticas sociais voltadas para saúde, educação, combate ao alcoolismo e, ainda, realizando atividades culturais, contribuindo para o desenvolvimento local.

Estas práticas sociais, situadas na base da colonização sueca e entre outras etnias, de acordo com Marques, possuíam a

especificidade, tanto de suas formas organizativas de suas manifestações socioculturais, é fruto de um complexo de fatores, em que as relações e contradições próprias de uma economia mercantil baseada na pequena produção agrícola e no trabalho em regime familiar, estão associadas a um esforço de preservação da identidade ética e religiosa, como base de sustentação ideológica dos grupos dispersos pelas linhas coloniais e sob a forma de tradições culturais próprias: língua, religião e organização sociocultural (capelas, escolas, associações étnico-culturais, clubes de lazer e esporte).<sup>322</sup>

Nota-se a importância da religião como elemento fundamental para organização da vida social, e como a Missão Batista Sueca consegue obter certo sucesso na sua inserção pública, contribuindo para certo ordenamento social e político na Vila Guarany, justamente por sua capacidade mobilizadora de esforços, e também contribui dando sentido à existência daquela população.<sup>323</sup>

A partir da década de 30, houve significativo avanço na inserção pública da Igreja Batista Independente, com a ampliação de suas práticas sociais por intermédio de várias instituições que surgiram a partir de iniciativas das Igrejas locais, que acabam ultrapassando as fronteiras do Rio Grande do Sul, chegando a São Paulo e

---

fevereiro de 1933, p. 211.

<sup>322</sup> MARQUES, Mario Osório, Universidade emergente: o ensino superior brasileiro em Ijuí (RS) de 1957 a 1983, p. 22. In. MARQUES, Mario Osório (Ed.), *Etnias diferenciadas na formação de Ijuí*, Ijuí: Fidene, 1985, p. 11.

<sup>323</sup> A Escola Sueca da Vila Guarany permanecerá em funcionamento até o ano de 1924. A maioria dos missionários suecos passou um período cooperando com a obra missionária na Vila Guarany com Ana e Erik Jansson.

Santa Catarina. Porém, acaba prevalecendo a marcante presença batista independente no Estado do Rio Grande do Sul, que é acompanhada pelo crescimento das Igrejas locais em vários municípios do Estado.<sup>324</sup>

Em 1930, a Igreja Batista Betel, localizada na cidade de Porto Alegre, busca contribuir para o enfrentamento dos problemas sociais da capital gaúcha. Com a iniciativa da missionária sueca Lisa Alm, surge o Orfanato Feminino Evangélico Betel, apoiado pelo missionário Carlos O. Welander, o pastor brasileiro Astrogildo Marques Pacheco<sup>325</sup> e alguns membros da Igreja local.

O orfanato serviu à sociedade porto-alegrense, pelo seu “caráter filantrópico e assistencial tem abrigado indistinta e gratuitamente meninas desamparadas, especialmente órfãs”.<sup>326</sup> A Sociedade Missionária de Örebro cooperou na aquisição da sede própria:

no seu grande interesse não só pela obra de evangelização como também pela assistência social, não hesita em atender favoravelmente o pedido que a Igreja Betel de Porto Alegre, juntamente com a direção do Lar (...) passando, assim, a ter o Lar condições satisfatórias para atender as internas.<sup>327</sup>

Além dos recursos financeiros da Suécia, a instituição foi mantida por ofertas voluntárias da Igreja, instituições privadas e governamentais, mas também por vários contribuintes individuais da sociedade civil. Alm publicava, periodicamente, o relatório das contribuições ao orfanato, no jornal *Luz nas Trevas*, e de acordo com as

---

<sup>324</sup> Em o Lar Feminino Filadélfia (1968) na cidade de Jundiaí, SP e a Sociedade Beneficente Bom Samaritano (1954), na cidade de Xanxerê, SC. No Rio Grande do Sul foram criados a Sociedade Beneficente Evangélica de Frederico Westphalen, o Centro Social Filadélfia (1967) em Pelotas, a Associação Beneficente O Bom Samaritano (1964) em Cachoeirinha, a Sociedade Beneficente Paulo de Tarso (1962) na cidade de Novo Hamburgo e a Escola Paulo de Tarso (1962) na cidade de Santa Maria.

<sup>325</sup> Astrogildo Marques Pacheco nasceu na cidade de Porto Alegre a 12 de janeiro de 1902. Converteu-se em 1922 e foi batizado no ano seguinte. Depois de ter trabalhado como obreiro leigo durante alguns anos, foi chamado pela Igreja Evangélica Betel de Porto Alegre, em 1930, cf. SOCIEDADE MISSIONÁRIA BATISTA INDEPENDENTE. *Biografias de Missionários e Pastores*, p. 20.

<sup>326</sup> SPOHRE, Lisen Helena. Orfanato feminino. *Luz nas Trevas*. Santa Maria, dezembro de 1961. Edição Comemorativa, p. 22. Veja também *E Deus Fez Crescer*, pp. 85-86.

<sup>327</sup> Op. Cit., *E Deus fez crescer*, p. 85.

suas próprias palavras:

Além dessas ofertas em dinheiro temos recebido durante o mez de dezembro, e especialmente para Natal, muitos presentes de todas as qualidades. Assim ganhamos brinquedos de tres bazares, fazenda e meias da Casa Tchmeidel, 2 p. sandalhas da Casa Seabra, vestidos, aventaes e 12 bonecas do Collegio Bapt. E da Egr. Bapt. Rua Hoffmann, uma torta e doce de D. Hanna Krug, doce da Sra. Muller e mel, chmir, verdura e doce de diversas pessoas. Em verdade gosamos tanta alegria e tantas bençams de Deus, porque d'Elle vem toda a boa dádiva, e por isso da-lo-emos louvar para sempre.<sup>328</sup>

Parece que a instituição recebia amplo apoio da comunidade local, quando verificamos os variados tipos de contribuições, doados por instituições, da Igreja e da população em geral. A sociedade civil é mobilizada e contribui para a manutenção e o desenvolvimento dessa instituição, destinada às meninas órfãs da grande Porto Alegre. Apesar do amplo apoio da Igreja e da sociedade civil, a instituição sempre passou por dificuldades financeiras para conseguir manter o atendimento às meninas órfãs. Em novembro de 1932, Carlos Sphore faz um apelo aos leitores do jornal *Luz nas Trevas*, na tentativa de conseguir maior adesão às ofertas destinadas ao sustento do orfanato<sup>329</sup>, onde lembra o conceito de religião contido na Epístola Católica de Tiago, e afirma que:

“A religião pura e immaculada para com Deus, o Pae, é esta: Visitar os orphãos e as viuvras nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo”, (Thiago 1:27). “Visitar” não só quer dizer: ir a casa do necessitado, bater a porta e perguntar pela saude d'elle e estima-lo felicidades; mas tambem ajudar com que possivel fôr, (Vede Thiago 2:15,16).<sup>330</sup>

Esta postura prática diante das questões sociais, precisa superar a simples retórica a respeito do tema. A reflexão de Sphore é fundamental para compreender a

---

<sup>328</sup> ALM, Lisa. Contribuição para o Orphanato Evangélico Bethel. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 55, Ano VI, março de 1932, p. 43.

<sup>329</sup> Nas reuniões da Convenção Baptista Rio-Grandense, até o ano de 1952, havia dois objetivos bem conhecidos: a edificação espiritual dos cristãos e a cooperação das igrejas locais para novos empreendimentos missionários e para manutenção das instituições filantrópicas. Os convencionais eram incentivados “ (...) como de costume a Convenção recomendou as egrejas de levantar duas ofertas durante o anno em prol do seu órgão, ‘Luz-nas-Trevas’. Outrosim, recomendou ás de fazer o mesmo pelo orphanato ‘Bethel’(...)”;cf. Echos da Convenção. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 66, Ano VII, maio de 1933, p. 223.

<sup>330</sup> SPOHRE, Carlos. Um appello. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 62, Ano VI, novembro de 1932, p. 155.

necessidade de engajamento dos cristãos, em relação às questões sociais. Os resultados poderiam ser verificados, através dos relatórios do orfanato publicados frequentemente no *Luz nas Trevas*, com uma adesão considerável de indivíduos e outras instituições que contribuíram com o sustento do orfanato.

O artigo também apresenta orientações a respeito do uso adequado do dinheiro, e faz oposição a atividades consideradas “mundanas”, como sendo inapropriadas aos fiéis:

– Alcool, fumo, cinema, bailes, jogos e muitas outras cousas semelhantes pertencem “a corrupção do mundo”. No entanto, ha tantos hoje em dia que naquellas ‘cisternas rotas’ (Vede Jer. 2:13) gastam o seu dinheiro com o qual poderiam e deveriam alegrar orphãos e viuvvas necessitadas. Mas não aprenderam que ‘bemaventurada cousa é dar’ aos pobres. Amigo, aqui na cidade ha muitos que olham á nós para receber de nós uma mão auxiliar. Quereis-nos ajudar? Frequentemente vêm ajudar? Frequentemente vêm pessoas, pedindo-nos o favor de aceitar uma creança que não tem amparo na vida (...) somos obrigados a responder: não podemos! Isto por faltar-nos recursos.<sup>331</sup>

A mordomia cristã – disciplina conhecida entre os cristãos – lembra que se deve fazer bom uso dos recursos financeiros, administrando adequadamente os recursos como um todo e evitar o desperdício. Aplicar parte dos recursos individuais para socorrer os necessitados é, de acordo com Sphore, administrar com zelo os recursos materiais, justamente porque este recurso também coopera com o projeto missionário de evangelização, fundamento de atuação da instituição para as práticas sociais da Igreja pautadas pelo evangelho. Visão ampliada ainda, para além do amor e graça divina, onde o fiel precisa exercitar sua fé a fim de demonstrar a justiça e a

---

<sup>331</sup> Op.Cit., SPOHRE, Carlos, p. 155. A respeito do uso de recursos financeiros, afirma Torrey: “‘Porém o meu Deus, segundo as suas riquezas, supprirá todas as vossas necessidades em gloria por Christo Jesus’. Mas esta promessa foi dada a crentes, que mais do que todos os outros tinham se salientado por um dar generoso e repetido (v. 14-18). Naturalmente não devemos nos limitar ao darmos somente á missão estrangeira. Devemos contribuir para a obra da nossa igreja e para o trabalho social das nossas cidades. Empregaremos todas as nossas oportunidades para fazer bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé (Gl 6:10). TORREY, Dr. R. A. A missão estrangeira. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 67, Ano VII, abril de 1933. *O segredo do progresso na vida cristã*, pp. 233-234.

santidade, conforme afirma Lisen Helena Sphore, “a vida cristã não consiste sómente em amor e graça divina, mas também em justiça e santidade”.<sup>332</sup>

O Orfanato Feminino Evangélico Betel cuidava da formação das meninas, mantendo um curso primário e cursos de trabalhos manuais e de culinária. Comprometia-se com o bem-estar e a preparação das meninas para a vida em sociedade, mas também com a formação cristã, como demonstrado nas palavras de Lisen H. Sphore: “nossa esperança é que cada uma venha a ser boa e dedicada dona de casa e que em primeiro lugar conheça o Caminho da salvação”.<sup>333</sup> Isto deve ser considerado algo importante, já que o orfanato possui orientação protestante, na qual baseia a formulação do seu programa educacional, onde os elementos da fé evangélica estão intrinsecamente ligados a sua forma de inserção e atuação social. A fé é o motor das práticas sociais realizadas no interior da instituição.

O serviço era oferecido às meninas até completarem 18 anos, e de acordo com Alm, o orfanato chegou a receber 50 meninas durante os primeiros dez anos de funcionamento (1930-1940). No entanto, a metade delas recebeu abrigo apenas temporariamente e, no final deste período, “ (...) permanecem 25 e, graças ao nosso Deus, não precisamos registrar nenhuma morte”.<sup>334</sup>

Em primeiro de setembro do ano de 1945, o orfanato é transferido para uma propriedade mais ampla, na cidade de Pelotas, e nesta ocasião atendia 21 meninas.<sup>335</sup> Até o ano de 1995, manteve suas atividades com “ (...) uma escola primária – um curso de trabalhos manuais e informações práticas sobre arte culinária. Através

---

<sup>332</sup> WELANDER, Carlos O. “Temor do Senhor”. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 56, Ano VI, abril de 1932, pp. 46-47.

<sup>333</sup> Op. Cit., SPOHRE, Lisen Helena, p. 22.

<sup>334</sup> ALM, Lisa. Estatística. In. *Relatório do 10º Aniversário do Orfanato Feminino Evangélico Betel*. Porto Alegre, 1940, p. 4.

<sup>335</sup> Op. Cit., SPOHRE, Lisen Helena, p. 22.

destes cursos, as meninas se tornam aptas para a vida fora da Instituição”<sup>336</sup>. Porém, diante das mudanças socioeconômicas, houve a necessidade de adequar novos programas direcionados à comunidade, à criança e ao adolescente. Passou a se chamar Centro Social e Cultural Evangélico Betel, atuando com Educação Infantil com uma Pré-Escola. Entre 2001 e 2006, tem oferecido serviços educacionais a 411 crianças.<sup>337</sup>

Quase duas décadas mais tarde, da fundação do Orfanato Feminino Evangélico Betel de Porto Alegre, ocorre outra iniciativa por parte dos membros da Igreja Evangélica Betel de Esteio e do pastor João Batista da Silva, e é fundada a Sociedade Beneficente Evangélica Betel, no ano de 1949, com um programa voltado ao atendimento de idosos.

No dia 12 de fevereiro do ano de 1956, é inaugurada a sede da Sociedade Beneficente Betel de Esteio, com instalações adequadas e o prédio construído

(...) de alvenaria, construção modernista, é uma obra que por si só fala da preocupação dos dirigentes do Asilo em proporcionar aos velhinhos internados, o máximo de conforto e carinho cristão. O trabalho de amparo está sendo executado pela Igreja Betel de Esteio é por todos os lados digno de louvores.<sup>338</sup>

No mesmo ano, no dia 10 de setembro, a sociedade recebe o reconhecimento do governo local como instituição de utilidade pública.

No ano de 1961, a instituição recebe um menino desamparado que havia chegado à Igreja Evangélica Betel, sendo este o primeiro dentre muitos meninos atendidos na instituição. No início do ano de 1973, eram atendidos “29 meninos (27

---

<sup>336</sup> Op. Cit. *E Deus fez crescer*, p. 85.

<sup>337</sup> F. FILHO, Almir de Oliveira. Quadro de atendimento das Instituições da Federação das Entidades e Projetos Assistenciais. In. CONGRESSO DE AÇÃO SOCIAL - Redes Sociais uma nova estratégia para o desenvolvimento. *Anais*. Araçariçuama/SP, 2006, p. 32; Op. Cit., SCHULZ, Almiro, p. 31; FEPAS. *Entidades Federadas – quadro geral de 2006*. Campinas, 2006, p. 13.

<sup>338</sup> Um lar para velhice. *Luz nas Trevas*, dez. de 1961. Edição Comemorativa, p. 22.

internos e 2 semi-internos)”.<sup>339</sup> Em razão desta nova demanda, houve a necessidade de ampliar as instalações da instituição, que por sua vez, foi inaugurada no dia 21 de janeiro de 1975. Constituía-se de um prédio de:

3 pisos e amplas instalações para acomodar 80 meninos, o novo prédio possui ainda um apartamento para governanta, dependências para hóspedes, salão nobre, biblioteca, gabinete médico-dentário, cozinha, refeitório e demais dependências administrativas.<sup>340</sup>

A Sociedade Evangélica Betel de Esteio estabeleceu parcerias públicas e privadas, importantes para a manutenção dos serviços oferecidos à sociedade. Citam-se alguns dos parceiros, como a Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor, a Legião Brasileira e Assistência, a Secretaria do Trabalho e Ação Social, Visão Mundial, prefeitura municipal de Esteio, Diaconia, Örebromissionen e, ainda, contribuintes particulares. Um bom exemplo destas parcerias foi a implantação de uma marcenaria:

No início de 1976, graças a recursos provenientes da ‘Lutherjaelpen’ e do editor Harry Lindquist, é montada a moderna marcenaria com maquinário novo, visando a profissionalização de meninos e o suprimento dos móveis e utensílios para toda a obra.<sup>341</sup>

Também em parceria com a *Örebromissionen*, a instituição é apoiada com o trabalho do missionário Heiz Voss que, a partir de 1973, atuou em tempo integral na instituição. No ano de 1977, a instituição estava instalada em uma área de doze mil metros quadrados e atendia 80 idosos e 35 meninos.

No transcorrer dos anos, a Sociedade Beneficente Betel de Esteio passou por uma reorganização no seu programa inicial de atendimento, tendo implantado um internato para crianças e adolescentes, e uma creche. Além disso, continuou a

---

<sup>339</sup> KÜHNRIICH, Günter. *Relatório de Atividades do Exercício de 1973*. SOCIEDADE BENEFICENTE EVANGÉLICA BETEL: Esteio, p. 3. No ano de 1962 são construídas casas para a instalação dos anciões e também para meninos. Neste período, a instituição está sob a direção dos missionários Yna e Folke Engelbertsson.

<sup>340</sup> Op. Cit., *E Deus fez crescer*, p. 80.

<sup>341</sup> Ibid., pp. 80-81.

oferecer serviços para 100 idosos em regime interno, no ano de 1998. Também passou a oferecer serviços à comunidade local, ampliando sua atuação social e utilizando melhor o seu espaço físico. Nesta fase, a responsabilidade no enfrentamento dos problemas sociais é compartilhada com a sociedade civil e o Estado, no que se refere à formação das crianças e adolescentes, como afirma Kühnrich:

Todos os meninos freqüentaram regularmente as escolas públicas do Estado, sendo que 4 fizeram cursos de profissionalização no Senai. Somos contrários ao confinamento de menores, ou seja, quando a própria instituição se propõe a educar e profissionalizar os seus menores.<sup>342</sup>

A participação do menor no contexto de convívio social mais amplo proporcionava melhor assimilação e preparação para a vida fora da instituição. Em sua declaração, a proposta de compartilhamento da responsabilidade da instituição com a sociedade civil ampliou a rede de relações da instituição e das crianças e adolescentes atendidas por ela, além de diferenciá-la em relação às outras instituições que atuavam apenas em regime interno.

Outra iniciativa de inserção pública da Igreja dá-se no ano de 1951, com as “primeiras sondagens para abertura de um trabalho entre os índios Caingangues, foram feitas em 1951 pelos missionários Arne Joahsson e Thorsten Sjösth”<sup>343</sup> que, no ano de 1956, inicia-se na localidade indígena de Chapecó, SC. De acordo com o relatório de atividades publicado no jornal *Luz nas Trevas*, o trabalho social

desenvolveu-se, sendo criadas escolas de alfabetização para as crianças, clínicas médicas e posteriormente um orfanato indígena, que se encontra em pleno funcionamento, sob a direção da irmã Alda Lelis. Além da obra assistencial, existe uma Igreja indígena, com mais de 20 membros [desde] 1960.<sup>344</sup>

---

<sup>342</sup> Op. Cit., KÜHNRIK, Günter, p. 3.

<sup>343</sup> A obra missionária entre os índios Caingangues. *Luz nas Trevas*, dez. de 1961. Edição Comemorativa, p. 22.

<sup>344</sup> Ibidem.

Esta atividade sofreu algumas alterações e foi transferida para a cidade de Xanxerê, em março de 1955, quando é inaugurada a primeira escola indígena, com 25 crianças matriculadas. Quatro anos mais tarde, no dia 10 de agosto de 1959, foi “inaugurado o Lar ‘O Bom Samaritano’, para dar assistência principalmente as crianças indígenas, doentes e desamparados”<sup>345</sup>, posteriormente, é aberto também para o atendimento de outras etnias. Em razão das dificuldades de deslocamento das crianças,

os líderes do orfanato solicitam junto às autoridades a criação de um ginásio Estadual nas proximidades do estabelecimento e são atendidos. O governo instala um ginásio na Vila de Samburá, situado a dois quilômetros do Lar ‘O Bom Samaritano’. O alvo dos irmãos missionários que trabalham com essas meninas necessitadas não é somente o de suprir as suas necessidades materiais, mas especialmente levá-las a conhecer a Cristo como Salvador e promover a integração na sociedade.<sup>346</sup>

A interlocução com o poder público e a sociedade civil, demonstra uma preocupação fundamental e o compromisso da instituição com a educação das gerações futuras, estabelecendo parcerias importantes para o enfrentamento dos problemas sociais locais.

Após um longo período de atendimento à população local, ocorreu uma reestruturação, e a instituição mudou para uma área mais próxima à cidade, tendo sido re-inaugurada no início de 1994. O projeto manteve o abrigo, além de um Núcleo de Apoio Escolar, atividades complementares à escola e iniciação à profissionalização.

Com a ampliação das práticas sociais da Igreja – desenvolvidas inicialmente por missionários e lideranças brasileiras locais – as ações individuais e isoladas permanecem, porém, ocorre um movimento de organização em ações coletivas e

---

<sup>345</sup> Op. Cit., *E Deus fez crescer*, p. 83. Também chegam para cooperar como a atividade entre os indígenas, no ano de 1954, os missionários Regina e Arne Johnsson.

<sup>346</sup> Ibid., pp. 83-84.

institucionais que, por sua vez, acabam tornando-se expressão da inserção pública da Igreja. Por outro lado, o desafio da conscientização e da mobilização dos recursos materiais e humanos, se mantém em uma constante às Igrejas protestantes, mas também para a sociedade contemporânea, que busca superar a escassez dos recursos para o enfrentamento dos problemas sociais.

### **3.3. AMPLIAÇÃO NACIONAL DA INSERÇÃO PÚBLICA DA IGREJA: AS PRÁTICAS SOCIAIS A PARTIR DA CRIAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE AÇÃO SOCIAL**

O segundo período de desenvolvimento das práticas sociais da Igreja é marcado pela organização do Departamento de Ação Social (DAS), em 1974.<sup>347</sup> Este departamento teve como meta buscar a consolidação de uma estratégia de inserção pública da Igreja, em uma dimensão denominacional e nacional das práticas sociais (1974-1986).

A visão ampliada para este tipo de inserção pública da Igreja deu-se por um fato notável: a inserção de um elemento fundamental para o desenvolvimento mais amplo das práticas sociais no território nacional, que é o trabalho de assistentes sociais na coordenação e implementação das práticas sociais. Este fator contribuiu para o amadurecimento das práticas sociais da Igreja Batista Independente, na perspectiva de

---

<sup>347</sup>O DAS integrou os projetos sociais ligados à Igreja, “dando caráter denominacional e nacional [de] 1974 e 1986, no decorrer do processo histórico do País e do trabalho social do DAS, ampliou-se a ação, diante de novas demandas e visão sobre a atuação social”, e este período é marcado por ações fundamentalmente assistenciais; Op. Cit., SCHULZ, Almiro, p. 3.

atuar permanentemente pelo Departamento junto às Igrejas, junto às Instituições Assistenciais com nossa presença denominacional no País, e em nível central, na elaboração de projetos pedidos de captação de recursos, na orientação técnico-bibliográfica às igrejas e instituições, e no relacionamento com órgãos governamentais e instituições estrangeiras.<sup>348</sup>

Em especial, a relação com as instituições internacionais que já eram parceiras da Igreja Batista Independente: SIDA<sup>349</sup> e *Örebromissionen*.

No decorrer dos anos, foram aprimoradas as práticas sociais da Igreja, principalmente no tocante à orientação técnica, e no de 1984, na 28<sup>o</sup> Assembléia Geral Anual da Igreja, é apresentado pela diretora e assistente social do DAS, Otildes Maria Michel Duarte, uma nova proposta para o departamento,

visando uma ampla atuação desse órgão na denominação, especialmente traçando diretrizes básicas para a ação social em 1984, que em síntese são: 1) Estratégia: implantar a execução direta, dimensionar a supervisão e assessoria, articular recursos de instituições governamentais, a fim de reduzir gastos (...) Na área de diretrizes básicas resume-se: minimizar o atendimento institucionalizado, maximizar o engajamento da comunidade no desenvolvimento de projetos comunitários, propiciar a supervisão em seus vários níveis.<sup>350</sup>

Dá-se início a uma perspectiva de ação social e busca-se ampliar as práticas sociais ligadas ao desenvolvimento comunitário e participativo. Conforme afirma Duarte, as prioridades são: 1) atendimento a menores através de creches ou grupos espontâneos; 2) ação comunitária; 3) palestras de conscientização; 4) treinamento de pessoal em todos os níveis; 5) supervisão e assessoria.<sup>351</sup>

Além desses elementos citados, o DAS também iniciou uma discussão em torno de um dos temas mais delicados para a denominação, referente à autonomia do

---

<sup>348</sup> Ata das deliberações tomadas nas reuniões da comissão Executiva da CIBI, nos dias 16 a 21 de janeiro de 1979, por ocasião da XXVIII Assembléia Geral Anual da CIBI, Porto Alegre, RS.

<sup>349</sup> Esta é a sigla do órgão de cooperação internacional do governo sueco, Swedish International Development Cooperation Agency – SIDA. Ver [www.sida.org](http://www.sida.org).

<sup>350</sup> Ata n. 7 dos trabalhos da XXVIII Assembléia Geral Anual da CIBI, 24 a 29 de janeiro de 1984, Viamão, RS.

<sup>351</sup> Esta perspectiva de avaliação das instituições e das práticas sociais desenvolvidas no seu interior é uma perspectiva que tem sido amplamente discutida atualmente, na tentativa de que as instituições desenvolvam suas atividades com o máximo de transparência.

departamento, que defendia a necessidade de possuir uma “estrutura jurídica que permita autonomia administrativa e financeira”<sup>352</sup>. Esta autonomia se legitimava, justamente pela dificuldade de operacionalização do departamento para articular-se em torno de 14 instituições ligadas às igrejas locais no território nacional. Em várias correspondências trocadas entre o DAS e o centro administrativo da Igreja<sup>353</sup>, verifica-se que os repasses de verbas às instituições eram orientados pelo departamento, porém, quem realizava a remessa dos recursos financeiros originário da Igreja e governo sueco, era o centro administrativo da Igreja.

Tal autonomia só possível mais tarde; mesmo assim, não se deu de forma natural, mas foi pressionada por um processo instaurado a partir das suas parceiras suecas (Igreja e SIDA) e das modificações referentes ao modelo de intervenção no contexto social brasileiro.<sup>354</sup> Na próxima fase de desenvolvimento das práticas sociais da Igreja, isto ficará mais evidente; por hora, importa-nos evidenciar que a inserção das assistentes sociais no DAS, deflagrou uma nova perspectiva de reflexão em torno do tema da profissionalização das pessoas envolvidas diretamente na prestação de serviços nas instituições ligadas à Igreja.<sup>355</sup>

De acordo com as estatísticas da Igreja Batista Independente, no ano de 1984

---

<sup>352</sup> Cf. Ata n. 7 dos trabalhos da XXVIII Assembléia Geral Anual da CIBI, 24 a 29 de janeiro de 1984, Viamão, RS.

<sup>353</sup> Ver ANEXO D – Correspondência do Centro Administrativo para DAS.

<sup>354</sup> Um exemplo disso são as diretrizes de cooperação da SIDA que podem ser consultados em: *La política de Asdi para la sociedad civil*. EL DEPARTAMENTO DE COOPERACIÓN CON ORGANIZACIONES NO-GUBERNAMENTALES Y ASISTENCIA HUMANITARIA & MANEJO DE CONFLICTOS. Suécia, abril de 2004. Disponível em [www.asdi.org](http://www.asdi.org).

<sup>355</sup> Os conflitos referentes à autonomia do DAS em relação a cúpula da Igreja e, juntamente com a inserção de profissionais da área social no departamento, foram fundamentais para uma atualização do modelo de intervenção social da Igreja por meio das práticas sociais. Ocorreu neste período uma abertura às reflexões contemporâneas da relação entre a Igreja e a sociedade, e também, das adequações legais destas instituições e da profissionalização de pessoal. É preciso deixar claro, que por muito tempo, as reflexões e os debates críticos mais amplos a respeito da inserção pública da Igreja, se deu no âmbito de um grupo de profissionais envolvidos diretamente neste processo de organização e ampliação da presença da Igreja no espaço público.

eram 25.024 membros, 167 Igrejas, das quais 16 desenvolviam suas práticas sociais a partir das ações institucionalizadas nos seguintes totais: 5 creches, 6 orfanatos, 4 asilos e 7 ambulatórios médicos e, ainda, “ (...) quase todas as Igrejas têm um sistema de distribuição de alimentos e roupas para pessoas necessitadas. Há também ajuda em construção de residências em ocasiões especiais, em casos de emergência”.<sup>356</sup>

Quase 10% das igrejas naquele ano, desenvolviam suas práticas sociais vinculadas aos próprios projetos, além das ações individuais que sempre são difíceis de mensurar e, ainda, das práticas caracteristicamente assistencialistas, como doação de alimentos e roupas diretamente nas próprias igrejas.<sup>357</sup> No relatório, são citados como cooperadores no financiamento das práticas sociais desenvolvidas pela Igreja Batista Independente, a *Örebromissionen* e o povo sueco, demonstrando mais uma vez a forte relação entre a Igreja brasileira e a Igreja e o povo sueco.

Para exemplificar esse momento, pode-se verificar um documento produzido pela Igreja Batista Independente a respeito das suas atividades no território nacional, onde se declara que

a fé sem as obras é morta, por esse motivo, várias igrejas integradas à CIBI, paralelamente com sua missão primordia que é a evangelização, vêm-se conscientizando que, ajudar socialmente aos necessitados, é algo estreitamente vinculado à sua linha de ação. “O que fizestes a um destes pequeninos, a mim o fizestes”.<sup>358</sup>

---

<sup>356</sup> CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. *Dados estatísticos – ano base 1984*. Coordenação e Produção da Secretaria da Convenção: Campinas, 1984. Sobre a integração do projeto social e as famílias, ver SCHULZ, Neiliana A. B. Orientações sobre creche. In: *Projeto Informação*. FEPAS: Campinas, 1986; a respeito de orientações sobre alimentação foi desenvolvida uma cartilha para ser utilizada nas igrejas e instituições: MARIANO, Ana Fátima da Silva, SCHULZ, Neiliana Araújo Bezerra. *Orientações gerais sobre alimentação*. DEPARTAMENTO DE ASSISTENCIA SOCIAL: Campinas, 1984.

<sup>357</sup> Apenas como exemplo de assistencialismo, citamos um caso da Bahia: “ (...) estive em Salvador e consegui inscrever as Igrejas de Vitória da Conquista e Candiba como ‘Agências Distribuidoras de Alimentos’, ajudando assim 48 famílias necessitadas em cada Igreja (...) Neste novo ano vamos organizar nos fundos da Igreja um curso de alfabetização diurno e noturno sob a direção da Profa. Isa Marques Silva, atual professora do Ginásio Batista e da Escola Normal de Vitória da Conquista”. *Relatório das Igrejas Batistas Independentes “Filadélfia” no Estado da Bahia, 1965*, pp. 2-3.

<sup>358</sup> Op. Cit., *E Deus fez crescer*, p. 86.

Nesta perspectiva da linha de ação, percebe-se a estreita relação entre a missão evangelizadora e a conscientização da Igreja a respeito da sua atuação na sociedade, e apresenta uma visão clara de uma fé prática e dinâmica, que não se isenta do compromisso com o próximo mais necessitado. Porém, é necessário afirmar que toda tentativa de mudança de mentalidade e de conduta, dá-se por meio de um processo muitas vezes longo e demorado, e que dificilmente consegue abranger a totalidade do grupo social e/ou religioso. No contexto Batista Independente estas mudanças ocorrem paulatinamente, na tentativa de se ampliar esta nova perspectiva de inserção da Igreja no espaço público.

Desta forma, surge nas dependências da própria Igreja, a primeira instituição social deste segundo período. O Centro Social Ebenézer de Bayeux, PB, inicia suas atividades em 1980. Localizado em um bairro pobre na região metropolitana de João Pessoa, foi ampliando sua atuação aos poucos e, em 1998, atendia crianças, adolescentes e a comunidade local, com programas de pré-escola, ensino fundamental e médio e, ainda, oferecendo educação inclusiva para pessoas portadoras de necessidades especiais, além de um posto de saúde e de vacinação.

O Centro Social Ebenézer atende cerca de 1.200 estudantes e é, com certeza, uma escola de referência no município de João Pessoa, atendendo a população da periferia com um programa educacional de qualidade. Por meio destas práticas sociais, a Igreja Batista Independente tem contribuído na perspectiva de educar para cidadania, buscando cumprir com a sua missão para instaurar o novo naquela comunidade. Apesar disso, é preciso lembrar que sempre há grandes obstáculos e dificuldades a serem superadas por instituições deste porte. O contexto social no qual operam está, via de regra, entre os limites e as possibilidades no que se refere à

transformação do contexto social local, que nem sempre conseguem ser superados com a eficácia desejada por essas instituições.

No Alto Solimões, próximo à fronteira com o Peru, é implantado na cidade de Benjamin Constant, no Estado da Amazônia, no ano de 1984, o Centro Social Batista Independente. Este projeto social buscou implantar vários programas e, no ano de 1998, atendia cerca de 550 crianças da pré-escola até a 4ª série do ensino fundamental.

Esta instituição é a mais importante prestadora de serviços educacionais do município de Benjamin Constant, e tem contribuído desde a década de 80, para a alfabetização das novas gerações daquela localidade. Atualmente, o Centro Social Batista Independente atende 1310 crianças, adolescentes e jovens, por meio dos seus programas educacionais.

O Centro Social Filadélfia da cidade de Fortaleza, no Ceará, nasce junto à Igreja no ano de 1985, para atender crianças e adolescentes com Pré-Escola e Ensino Fundamental. Tem capacidade para atender 550 crianças/adolescentes e oferece cursos de informática para os estudantes e a comunidade. Também no mesmo ano, é implantada – após a construção de salas para o atendimento junto à Igreja – a Associação Beneficente Batista Independente de Francisco Morato, SP. Atuando com programas de Pré-Escola, atendia no ano de 1998, 50 crianças.

Além dessas instituições descritas acima, surgiram outras nas mais variadas regiões do país. Porém, todas tinham o objetivo de ampliar a sua participação na sociedade, buscando influenciá-la por meio do evangelho na construção de uma sociedade melhor, pautada nos valores do Reino de Deus.

### 3.4. NOVA ABORDAGEM METODOLÓGICA DE INSERÇÃO PÚBLICA DA IGREJA: AS PRÁTICAS SOCIAIS A PARTIR DA FUNDAÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS ENTIDADES E PROJETOS ASSISTENCIAIS

Após a ampliação nacional das práticas sociais da Igreja, por intermédio do Departamento de Ação Social, ocorrem modificações significativas na inserção pública da Igreja, com a atualização de acordo com as novas demandas sociais e das políticas públicas.

Esta nova fase é marcada pela conscientização dos indivíduos pautada na cidadania, a partir da “ (...) tomada do conhecimento de que somos sujeitos, fazemos e refazemos o mundo, e temos um compromisso, uma responsabilidade, pelo que existe e pelo que pode surgir”.<sup>359</sup> Este nível de conscientização cidadã em relação às questões sociais é caracterizado pela: “1) Inserção crítica na história, 2) Uma posição utópica frente ao mundo, 3) Não existir fora da práxis<sup>360</sup> e 4) Uma posição profética, que denuncia e anuncia”.<sup>361</sup> Desta forma, o fiel deve inserir-se em um processo contínuo, que levará à transformação social e à construção de um mundo mais humano pautado na justiça e na solidariedade.

Em uma pesquisa recente a respeito da ação social evangélica, realizada nas regiões metropolitanas de Campinas, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, Conrado afirma que a ação social é definida “em três categorias distintas para se referir à ação

---

<sup>359</sup> *Diretrizes Básicas para Ação Social: proposta de projeto*. Departamento de Ação Social: Campinas, 1984, p. 4.

<sup>360</sup> Aqui a práxis é empregada como atividade humana crítica e reflexiva.

<sup>361</sup> *Idem*, p. 8. Para que esta inserção gere transformação, de acordo com Schulz, precisa passar por três níveis de conscientização social: 1) factual, 2) causal, 3) compromisso ou de responsabilidade, SCHULZ, Almiro. Conscientização social. In: *II Encontro de estudo e planejamento da FEPAS*. Campinas, 15 abr. 97, pp. 1-2.

social: 1) assistência social; 2) serviço social; 3) ação social”.<sup>362</sup> O socorro emergencial em situações de carência é compreendido como assistência social. Esse tipo de prática não atua sobre as estruturas geradoras dos problemas sociais. O serviço social é uma prática ligada a atividades de formação profissional e geração de renda. Com o objetivo de reduzir e até eliminar as causas estruturais que “geram desigualdade social e as mais profundas necessidades humanas”<sup>363</sup>, inclusive buscar a justiça por meio de uma atuação política com vistas à transformação, dá-se a compreensão de ação social.

As práticas sociais da Igreja devem ser amplas, na perspectiva de ultrapassar o assistencialismo paternalista e clientelista, a partir de uma ação participativa e educativa, privilegiando o indivíduo como o sujeito que contribui para a solução dos problemas sociais, tornando-se cidadão.

A análise histórica, na perspectiva de ressignificação da fé no espaço público, por meio do paradigma da cidadania, busca apontar caminhos para as práticas sociais da Igreja, fundamentadas na práxis social como atividade que leva a transformação do ser humano e da organização social.

A delimitação desta análise se dá a partir das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro, em sua perspectiva *ad extra*, de inserção da

---

<sup>362</sup> Neste sentido, afirma Conrado que, a particular “importância para este envolvimento dos evangélicos em iniciativas sociais foi um contexto de acentuado interesse no tema da ética política, da cidadania e da participação da sociedade na solução dos persistentes e agravantes problemas sociais do país como a violência e a fome. O *Movimento pela Ética na Política*, a *Campanha da Cidadania contra a Fome e a Miséria e pela Vida*, conhecida como Campanha do Betinho, e o *Movimento Viva Rio* foram momentos de significativa participação das igrejas e dos evangélicos em geral. A ressignificação das práticas tradicionais de ajuda, caridade e doações por parte da Campanha deram um grande impulso para a formação de comitês e iniciativas locais por parte dos evangélicos”, cf. CONRADO, Flávio César (coord), *Ação social evangélica: projetos sociais das regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Campinas*. Rio de Janeiro: ISER, 2005, pp. 8 e 15.

<sup>363</sup> Op. Cit., CONRADO, Flávio César, p. 8; LESSA, Hélcio da Silva, *Ação Social Cristã*. Rio de Janeiro: Movimento Diretriz, 1966; *Evangelização e Responsabilidade Social*. SÉRIE LAUSANNE. São Paulo/ Belo Horizonte: ABU Editora/Visão Mundial, 1982.

Igreja na sociedade, como práxis cristã orientada à transformação social. Essa perspectiva de transformação abrange as práticas sociais da Igreja, como afirma Nívea Falcão:

Semeemos nossa oferta de amor, participando na transformação de vidas, como padrinhos e madrinhas. Onde estamos semeando? Qual será o futuro destas crianças? Com a nossa ajuda, com certeza, o futuro será melhor do que seria se permanecessem na marginalidade. Vamos acompanhá-los?<sup>364</sup>

Verifica-se uma chamada à participação e à cooperação dos fiéis neste projeto de transformação. O Apadrinhamento Brasileiro (APB) é um dos instrumentos catalizadores dessa proposta. Funciona a partir da adesão de pessoas que contribuem financeiramente para manter crianças nas instituições ligadas às igrejas locais em todo o país.

O projeto de APB é um dos protagonismos ligados à nova metodologia de inserção pública da Igreja. Tem contribuído especialmente para o engajamento de muitos fiéis que, no passado, contribuían de forma esporádica – como verificou-se nos relatos do Lar Evangélico Betel – e ainda, consegue a adesão de novos contribuintes. Essa iniciativa de mobilização nacional em prol das crianças brasileiras, contribui para a manutenção dos serviços voltados à criança e ao adolescente. O APB tem demonstrado ser uma forma eficiente de captar recursos financeiros, e também, tem sido capaz de fomentar novas práticas sociais que extrapolam os locais onde esses recursos estão sendo empregados.

---

<sup>364</sup> FALCÃO, Nívea. *Apadrinhamento Brasileiro Comunica - ABC*. Boletim n. 16, Ano 5, 1º trimestre de 2006. FEPAS: Campinas, 2006. Medeiros apresenta o funcionamento do APB: “A pessoa interessada em participar do programa, recebe informações sobre o programa (entidade/criança) estabelecendo um vínculo através de um compromisso de contribuir mensalmente com o valor de R\$ 20,00 [e recebe informações] com foto de um grupo de crianças, para as quais está contribuindo”, cf. MEDEIROS, Philemon. *Projeto de Apadrinhamento Brasileiro: esclarecimento do seu funcionamento no contexto social e financeiro da entidade*. FEPAS: Campinas, 1998. Ver ANEXO E – Folder do Apadrinhamento Brasileiro.

Verifica-se que o engajamento por meio do APB, permeia a consciência do fiel no sentido de promover e elevar o nível de conscientização e de comprometimento em relação ao enfrentamento dos problemas sociais e a transformação da sociedade, possibilitando algumas ações descentralizadas mais próximas dos padrinhos contribuintes, favorecendo o seu compromisso com as mudanças sociais na sua própria comunidade, contribuindo para a multiplicação de esforços para erradicar o analfabetismo, a miséria e o desamparo da criança e do adolescente no contexto local, regional e nacional.<sup>365</sup>

Essa conscientização dá-se por meio de boletins informativos, que buscam apresentar um pouco dos resultados dessas práticas sociais da Igreja. Para darmos um exemplo, citamos o caso de um menino chamado Richard, que participou das atividades da Associação Beneficente Direito de Ser, na cidade de Campinas, SP. Ingressou na instituição com 10 anos de idade e, atualmente, é um dos monitores da instituição, além de ter recebido prêmios municipais em reconhecimento do seu talento nas artes, que foi potencializado a partir das atividades do projeto social, em um dos bairros mais violentos na periferia de Campinas.<sup>366</sup> A partir de exemplos de transformação da realidade das crianças ligadas às instituições, há uma resposta às questões sociais locais e a valorização de práticas sociais fundamentadas em uma ação transformadora, ou seja, uma práxis cristã.

Como vimos no capítulo anterior, com a implantação e o desenvolvimento da Missão Batista Sueca no Brasil, verifica-se que havia uma relação de dependência financeira das Igrejas brasileiras para com a Sociedade Missionária de Örebro. Um

---

<sup>365</sup> Apesar do APB estar ligado diretamente à captação de recursos financeiros, não seria prudente afirmar que o mesmo, é apenas mais uma prática assistencialista ou uma forma mais eficaz de gestão para captar recursos. Antes, esta iniciativa tende a conscientizar o fiel no sentido de uma inserção pública menos contemplativa e mais ativa, que por sua vez, insere-o como cidadão consciente e multiplicador de práticas que tendem a transformação da realidade social local.

<sup>366</sup> *Ibidem*.

dos principais problemas que enfrentavam as instituições dos primeiros dois períodos, dizia respeito ao repasse de verbas que chegavam da Suécia. Por haver esta intrínseca relação entre a missão evangelizadora e as práticas sociais, por muitas vezes, os fundos serviam mais a um propósito do que a outro.<sup>367</sup> Esta situação perdurou por muito tempo, porém, as mudanças em relação às regras dos financiadores das atividades desenvolvidas no Brasil, provocaram um ajuste.

Por muito tempo, as práticas sociais da Igreja Batista Independente deram-se com o financiamento do governo e das Igrejas da Suécia. É importante lembrar que esta relação foi mantida, com a criação da FEPAS, que se constituiu como “associação civil de direito privado, sem fins lucrativos, de caráter beneficente e educacional, que reúne pessoas físicas e jurídicas envolvidas na área de assistência e promoção social”.<sup>368</sup> Desta forma, a FEPAS é a ponte entre os recursos financeiros oriundos da Suécia e da Igreja sueca – por intermédio do Programa Pão para Irmãos – e as instituições ligadas à Igreja Batista Independente no contexto brasileiro.

Por outro lado, é preciso lembrar que, no decorrer da pesquisa, muitas questões a respeito deste tema foram surgindo, no que se refere a esta fase de desenvolvimento das práticas sociais da Igreja. Porém, constatou-se que estas informações existem apenas em forma de tradição oral, não estando documentadas nem mesmo nas atas das reuniões. Isto não as torna menos importantes. São muitas memórias e relatos, daqueles que estiveram direta e indiretamente ligados aos

---

<sup>367</sup> Este conflito de interesses não é exclusividade da Igreja Batista Independente, antes, no processo histórico de nacionalização das Igrejas das várias denominações protestantes, houve uma série de conflitos de mando e desmando e, ainda, em relação a quem administraria melhor os recursos que chegavam ao Brasil, por meio das agências de cooperações missionárias internacionais, ligadas aos países de origem destas missões. Neste contexto, por muitas vezes houve a primazia da evangelização em relação às práticas sociais. Este fato conduziu as lideranças da Igreja a um debate que perdurou por vários anos e nem sempre foi possível encontrar o equilíbrio entre estas duas tarefas. Para exemplificar este conflito e a relação de dependência das práticas sociais em relação à evangelização, veja o ANEXO F – Orçamento para 1978.

<sup>368</sup> Op. Cit., SCHULZ, Almiro, p. 7.

conflitos de interesses econômicos das lideranças eclesiásticas. Neste sentido, é digno de nota afirmar que, por muitas vezes, os documentos mais ocultam do que revelam os conflitos e debates no interior da Igreja.<sup>369</sup>

É importante salientar que a transição da gestão dos recursos financeiros do centro administrativo da Igreja para a FEPAS, não se deu de forma natural e pacífica. Antes, foi estabelecida a partir de debates acalorados e posicionamentos divergentes, principalmente entre as lideranças dos setores da Igreja, que por muitas vezes – como em qualquer outro tipo de instituição –, buscavam a manutenção do poder mantendo o monopólio dos recursos financeiros e materiais em suas mãos.

Dos problemas de câmbio ao método de inserção pública, ocorreram impasses no interior da Igreja. Por vezes, questionou-se o que se faria com uma possível – e real – diferença de câmbio, da conversão de coroas suecas para dólar americano e, posteriormente para moeda nacional – que foram muitas, no decorrer deste período. Em outros momentos, questionava-se o tipo de diálogo e de inserção pública da Igreja, no tocante aos limites e possibilidades desta em realizar a sua tarefa, mantendo-se doutrinariamente “pura” e não secularizada, possibilitando e viabilizando parcerias com alguns grupos da sociedade e, por outro lado, delimitando os tipos de parceiros que poderiam contribuir para o enfrentamento dos problemas sociais no contexto local e brasileiro.

A partir desses apontamentos, verifica-se que os conflitos foram diversos. No entanto, é notório que as instituições estatais, sociais e religiosas sempre convivem com os conflitos em torno do poder e do dinheiro. É notório que no contexto

---

<sup>369</sup> Depois de um período de institucionalização da Igreja, decidiu-se evitar que as controvérsias e debates das reuniões e assembléias, fossem transcritos para as atas oficiais. Por esta razão, passaram a ser transcritas apenas as decisões. Esta prática vai além do contexto Batista Independente e, ainda, do contexto religioso. Parece óbvio, evitar quaisquer tipos de constrangimentos e questionamentos futuros, em razão dos posicionamentos do passado.

brasileiro e mundial, o domínio dos recursos financeiros e materiais promovem e sustentam o poder. Em relação à instituição objeto desta pesquisa, não foi diferente.

Por se caracterizar como uma federação que congrega várias ONGs, a FEPAS busca estabelecer parcerias para desenvolver projetos de acordo com a sua missão<sup>370</sup>, tais como:

a Convenção das Igrejas Batistas Independentes seu associado mantenedor, Convenções Regionais, Igreja em nível local, Entidades/Projetos Federados e juridicamente constituídas, InterAct uma organização sueca com escritório para América Latina em Campinas, Instituições congêneres como ONGs, pessoas físicas, órgãos Públicos e Conselhos de acordo com a legislação Federal e Municipal.<sup>371</sup>

As parcerias, obviamente, se relacionam com a viabilização do cumprimento da sua missão como instituição cristã e sem fins lucrativos:

a promoção humana, a assistência e o bem estar social, contribuindo para a prevenção e solução de problemas sociais, sem distinção de nacionalidade, condição social, raça ou credo político religioso. Visa e se identifica com a luta pela construção da cidadania e dignidade, como um direito de todos.<sup>372</sup>

Estes elementos são fundamentais para compreender a diferença existente entre as práticas sociais que se desenvolveram no interior da Igreja Batista Independente, antes e depois da fundação e desenvolvimento das mesmas, por intermédio da equipe da FEPAS. Além disso, os elementos que relacionam as práticas sociais com a promoção humana, a contribuição na solução de problemas sociais e a identificação com a luta por uma cidadania plena, contribuem para a perspectiva da práxis social.

Na missão da FEPAS existem elementos que aproximam as práticas sociais da Igreja ao conceito da fé cidadã, ao afirmar que os seus princípios para execução da missão são:

---

<sup>370</sup> ANEXO G – Missão da FEPAS.

<sup>371</sup> Ibidem.

<sup>372</sup> Ibidem.

a compaixão e o amor de Deus Revelado, pelo resgate e libertação integral do homem; a manifestação e realização da espiritualidade na dimensão do outro e em especial, em relação ao sofrido e a denúncia e o anúncio integrados entre teoria e prática, como atitude profética.<sup>373</sup>

Estes elementos coadunam com o compromisso da fé cidadã em anunciar profeticamente o Reino do *Shalom*, na perspectiva de libertação integral do ser humano, contribuindo para a verificação da práxis social da Igreja no interior das práticas sociais da Igreja Batista Independente.

Conjuntamente a este movimento de mobilização e conscientização da terceira fase de desenvolvimento das práticas sociais da Igreja, ocorreu a implantação de um projeto chamado Informação, com características altamente reflexivas e críticas em relação à inserção pública da Igreja. Seus objetivos eram: 1) viabilizar a formação de recursos humanos e matérias para apoiar projetos e instituições sociais ligadas à Igreja; 2) oportunizar a supervisão e orientação dos projetos e instituições sócias ligadas à Igreja; 3) promover a orientação e a conscientização nas comunidades; 4) integrar a atividade social e a Igreja local e 5) produzir material formativo e informativo.<sup>374</sup> Esse projeto dinamizou toda a estrutura de atuação das práticas sociais da Igreja, e constituiu uma base sólida para o desenvolvimento social no interior da Igreja Batista Independente, que repercutiu na criação de 35 projetos e instituições em todo o país, entre os anos de 1987 e 1992.

Durante os 10 anos de desenvolvimento do Projeto Informação, houve uma grande produção a respeito da inserção pública da Igreja por meio das práticas sociais. De acordo com o levantamento realizado junto aos arquivos do periódico mensal Luz nas Trevas, foram publicados mais de 50 artigos, que abordavam os mais variados temas a respeito da relação entre a Igreja e a sociedade. Esses artigos

---

<sup>373</sup> Ibid., p. 8.

<sup>374</sup> FEPAS. *Projeto informação*. Campinas, 1992, p. 1.

contribuíram para a conscientização e a formação crítica dos fiéis a respeito das práticas sociais da Igreja.<sup>375</sup>

Um outro elemento significativo para as práticas sociais da Igreja diz respeito à orientação teológica da Missão Integral, que contribuiu para a “conformação de concepções e práticas de ação social”<sup>376</sup> diante das questões sociais. O Congresso Internacional de Evangelização Mundial, realizado na cidade de Lausanne, Suíça, foi uma alternativa ao movimento ecumênico do Conselho Mundial de Igrejas, o qual abriu diálogo com a Igreja Católica, coisa inadmissível para grande parte dos protestantes.

Nesse terceiro período de desenvolvimento das práticas sociais da Igreja Batista Independente, ocorre uma ampla atenção às crianças e aos adolescentes, gerando novas inserções da Igreja, com a abertura de creches, pré-escolas, escolas e projetos ligados à capacitação profissional e ao desenvolvimento local.<sup>377</sup> Vejamos

---

<sup>375</sup> Alguns temas publicados foram: a *Conscientização Social* (1987), *A Igreja Evangélica e a sua consciência social* (1988), *Fundamentos para a Ação Social da Igreja* (1988), *Atuação Social da Igreja em Favela* (1989), *Criança de Rua: miséria que desafia a igreja* (1991), *Igreja de Cristo e Miséria Urbana* (1991), *Direitos Humanos I* (1996) e *Indivíduo e/ou Sociedade* (1997). Infelizmente, não será possível aprofundarmos o conteúdo destas publicações em razão da delimitação desta pesquisa.

<sup>376</sup> Op. Cit., CONRADO, Flávio César, p. 14. Para compreender melhor a visão da Missão Integral, verificar a Série Lausanne que são Relatórios sobre consulta sobre evangelização de cristãos nominais entre católicos e protestantes realizada em Pattaya, Tailândia, de 16 a 27 jun. 1980: *Evangelização e responsabilidade social* (1982); *Chamam-se cristãos: a evangelização dos povos tradicionalmente cristãos* (1984); *O evangelho e o homem secularizado* (1985); *Testemunho cristão entre os muçulmanos* (1984); *Tive fome: um desafio a ser a Deus no mundo* (1984); *Evangelho e cultura*; e ainda, um comentário a respeito do documento conhecido como “Pacto de Lausanne”, STOTT, John R. S. *Exposição do Pacto de Lausanne*. São Paulo/Belo Horizonte: ABU Editora e Visão Mundial, 1984.

<sup>377</sup> Apresentamos quatro áreas prioritárias de enfrentamento dos problemas sociais: 1) crianças e adolescentes, 2) atendimento comunitário, 3) terceira idade, e 4) projetos especiais, as quais estão alinhadas a linha de atuação do Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS do governo federal brasileiro. A adequação às áreas consideradas prioritárias pelo governo brasileiro, favorece as instituições que buscam recursos do governo, estabelecendo parcerias importantes com o próprio Estado nos níveis municipal, estadual e nacional. O CNAS “é um órgão deliberativo criado pela Lei Orgânica de Assistência Social - LOAS (Lei n. 8.742, de 1993), vinculado ao Ministério da Assistência e Promoção Social, que possui, dentre suas atribuições legais, a competência para conceder Registro e Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (também conhecido como Certificado de Filantropia ou CEAS).”, cf. CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA

apenas, alguns exemplos desta nova perspectiva de atuação da Igreja no espaço público, que foram selecionados das fontes primárias, a partir do seu grau de relevância no contexto global e local.

Uma experiência importante de prática social educacional ocorreu na região Norte do Brasil, por onde se expandiu também a Igreja Batista Independente. No ano de 1989, foi implantado o Centro Educacional Batista Independente de Altamira, PA, destinado ao atendimento de crianças de 0 a 3 anos de idade. Esta creche conta com o apoio do programa APB. Altamira é uma das cidades mais importantes da região, com acesso pelo Rio Xingu, pela estrada Transamazônica e também por um aeroporto.

No ano de 1998, estava em fase de implantação um projeto escola para o Ensino Fundamental e, atualmente, oferece serviços à comunidade de Altamira em convênio com o governo municipal, com: Educação Infantil por meio de Creche e Pré-Escola e Ensino Fundamental. É importante verificar que a parceria com o governo local promoveu a ampliação dos atendimentos na instituição. O número de atendimentos era de 65 em 2001, passando para 743 no ano de 2006.<sup>378</sup>

O Centro Educacional Batista Independente de Altamira é uma referência na prestação de serviços educacionais para a comunidade local. Por meio desta instituição, a Igreja local tem se inserido no espaço público, com a intenção de promover a inclusão social e construir uma sociedade mais justa, educando para a cidadania.

Outra experiência vem de uma instituição implantada entre os anos de 1989 e 1991, com a missão de prover água, realizar atividades sócio-educativas e de

---

SOCIAL. *Balanço da filantropia no Brasil*. Disponível em [www.assistenciasocial.gov.br/iframe/cnas/cnas.htm](http://www.assistenciasocial.gov.br/iframe/cnas/cnas.htm). Acesso em: 10 mar. 2004.

<sup>378</sup> Op. Cit., F. FILHO, Almir de Oliveira, p. 3.

organização comunitária é o Projeto de Desenvolvimento Comunitário de Cafarnaum e Molungú do Morro, BA. Com este projeto foram perfurados 36 poços artesianos distribuídos entre 42 comunidades dos dois Municípios, e organizadas 11 Associações Comunitárias a partir da formação de agentes de saúde.<sup>379</sup>

Também o Centro Social Evangélico Noemí de São José do Egito, PE, que inicia suas atividades no ano de 1994, está voltado ao atendimento de crianças e adolescentes, e também à Assistência Emergencial. Atuou entre os anos 1994 e 1996, com projeto de desenvolvimento comunitário. O programa visou provisão de água para os povoados, perfuração de 12 poços artesianos e de 92 poços amazonas, atividades sócio-educativas e de organização comunitária. No decorrer do projeto, houve a ampliação para um programa de Geração de Emprego e Renda Complementar.<sup>380</sup>

Os projetos de desenvolvimento comunitário trazem, em seu bojo de atuação, dois problemas fundamentais relacionados ao enfrentamento das situações de pobreza. O primeiro diz respeito à própria região e clima, que é a carência de água potável para a própria sobrevivência. O segundo diz respeito ao analfabetismo que assola grande parte da população daquela região. Esse tipo de projeto é de fundamental importância para que se criem condições materiais para o desenvolvimento local sustentável.

Sem infra-estrutura necessária acompanhada de educação, as possibilidades de organização comunitária em torno dos interesses comuns e da reivindicação do exercício da cidadania, diminuem muito e tornam-se ineficazes. Esta perspectiva de inserção pública da Igreja precisa comportar, necessariamente, como afirma Castro,

---

<sup>379</sup> Op. Cit., SCHULZ, Almiro, p. 24.

<sup>380</sup> Ibid., p. 20.

um movimento dinâmico de aprendizagem de sensibilização, conscientização, motivação e capacitação do sujeito cidadão.<sup>381</sup>

Na perspectiva de criar condições favoráveis para o desenvolvimento da criança e do adolescente, nasce na região do rio São Francisco a Associação Bom Samaritano, na cidade de Barra de São Francisco, ES. O início das atividades se deu no ano de 1989, para atender crianças e adolescentes do sexo feminino, com o programa de Casa Abrigo. Em 1998, atendia 60 crianças e adolescentes com Núcleo de Apoio Escolar e oficinas de iniciação à profissionalização e de atividades culturais.<sup>382</sup> Atualmente, continua com esses projetos e atende 146 crianças e adolescentes.<sup>383</sup>

Criado para atuar especificamente no contexto local, o Centro de Ação Social e Desenvolvimento Comunitário de Cachoeira, BA, foi fundado em 1991. O centro iniciou suas atividades oferecendo dois programas: um voltado para o socorro emergencial da comunidade, e outro como Núcleo de Apoio Escolar. Ficou inativo por alguns anos, mas reiniciou suas atividades com a aquisição de um terreno onde edificou sua sede própria, para continuar o atendimento de crianças e adolescentes, com programa de Educação Infantil, Pré-Escola, Ensino Fundamental até a 4ª série e aulas de Informática.<sup>384</sup>

O Centro de Ação Social e Desenvolvimento Comunitário de Cachoeira, entre os anos de 2001 a 2005, atendeu em média 436 crianças e adolescentes, no entanto, o

---

<sup>381</sup> Op. Cit., CASTRO, Clovis Pinto de, p. 112.

<sup>382</sup> Op. Cit. SCHULZ, Almiro, p. 25.

<sup>383</sup> Op. Cit., F. FILHO, Almir de Oliveira, p. 5.

<sup>384</sup> Op. Cit. SILVA, Cristiane Aparecida, p. 4.

número de atendimento caiu para as atuais 264 crianças e adolescentes.<sup>385</sup> Apesar desta redução considerável nos atendimentos e dos problemas enfrentados pela instituição, seus serviços são de referência no atendimento educacional no município de Cachoeira na Bahia.

Diante das demandas sociais de uma Igreja localizada na periferia de São Paulo, capital, a Igreja Batista Independente de Patriarca implantou, em 1991, a Associação Beneficente Filadélfia de Patriarca, SP. Na tentativa de responder a estas demandas, a Igreja adaptou seu espaço físico e, com os recursos da instituição, adquiriu um outro espaço para viabilizar o seu programa de Casa Abrigo. Após a experiência com uma cooperativa para a comunidade, hoje desenvolve um programa voltado para crianças e adolescentes e para o desenvolvimento comunitário. Mantém uma Casa Abrigo, Educação Infantil: Creche e Pré-Escola, Núcleo de Apoio Escolar, oficinas de iniciação à profissionalização e Terceira Idade.<sup>386</sup>

Plantada no “Berço da cultura paraibana”, a cidade de Cajazeiras está “encravada no alto sertão da Paraíba (...) região semi-árida e polígono das secas nordestinas”<sup>387</sup>; com a proposta de oferecer atendimento às crianças desta localidade, foi implantado no ano de 1992, o Centro Social Evangélico Débora. Mais um projeto que foi alocado junto ao espaço físico da Igreja.

Esta instituição tem como missão “educar crianças, jovens e adolescentes nos princípios da ética e da fé cristã, preparando-os para uma sociedade melhor e mais justa”<sup>388</sup>. Pautada na sua missão, que explicita seu compromisso com o evangelho e

---

<sup>385</sup> Op. Cit. F. FILHO, Almir de Oliveira, p. 13; Op. Cit. SCHULZ, Almiro, p. 23.

<sup>386</sup> Op. Cit. Cristiane Aparecida, p. 10.

<sup>387</sup> FALCÃO, Nívea. *Apadrinhamento Brasileiro Comunica - ABC*. Boletim n. 14, Ano 4, 2º trimestre de 2005. Federação das Entidades e Projetos Assistenciais: Campinas, 2005.

<sup>388</sup> *Ibidem*.

com a construção de uma sociedade mais justa por meio da educação, essa instituição desenvolve suas práticas sociais perseguindo tal meta, a partir da sua atuação na comunidade local. Com o passar do tempo, ocorreram melhorias no seu espaço físico, para atender melhor as 50 crianças com o programa de Educação Infantil, Pré-Escola e Complemento Nutricional.<sup>389</sup> Porém, houve uma diminuição no atendimento entre os anos de 2001 a 2006 e, apesar de contar com o financiamento do APB, a instituição atendeu no último ano apenas 25 crianças.<sup>390</sup>

Entre os anos de 1992 e 1994, o Projeto Berseba de Juarez Távora, PB, atuou vinculado à Sociedade Beneficente de Campina Grande, sob a bandeira do desenvolvimento comunitário. Este projeto consistiu na melhoria e provisão de água, por intermédio de uma adutora, além da organização comunitária e de atividades sócio-educativas e saúde preventiva.<sup>391</sup>

Outra instituição voltada para as práticas sociais ligadas ao trabalho comunitário foi o Centro Social Canaã de Bayeux, PB. Fundado em 1992, junto a uma comunidade de pescadores, visa atender, em especial, as mulheres e seus filhos, com o curso de corte e costura e o Núcleo de Apoio Escolar. Atualmente, está edificando seu espaço físico junto à Igreja e oferece, além dos serviços citados, cursos de manicura e artesanato. Também atende cerca de 20 crianças, que recebem “(...) iniciação à alfabetização, reforço escolar, ensino religioso”.<sup>392</sup> De acordo com os objetivos do Centro Social Canaã, a instituição quer “investir na criança de hoje para mudar sua realidade futura e, na família, para mudar o quadro social atual”, e

---

<sup>389</sup> Op. Cit. Cristiane Aparecida, p. 7.

<sup>390</sup> Op. Cit. F. FILHO, Almir de Oliveira, p. 15.

<sup>391</sup> Op. Cit. SCHULZ, Almiro, p. 19.

<sup>392</sup> FALCÃO, Nívea. *Apadrinhamento Brasileiro Comunica - ABC*. Boletim n. 15, Ano 4, 3º trimestre de 2005. Federação das Entidades e Projetos Assistenciais: Campinas, 2005.

ainda, “reduzir o risco pessoal e social das crianças assistidas; dar às famílias condições de melhorar a renda familiar, através dos cursos ministrados; desenvolver outras atividades junto à população, com medidas sócio-educativas”.<sup>393</sup>

Na região das grandes festas típicas, do turismo, da indústria e da agroindústria, no norte do Estado de Santa Catarina foi fundada a Sociedade Beneficente Arnold Hadlich de Blumenau. Este projeto teve início com a construção de um prédio em 1993, para atender crianças e adolescentes. Com a conclusão das obras e o espaço físico pronto, deram início às atividades em 1997. Atualmente, é mantida a creche com capacidade para 100 crianças, com espaço para ampliação de outros programas e atendimento atual de 89 crianças.<sup>394</sup>

Essa instituição nasceu em um bairro operário de Blumenau, que posteriormente desenvolveu-se. Hoje, o bairro possui ótima infra-estrutura, houve melhoria nas condições de vida da população, além do crescimento da renda dos moradores dessa comunidade.

Por esta razão, a direção da creche iniciou a cobrança do serviço que antes oferecia gratuitamente à população, com a intenção de continuar servindo a parcela da comunidade mais carente. Segundo a direção da creche, aqueles que podem pagar devem contribuir com aqueles que não podem pagar, mas que também precisam do serviço da creche. Parece-nos que esta decisão constitui uma das formas de aplicação do princípio de justiça social.

---

<sup>393</sup> Ibidem. Ver também o ANEXO H – Distribuição das instituições no território nacional.

<sup>394</sup> Op. Cit. F. FILHO, Almir de Oliveira, p. 10.

### **3.5. A PRÁXIS SOCIAL DA IGREJA E O EXERCÍCIO DA FÉ CIDADÃ NA CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO ONDE CAIBAM TODOS: A DINÂMICA ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO**

Durante todo o capítulo buscamos descrever criticamente os caminhos percorridos na inserção pública da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro, por intermédio das práticas sociais. Expusemos a inter-relação do tema em relação às mudanças no associativismo popular com o advento das ONGs e o Terceiro Setor, e suas inconsistências em relação ao enfrentamento dos problemas sociais gerados pelo mercado que, por outro lado, é um dos principais investidores das ONGs.

Por meio da análise documental das práticas sociais da Igreja, verificamos que algumas destas práticas se caracterizam como ação de transformação social e, por esta razão, podemos defini-las como práxis social da Igreja. Esta característica das práticas sociais da Igreja contribui para a compreensão positiva do mundo como local construído no espaço público, pelo exercício da fé cidadã.

Tendo como subsídio a descrição crítica das práticas sociais da Igreja Batista Independente, buscaremos verificar nossa hipótese, analisando as práticas sociais da Igreja em relação ao conteúdo do Reino de Deus, na perspectiva do *shalom*, que resulta da prática da justiça e restauração do mundo que foi criado e sustentado por Deus. Além disso, procuraremos verificar em que medida essas práticas proporcionam o exercício da fé cidadã.

Esta perspectiva de análise quer apresentar a contribuição da práxis social da Igreja para o exercício da fé cidadã, na construção de um mundo onde caibam todos.

Compreendemos que o mundo atual não é imutável, ao contrário, a estrutura social, política, cultural e religiosa é estrutura mutável, e sua transformação pode ser conseguida por meio da atividade humana, caracterizada neste trabalho como práxis social.

Na construção social desse novo mundo onde atuam interesses públicos e privados, a práxis social precisa se fundamentar no conteúdo do Reino de Deus, contribuindo para a superação do simples interesse privado do cidadão, para uma preocupação com as questões ligadas a coletividade, o bem comum, a dignidade humana, a construção popular do poder político e o exercício da cidadania.

Esta dinâmica do público e privado – apresentado anteriormente nas relações entre o Estado, mercado e Terceiro Setor – revela-se na práxis social da Igreja Batista Independente, quando consideramos que muitos recursos alocados no enfrentamento das questões sociais advêm de setores da sociedade civil, do Estado e da própria Igreja. Por um lado, há os recursos privados dos fiéis, que contribuem de várias formas com a manutenção das instituições sociais; por outro lado, há os recursos públicos que financiam a práxis social da Igreja, por meio das parcerias público/privadas, entre o Estado e a instituição, como vimos anteriormente.

Na compreensão das suas linhas de atuação definidas no plano trienal de 1998 a 2001, a FEPAS, que é a responsável pela articulação das instituições ligadas às Igrejas locais, focalizou sua atuação em seis níveis: 1) assessoria aos projetos e entidades; 2) capacitação, formação e auxílio na gestão; 3) assessoria a comunidades e movimentos populares; 4) potencialização de ações sociais na igreja; 5)

participação nos espaços organizados da sociedade civil e 6) implementação e consolidação de parcerias.<sup>395</sup>

Percebe-se que é uma federação que persegue metas e resultados na sua atuação social e, por ser uma instituição ligada à Igreja, procura desenvolver suas atividades mobilizando esforços dentro da própria instituição religiosa. Por meio de assessoria, busca estabelecer redes que comportem seus projetos e sejam suficientemente arrojadas, para construir outras parcerias na sociedade civil.

Portanto, a partir da descrição das atividades das instituições ligadas às Igrejas locais, que possuem uma característica de práxis social, passamos a apresentar três níveis fundamentais de práxis social que contribuem para o exercício da fé cidadã na esfera pública da Igreja.

### 3.5.1. Práxis Educacional para a formação do sujeito cidadão

No desenvolvimento de uma práxis social voltada para a formação crítica do sujeito cidadão, verifica-se que há uma perspectiva de ação transformadora no interior das instituições ligadas à Igreja Batista Independente. Essas atividades orientadas à formação cidadã, estão focadas nas diretrizes do Estatuto da Criança e

---

<sup>395</sup> Op. Cit. SCHULZ, Almiro, pp. 10-12. Neste período foram definidas quatro áreas preferenciais de ação das instituições ligadas a Igreja: 1) Crianças e adolescentes; 2) Projetos de atendimento as comunidades; 3) Terceira Idade e 4) Projetos especiais: bolsas de estudo, socorro emergencial e apadrinhamento brasileiro. Estas áreas prioritárias vigoraram até o ano de 2006, quando no Congresso de Ação Social do mesmo ano, foi divulgada a nova divisão das áreas, que para o próximo triênio, passam a ser três níveis de desenvolvimento social local. Cf. CONGRESSO DE AÇÃO SOCIAL - *Redes Sociais uma nova estratégia para o desenvolvimento*. Araçariquama, 28 nov. a 2 dez. 2006.

do Adolescente (ECA) <sup>396</sup> que, por sua vez, as fundamenta teórica e juridicamente, além do marco legal, no qual a meta das instituições é oferecer o melhor atendimento à criança e ao adolescente, na perspectiva de uma práxis educacional.

A Constituição Federal, no artigo 227, responsabiliza a família, a sociedade e o Estado, afirmando que estes devem

assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. <sup>397</sup>

Este aspecto da lei engloba o compromisso e a responsabilidade das instituições da sociedade civil, no oferecimento de condições favoráveis para o desenvolvimento da criança e do adolescente, no sentido de promover a formação do cidadão.

Uma das instituições que contribuem com a práxis educacional da Igreja é a Creche Batista Independente de Altamira, PA, que atende 59 crianças em seu programa de Educação Infantil, que participam do programa de apadrinhamento sueco. <sup>398</sup> Esta instituição desenvolve atividades educacionais desde a creche até o curso médio, e destaca-se pela qualidade dos serviços prestados à população e pelas parcerias públicas. Em 2001, realizava 65 atendimentos, passando para 743 atendimentos entre crianças e adolescentes no ano de 2006. Essa instituição é uma referência educacional na cidade de Altamira, além de contribuir para o desenvolvimento comunitário por meio de programas educacionais.

---

<sup>396</sup> Estatuto da criança e do adolescente, de acordo com a Lei n. 8.069, de 13 jul. 1990, cf. *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988*. 17ª Ed. São Paulo: Saraiva, 1997, p. 115.

<sup>397</sup> Artigo 227 – Da família, da criança, do adolescente e do idoso. In: *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988*. 17ª Ed. São Paulo: Saraiva, 1997, p. 116.

<sup>398</sup> ANEXO I – Folder do Apadrinhamento Sueco “Pão para Irmãos”.

A parceria municipal foi celebrada em 2004 e resultou na ampliação dos atendimentos. A instituição educacional ligada à Igreja Batista Independente em Altamira demonstra sua presença marcante no espaço público e, como resultado dessa articulação, consegue realizar a parceria com o governo local e desenvolver sua práxis educacional ampliando os serviços à população do município.<sup>399</sup>

Por outro lado, a municipalização do Centro Educacional Batista Independente traz consigo novos desafios no tocante à inserção pública da Igreja. Ao mesmo tempo em que a escola amplia o seu atendimento à população em parceria com o governo municipal, é importante lembrar que as novas leis a respeito da municipalização da educação, faz com que as prefeituras se comprometam mais com a construção de escolas, a fim de ampliar, cada vez mais, o atendimento à população, justamente porque o repasse de verba ocorrerá de acordo com a quantidade de atendimentos.

Por esta razão, a cidade de Altamira caminha na construção de duas escolas públicas, que ocasionará o fim da parceria com o Centro Educacional Batista Independente, e ainda, com a transferência dos alunos para essas escolas. Por um lado, isto representa a missão cumprida da Igreja, no que se refere a promover o acesso à educação pública, onde suas ações construíram tal parceria. Por outro lado, há uma necessidade urgente da instituição repensar a sua forma de intervenção social, já que nesse processo de municipalização certamente acarretará em uma escassez de recursos financeiros para manter a escola e o esvaziamento das salas de aula em razão das transferências. Além do mais, parece-nos claro que as instituições

---

<sup>399</sup> Ainda fazem parte do Núcleo de Educação Infantil, oferecendo serviços de creche: a Creche Arnold Hadlich ligada Sociedade Beneficente Arnold Hadlich de Blumenau, SC, a Creche Cantinho do Amor ligada ao Departamento de Assistência Social da Igreja Batista Independente de Telêmaco Borba/PR, a Creche John Ongman da Sociedade Beneficente Evangélica de Frederico Westphalen/RS e a Creche Batista Independente da Associação Batista Independente Calvário de Cruz das Almas/BA. Op. Cit., SCHULZ, Almiro, pp. 11-13.

ligadas ao enfrentamento dos problemas sociais precisam trabalhar arduamente, para que a sua mobilização e articulação política contribua, em definitivo, com o acesso aos direitos fundamentais do cidadão, em especial aos empobrecidos. Este processo exige militância constante junto aos cidadãos no tocante à conscientização dos seus direitos e deveres, mobilizando os esforços em torno de interesses comuns, na busca da efetivação dos mesmos no espaço público e democrático.

Este fenômeno é importante para compreendermos que as ONGs, além de serem instituições que atuam no limite de atuação do Estado, onde existem muitas carências econômicas, sociais e culturais, também precisam estar na vanguarda das práticas sociais, oferecendo serviços relevantes para as comunidades locais.

É de fundamental importância concentrar esforços no que se refere à formação do cidadão crítico, consciente e ativo na sociedade, ampliando as práticas cidadãs e políticas no espaço público ou, em outras palavras, educar para elevar o nível de consciência do cidadão comum, para que este atue como sujeito histórico no contexto social contemporâneo.

Com a parceria da FEPAS e uma grande rede de cooperação social <sup>400</sup>, a Associação Beneficente Direito de Ser de Campinas, SP, além de atender 75 crianças de 7 a 14 anos na periferia de Campinas, no Bairro São Marcos – considerado um dos mais violentos do município –, tem desenvolvido atividades junto a 95 famílias no bairro e arredores.

---

<sup>400</sup> Na rede de convênios e financiadores das atividades da instituição participam além da FEPAS, a Federação das Entidades Assistenciais de Campinas (FEAC); a instituição possui Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS); o Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS); o Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (FMDCA); Estes convênios favorecem a captação de recursos para a instituição, que recebe um cofinanciamento com a Secretaria Municipal de Cidadania, Trabalho, Assistência e Inclusão Social (SMCTAIS), com FEPAS e da FEAC, do FMDCA (1% e 6% do IR), recursos de empresas e doações de sócios contribuintes (pessoa física).

Esta instituição nasce com um grande desafio e ousadia: servir de modelo de intervenção social no município e, também, para as outras instituições ligadas à FEPAS. Fundada na década de 90, atualmente desenvolve atividades que colocaram a instituição como protagonista de práticas sociais de referência que,

tem participado da construção e na definição da política pública para o municipal para o atendimento de crianças e adolescentes, o programa com famílias que é tido como referência e a construção do Sistema de Gerenciamento de Sistemas Sociais (SGPS), tecnologia social desenvolvida pela instituição com apoio da FEPAS que está sendo utilizado por 40 entidades.<sup>401</sup>

Em virtude deste protagonismo social do Direito de Ser, suas ações têm se multiplicado por meio de outras instituições, como se verifica com o programa de tecnologia social desenvolvida pela instituição.

O Centro Social Filadélfia de Fortaleza, CE, é outra instituição que tem oferecido à comunidade do Bairro Parque Dois Irmãos, curso de iniciação à profissionalização, atendendo, entre os anos de 2001-2006, cerca de 440 pessoas. No total das suas práticas sociais, atuando conjuntamente com o governo municipal e a Compassion, desenvolve atividades de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Núcleo de Apoio Escolar, Educação de Jovens e Adultos e mutirão para a construção de casas.<sup>402</sup>

Uma última instituição voltada a práticas sociais, tendo como alvo crianças e adolescentes, está no centro de um debate contemporâneo relacionado à inclusão social de portadores de necessidades especiais, regulamentado por lei federal.<sup>403</sup> O

---

<sup>401</sup> F. FILHO, Almir de Oliveira. *Relatório de Atividades: exercício de 2005*. FEPAS: Campinas, 2005, p. 4.

<sup>402</sup> Também desenvolvem atividades de iniciação profissional o Centro Social Bálsamo de Fortaleza, CE, a Associação Beneficente o Bom Samaritano da Barra de São Francisco, ES, a Associação Beneficente Filadélfia de Patriarca, SP, o Centro Social Batista Independente de Maceió, AL e o Centro Social Betel de Maceió, AL.

<sup>403</sup> Lei Federal nº 7.853, de 24 de outubro de 1989. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/LEIS/L7853.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/LEIS/L7853.htm).

contexto batista independente atual possui uma instituição voltada a esse público específico, o Centro Social Ebenézer de Bayeux, PB.

Desenvolvendo suas práticas sociais ligadas à igreja local, a instituição tem como parceiros a Compassion, a Prefeitura Municipal e a Secretaria de Assistência Social, e está localizada na região metropolitana de Fortaleza, com cerca de 90 mil habitantes, atuando principalmente na área da educação infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Especial, com um total de 1140 atendimentos no ano de 2006, dos quais 102 foram dirigidos à portadores de necessidades especiais (surdez, física, mental leve, autismo).

Com o intuito de contribuir para a melhor inclusão destas crianças, é oferecido pelo governo municipal curso de libras para as famílias, sendo que o espaço físico é adaptado para facilitar o acesso, e ainda, o estudante portador de necessidades especiais participa das aulas juntamente com os outros alunos. Este tipo de práxis social é referência em toda a região Nordeste.<sup>404</sup>

### 3.5.2. Desenvolvimento sustentável e poder local como alternativas democráticas para o desenvolvimento humano

Um dos temas mais discutidos na atualidade diz respeito ao desenvolvimento sustentável, que está intimamente ligado à manutenção da vida no planeta, procurando formas diferenciadas de manejo do meio ambiente, para que o ser humano possa extrair da natureza – sem destruí-la – os elementos para a manutenção da vida.

---

<sup>404</sup> F. FILHO, Almir de Oliveira. *Relatório Social do Centro Social Ebenezer*. FEPAS: Campinas, 2005, p. 3.

Há muitos teóricos e militantes ligados a esta temática. Ambientalistas, líderes comunitários, população indígena, religiosos, políticos, etc, têm debatido se essa não seria a alternativa para equacionar o déficit na distribuição de renda e desenvolvimento humano, decorrente do modelo atual de mercado global.

Diante de tal modelo é fundamental e urgente construir uma ponte que seja uma alternativa ao desenvolvimento neoliberal, contrapondo o ponto de vista da cultura dominante, com o papel dos/as oprimidos/as, tomados/as como sujeitos, e um povo que “se alça para a consciência e a dignidade de sujeito histórico”<sup>405</sup>. Esta escolha não é apenas eticamente mais justa, de acordo com Girardi, mas é também a “culturalmente mais válida e fecunda”<sup>406</sup>, por serem eles os maiores interessados em desmascarar as mentiras que “acobertam a violência do sistema”, e fazer com que triunfe a verdade na construção de um mundo melhor.

Isto significa reconhecer a capacidade moral, intelectual e política dos indivíduos para exercerem os seus direitos. Esta é uma opção participativa e libertadora, nas palavras de Girardi: “o ponto de vista do oprimido chega a ser alternativo, quando ele se dá conta de sua condição e de seu caráter injusto, toma consciência de seus direitos e capacidades, se mobiliza e organiza em busca de alternativas”.<sup>407</sup>

Nesse processo da construção de alternativas ao modelo neoliberal, as mulheres têm seu papel valorizado, em razão do seu protagonismo que se impõe

---

<sup>405</sup> Op. Cit., GIRARDI, Giulio, p. 96. Sobre o desenvolvimento sustentável ver também SCHULZ, Almiro. Desenvolvimento comunitário – referencial/fundamentação teórica. In: *II Congresso Brasileiro de Missões – modelos missionários brasileiros para o século XXI*, 9 a 13 de nov. 1998, pp. 148-154; ASHOKA Empreendedores Sociais e McKinsey & Company, Inc. *Empreendimentos sociais sustentáveis: como elaborar planos de negócio para organizações sociais*. São Paulo: Peirópolis, 2001; MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE A FOME. Disponível em [www.desenvolvimentosocial.gov.br](http://www.desenvolvimentosocial.gov.br).

<sup>406</sup> Ibidem.

<sup>407</sup> Ibid., p. 97.

“como fundamental para a elaboração e realização de um projeto de alternativa não violenta”.<sup>408</sup> Qualquer alternativa para um mundo diferente do atual, refundado na esperança e na solidariedade, indiscutivelmente precisa buscar construir uma nova sociedade pautada na não-violência.

Para Girardi, verifica-se que existem protagonismos alternativos nas áreas periféricas do sistema neoliberal, que se destacam na luta pela sobrevivência, experimentando, inovando e animando uma economia informal, na busca de uma economia com o mercado, mais solidária, uma economia de comunhão.<sup>409</sup>

Um dos aspectos fundamentais de um projeto de desenvolvimento local sustentável é uma estrutura econômica, política e de poder descentralizados, para que possam multiplicar-se as iniciativas locais e a participação popular. As estruturas descentralizadas contribuem para a distribuição do poder, constituindo-se em poderes locais, compartilhado e não centralizado, o que possibilita que setores populares mais amplos possam apropriar-se do poder, utilizando esses espaços e transformando-os em espaços de autonomia e de contra poder político, econômico e social.

Buscar alternativas democráticas, que possibilitem a participação e a tomada de decisões pelo cidadão para construir uma sociedade nova, a partir da criação de espaços de autonomia e de contra poder popular é, sem dúvida, um grande desafio para as instituições ligadas à Igreja, como também para as ONGs, que atuem nesta área do desenvolvimento sustentável, não em uma perspectiva reacionária, não crítica como sustentáculo do neoliberalismo, como afirma Montañó, mas em perspectiva de participação cidadã, democrática e solidária. É possível verificar essa

---

<sup>408</sup> Ibid., p. 97.

<sup>409</sup> Lembramos aqui, o movimento Fokolar, surgido na Itália e disseminado por seu modelo de economia de comunhão em todo mundo, em especial no Brasil. Ver LUBICH, Chiara. *Economia de Comunhão - história e profecia*. Editora Cidade Nova, 2004; PINTO, Mario Couto Soares. *Economia de comunhão – empresas para um capitalismo transformado*. Ed. FGV: São Paulo, 2006.

preocupação presente, na realização do II Encontro de Estudo e Planejamento da FEPAS:

A participação solidária, a comunicação e a responsabilidade conjunta é que anima uma comunidade na luta pela superação de seus problemas fundamentais. Não adianta somente trazermos respostas “pré-fabricadas”, mas sim elaborar respostas junto com a comunidade.<sup>410</sup>

Este desafio é uma constante desde o início da terceira fase de desenvolvimento das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro.

Vale lembrar que “o desenvolvimento sustentável é parte de todo um projeto de civilização alternativa, fundada no direito da autoderminação solidária dos povos, em contraposição à civilização fundada no direito do livre mercado”.<sup>411</sup>

A proposta de um projeto alternativo popular é um processo que deve ser orientado à inversão de uma tendência histórica, o que exige uma práxis social em uma perspectiva estratégica, que esteja voltada à promoção de mudanças estruturais, articulada com o exercício da cidadania no espaço público plural. É um processo que não pressupõe um modelo acabado de sociedade, mas que pretende construí-la de forma participativa, ou seja, uma alternativa que corresponda às aspirações das maiorias populares.

### 3.5.3. A práxis social na formação das redes de cooperação: compartilhar experiências com as novas gerações

Este conceito tem sido utilizado a partir da compreensão da expressão latina *retis*, como um “entrelaçamento de fios com aberturas regulares que formam uma

---

<sup>410</sup> Responsabilidade Social. In: *II Encontro de estudo e planejamento da FEPAS*. Campinas, 15 abr. 97.

<sup>411</sup> *Ibid.*, p. 127.

espécie de tecido... malha e estrutura reticulada, a palavra rede foi ganhando novos significados ao longo dos tempos”.<sup>412</sup> É um conceito que tem sido difundido principalmente através das práticas sociais de ONGs. Silva apresenta o conceito de rede “enquanto sistema de laços realimentados”<sup>413</sup> e, a este respeito, chama a atenção para o “advento do terceiro setor e a utilização intelectual e a própria prática do trabalho em rede”.<sup>414</sup> Para ele, as realidades das redes e do Terceiro Setor estão intrinsecamente relacionadas, onde o segundo se caracteriza essencialmente como uma gigantesca teia de inter-conexões.

Uma grande teia de relações e inter-relações, tem sido um elemento fundamental para a manutenção e a própria existência das ONGs. No contexto da práxis social desenvolvida no interior das instituições ligadas à Igreja Batista Independente, verifica-se esse conceito de redes sociais em algumas instituições, como a Associação Beneficente Direito de Ser em Campinas, Centro Social Ebenézer em Bayeux e o Centro de Ação Social e Desenvolvimento Comunitário em Cachoeira.

Por outro lado, muitas instituições ainda não conseguiram estabelecer sua rede de cooperação de forma eficaz e, por esta razão, algumas dessas instituições chegam a passar por sérias dificuldades na manutenção de suas atividades e da própria instituição. O isolamento da instituição na prestação de serviços de interesse social amplia as dificuldades de qualquer ONG. Buscar criar e/ou ampliar sua rede

---

<sup>412</sup> SILVA, Anônio Carlos, *O que são redes?* Consultado em 14 set. 2004. Disponível em [http://www.rits.apc.org/redes\\_teste/rd\\_oqredes.cfm](http://www.rits.apc.org/redes_teste/rd_oqredes.cfm). Sobre o tema das redes ver também MARTINS, Paulo Haus. *Institutos, Fundações, ONGs, OSCIPS e Filantrópicas*. Rede de Informação do Terceiro Setor - RITS: Março, 2002; Rede de Informações do Terceiro Setor – RITS. Disponível em [www.rits.org.br](http://www.rits.org.br); sobre uma reflexão mais ampla a respeito da sociedade em redes ver CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e Cultura*, Vol. 1. A sociedade em redes. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

<sup>413</sup> Ibidem.

<sup>414</sup> Ibidem.

de cooperação entre os órgãos públicos e privados, e envolver a comunidade local nas atividades sociais deve ser uma meta constante, para evitar o isolamento e a ineficácia da sua atuação social.

Nas instituições em cujas atividades constata-se a práxis social como elemento fundamental das suas atividades, verifica-se mais claramente a preocupação das pessoas envolvidas, a preocupação de ampliar os espaços onde a atuação da instituição é conhecida. Procura-se a participação da população local e do poder público nas atividades desenvolvidas, e ainda, conscientizar e ampliar o processo de participação popular mais amplo da sociedade civil e Estado, como grandes parceiros no desenvolvimento e no oferecimento de serviços à população local.

Esse tipo de práxis social, que publiciza seus projetos e busca maior conscientização social da sociedade civil e do poder público local, tende a ampliar a rede de inter-relações das instituições sociais, com o objetivo inicial de compartilhar experiências locais, que podem ser multiplicadas em outros espaços de articulação das redes. Por outro lado, a meta dessas redes sócias é o compartilhamento das responsabilidades referentes aos enfrentamentos dos problemas sociais, em um diálogo enriquecedor com as instituições e os atores da sociedade civil.

Constituir-se parte de uma rede social, contribuindo para a democratização de conhecimentos, técnicas e metodologias, além de participar dos resultados desse processo através do apoio de recursos humanos e materiais, possibilita a profissionalização, a conscientização e a ampliação das ações por meio de uma práxis social coordenada em redes de cooperação.

Nesse sentido, a práxis social da Igreja Batista Independente pode constituir-se como elemento transformador das ações de uma rede social de cooperação, por

meio da inserção dos valores do Reino de Deus, do seu compromisso com a libertação integral do ser humano, na luta pela humanização das relações políticas, econômicas e sociais.

Para que haja transformação da realidade social, a práxis social da Igreja, independentemente de qual seja a sua área de atuação, precisa ter como características fundamentais a práxis educacional para a formação do sujeito cidadão, educando para uma participação mais efetiva do cidadão na esfera pública. Também é necessário que estas ações comportem uma visão de desenvolvimento sustentável, na perspectiva de promover o compartilhamento do poder local, criando alternativas para o desenvolvimento humano integral. E, por fim, a construção de uma sociedade nova, na era da globalização, em meio a uma sociedade tecnológica, precisa caminhar na formação de redes sociais de cooperação e democratização de conhecimentos.

Para Silveira e Bocayuva, as redes sociais horizontais são de extrema importância para

a construção de uma nova esfera pública, em uma de suas manifestações mais completas, está no desenho e implementação de *agendas de desenvolvimento local*. Em processos dessa natureza, atores sociais articulam iniciativas, operam num plano temporal planejado sobre temas e questões escolhidas, monitoram, avaliam e redefinem suas ações, sendo impossível que, neste esforço coletivo e heterogêneo, a diversidade se perca ou o conflito deixe de atuar, junto com o consenso mínimo que alimenta a continuidade das interlocuções.<sup>415</sup>

O caminho para a instauração de uma nova sociedade, por meio da práxis social da Igreja, precisa necessariamente conter ações que contemplem esses três eixos fundamentais para o desenvolvimento e ampliação da práxis social, como elemento capaz de gestar a nova sociedade, pautada na justiça social e na

---

<sup>415</sup> SILVEIRA, Caio Márcio, BOCAJUVA, Cunca. *Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável Enfoque Estratégico e Construção de Indicadores*. Consultado 29 mai. 2006. Disponível em [http://www.iets.org.br/biblioteca/Desenvolvimento\\_local\\_integrado\\_e\\_sustentavel.pdf](http://www.iets.org.br/biblioteca/Desenvolvimento_local_integrado_e_sustentavel.pdf).

solidariedade, em um mundo onde a pluralidade étnica, cultural e religiosa possa ser uma realidade vivenciada no cotidiano das relações humanas.

### **3.6. CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DESTE CAPÍTULO**

Este capítulo contemplou a análise do desenvolvimento das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro, apresentado a partir de três fases distintas da inserção da Igreja no espaço público por meio das práticas sociais. Verificou-se que o contexto social no qual se dá a inserção da Igreja é complexo. O processo de globalização e a ampliação do capital financeiro são alguns dos problemas fundamentais, que as instituições sociais ligadas à Igreja precisam enfrentar no cotidiano da sua atuação social.

Esse processo globalizante tem influenciado as economias e os Estados nacionais, gerando o encolhimento do Estado e o surgimento do Terceiro Setor que, por sua vez, passa a articular ações por meio das ONGs em uma nova dinâmica social a partir da década de 90.

Neste contexto atual, onde ocorrem as práticas sociais da Igreja Batista Independente, de acordo com a primeira hipótese enunciada neste capítulo, verifica-se a existência de práticas sociais no interior das instituições, que se caracterizam como práticas transformadoras que, nos termos desta pesquisa, são definidas como práxis social.

Também, de acordo com a segunda hipótese enunciada, ficaram evidentes a partir da descrição das práticas sociais mais relevantes no contexto brasileiro da Igreja Batista Independente, três âmbitos da práxis social que se conformam com o conteúdo do Reino de Deus e contribuem para o exercício da fé cidadã.

A práxis educacional, o desenvolvimento local sustentável com compartilhamento do poder local e a formação de redes sociais de cooperação, constituem os três âmbitos da práxis social, identificados como elementos fundamentais na descrição das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento da pesquisa referente às práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro, verificou-se a identificação desta instituição religiosa com as questões sociais, e também os desafios e as dificuldades enfrentadas no contexto local para a viabilização da sua estratégia de inserção pública por meio dessas práticas.

No decorrer da implantação e desenvolvimento do projeto missionário batista sueco no interior do Brasil, constataram-se as primeiras iniciativas de inserção pública da Igreja por meio das práticas sociais, por iniciativa dos/as missionários/as, dos líderes e membros das Igrejas locais que haviam sido implantadas. Neste processo histórico, ocorre também a ampliação das práticas sociais regionalizadas, que passam a abranger o contexto brasileiro já como uma estratégia denominacional de ampliação nacional.

Nestas duas fases de atuação social da Igreja, já encontra-se instaurada nas práticas sociais uma perspectiva de ação transformadora, porém, as características de intervenção social dessa época no contexto brasileiro, ainda esboçam ações de cunho assistencialista. Nota-se, porém, que as práticas educativas, em especial, manifestam essa perspectiva transformadora, promovendo de alguma maneira a transformação da realidade daqueles que são objeto das práticas sociais da Igreja Batista Independente, no contexto local.

Já na década de 80, é deflagrada uma nova fase das práticas sociais da Igreja, instaurada por mudanças societárias e uma nova metodologia de intervenção social,

focalizando esforços não apenas pautados no assistencialismo, mas busca-se implantar a ação social como modelo de promoção humana. É também nesta fase que a articulação entre as práticas sociais e a religião torna-se mais evidente e transformadora. Todo o desenvolvimento desta terceira fase foi pautado em uma visão de missão integral da Igreja, e na conscientização, profissionalização e treinamento de novos agentes sociais no interior das instituições e das igrejas locais, em todo o território nacional. Estas mudanças se deram a partir de uma maturidade da intervenção social da Igreja, e também em razão da inserção de profissionais da área social, que tiveram um papel fundamental e enriqueceram o conhecimento da Igreja em relação às possibilidades e os desafios da presença desta na sociedade.

A partir dos conhecimentos disponíveis a respeito das práticas sociais da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro, buscou-se verificar a validade das hipóteses levantadas, por meio das quais constatou-se que, nas instituições ligadas à Igreja, ocorrem práticas que podem ser consideradas práxis social, por objetivarem a transformação da sociedade. E também, pode-se constatar que essa práxis social conforma-se com o conteúdo do Reino de Deus e com o exercício da cidadania, portanto, foi demonstrada a validade das hipóteses e o cumprimento dos objetivos desta pesquisa.

É preciso registrar que esta pesquisa não teve a pretensão de resolver todas as questões que envolvem o fenômeno das práticas sociais da Igreja Batista Independente, em sua inserção pública por meio da práxis social, antes, houve a preocupação de descrever e analisar esse fenômeno, a partir da perspectiva interdisciplinar das Ciências da Religião, na tentativa de lançar luzes a sua compreensão.

Neste sentido, procurou-se apontar caminhos e gerar a reflexão a respeito do

tema das práticas sociais da Igreja, a partir da experiência da Igreja Batista Independente no contexto brasileiro, onde verifica-se algumas possibilidades e desafios nas estratégias de inserção pública da Igreja.

Elaborar programas focados na práxis social em um contexto de pluralidade cultural, política e religiosa é um dos grandes desafios da Igreja no enfrentamento da pobreza, da exclusão social, da falta de sentido dos indivíduos e da coletividade.

Outro desafio da Igreja é de inserir-se no espaço público por meio da práxis social e do exercício da fé cidadã de forma propositiva, ou seja, é necessário que ela procure fomentar o debate a respeito da justiça social, da cidadania e da solidariedade. Esta perspectiva de inscrever-se em um debate atual e constante em vários contextos sociais possibilitará o enriquecimento do debate no espaço público, ampliando o compromisso da Igreja com as mudanças políticas, econômicas e sociais.

Percebe-se que os problemas sociais não são facilmente solucionados, em razão da lógica excludente do mercado. Um dos problemas fundamentais relaciona-se à perspectiva do consumo de bens e de mercadorias, no qual o indivíduo é valorizado pelo tipo de mercadoria que consome e não por seu valor como ser humano. Neste ponto, é preciso que a práxis social da Igreja busque contrapor os valores da sociedade de consumo, justamente porque esta mentalidade tem sido a responsável por reafirmar os valores de mercado, em detrimento de uma valorização do ser humano.

Por intermédio das práticas sociais da Igreja, é possível a construção de novos sentidos, que apresentem ao indivíduo a possibilidade de ser reconhecido por meio da graça e do amor divino, pela comunidade cristã, pela família e grupo social, a partir de valores intrínsecos a sua própria natureza de criação divina. Esta perspectiva

de reconhecimento social precisa ser implementada no interior das instituições ligadas à Igreja, e precisa ser ampliada nas próprias comunidades religiosas, para que essa valorização do ser humano, pautada na mensagem do Reino de Deus, faça-se presente no contexto plural das ações da Igreja.

O meio ambiente ainda é um tema pouco discutido e valorizado no interior das instituições religiosas. Portanto, é imprescindível ampliar-se o debate, além de haver um posicionamento a favor do meio ambiente, que é a casa comum de todos nós. Atualmente, não é possível viver neste mundo pensando que os recursos naturais são infinitos, ou acreditando que a forma como vivemos está em perfeita harmonia com a natureza. Verifica-se que o mundo atual vive um desequilíbrio nas estações e nos climas que não é natural, mas antes, é consequência do sistema de produção industrial, que tem valorizado o meio ambiente apenas por seu valor econômico.

É necessário haver uma práxis social voltada para a ecologia, ou em outras palavras, uma práxis ecológica, para frear as estatísticas de destruição dos ecossistemas globais. Além de engrossar as fileiras na preservação do meio ambiente, é necessário resgatar uma característica fundamental, retirada do Pentateuco, o qual apresenta ao ser humano a incumbência divina de cuidar da natureza criada e cultivá-la para sua sobrevivência, e não para o enriquecimento por meio dela.

Nesta mesma linha de práxis ecológica está o desenvolvimento local sustentável, como alternativa ao modelo atual de desenvolvimento. Enquanto existem ações voltadas para ampliação e domínio do modelo neoliberal, a partir de redes de cooperação, que não contribuem para a instauração da nova sociedade, a práxis social tem o desafio de contrapor esta proposta de um mercado salvador do mundo, com propostas e parcerias que caminham na via alternativa do desenvolvimento local

sustentável.

Essa linha de atuação social da Igreja pode contribuir para o uso mais coerente do meio ambiente, com atividades em meio a pequenos lavradores, hortas comunitárias, cooperativas de reciclagem, além de ampliar a perspectiva de responsabilidade individual em relação ao meio ambiente. Projetos de desenvolvimento local podem contribuir fundamentalmente para a construção de uma nova sociedade pautada no manejo adequado dos recursos naturais, na justiça social e na solidariedade, além de ampliar a participação popular nos processos decisórios e na atribuição de responsabilidades em nível local.

O desafio de fomentar ações concretas para a erradicação dos condicionantes da exclusão social e da pobreza no âmbito local, buscando construir redes que se inter-relacionem local e regionalmente, para promover o desenvolvimento local sustentável, deve ser uma das metas da práxis social da Igreja.

Também construir redes solidárias que não estejam alinhadas com os interesses do grande capital, por meio de práticas que realimentem o sistema que é por natureza excludente, e não servir aos interesses político-partidários e/ou plataformas de governos interessados apenas na manutenção do poder e da estrutura social, com práticas meramente assistencialistas. Antes, o desafio para a práxis social da Igreja é ampliar, cada vez mais, ações que venham promover a cidadania, os valores comunitários, a geração de renda alternativa, buscando apoiar idéias e projetos que venham contribuir com uma economia solidária e mais justa, que traga benefícios à comunidade local, promovendo o desenvolvimento sustentável.

Outro elemento importante, quando tratamos da práxis social da Igreja, diz respeito à perspectiva final dessas atividades. Verifica-se que, em geral, as ONGs se configuram como prestadoras dos mais variados tipos de serviços à população

empobrecida, porém, deve-se distinguir as instituições religiosas das empresariais.

As empresas, na maioria dos casos, atuam na manutenção da estrutura econômica e de poder, principalmente, porque há o interesse econômico por trás de supostos interesses humanísticos. Como verificou-se anteriormente, muitas ONGs empresarias não possuem em sua perspectiva de atuação, ações voltadas para a formação do cidadão crítico, antes, sua perspectiva de ação tem a ver com a necessidade de mão-de-obra especializada para a manutenção dos meios de produção.

Esta forma de captação de recursos humanos para a ampliação da produção, dá-se no Terceiro Setor a baixo custo financeiro, justamente porque os investimentos financeiros neste segmento são compensados pela isenção de impostos pagos ao Estado, o que acaba por contribuir diretamente na redução do custo empresarial.

Por muitas vezes, a única obra social realizada pelo empresariado, corresponde a mais um empreendimento econômico, voltado à geração de lucros com a divulgação de suas empresas, marcas e produtos que tendem a ser compreendidas, pela massificação deste tipo de propaganda empresarial, como empresas cidadãs, de responsabilidade empresarial que produziriam mercadorias compreendidas como politicamente corretas.

A práxis social da Igreja possui uma outra meta final. Nem sempre se consegue superar os indicadores de exclusão social – nem a intervenção empresarial – com tanto sucesso; porém, sua meta é a transformação do indivíduo e da sociedade. Suas atividades em geral, não possuem nenhum interesse em produzir produtos com selo de responsabilidade social ou de ampliar a visibilidade de suas marcas em produtos de consumo. Sua preocupação fundamenta-se na elevação do nível de consciência cidadã e na ampliação dos valores do Reino de Deus. É bastante claro

que a Igreja identifica sua missão evangelizadora com sua atuação social, não fazendo distinção entre essas duas ações. Para ela, os sinais do Reino de Deus precisam ser manifestos por meio da práxis social das instituições sociais ligadas a ela, promovendo transformação por meio do exercício da justiça social, da cidadania e da solidariedade.

Os desafios da práxis social da Igreja são muitos, porém, com sua força de conscientização, de mobilização, de articulação interna (Igreja) e no espaço público na interface da cidadania, pautadas nos valores do Reino de Deus e no exercício da fé cidadã, há um horizonte de esperança para a construção de uma nova sociedade onde caibam todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### LIVROS

- ALBERICH, E. *Catequesis y praxis eclesial*. Madri, 1983.
- ARENDT, Hannah. *Condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- ASHLEY, Patrícia A. [org] et. al. *Ética e responsabilidade social nos negócios*. São Paulo: Saraiva, 2002.
- ASSMANN, Hugo. *Crítica à Lógica da Exclusão: ensaios sobre a economia e teologia*. São Paulo: Paulus, 1994.
- \_\_\_\_\_, MO SUNG, Jung. *Competência e sensibilidade solidária*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- AUDINET, J. Saisie et compréhension de l'action religieuse. In: VIAU, M. E BRODEUR, R. (ed). *Les études pastorales: une discipline scientifique?* Quebec, 1987.
- BASTIAN, Jean-Pierre. *História del protestantismo em América Latina*. México: Centro de Comunicación Cultural – CUPSA, A.C., 1990.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BLAUW, J. *A Natureza Missionária da Igreja*. São Paulo: ASTE, 1966.
- BOSCH, David J.. *Missão transformadora*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
- BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o próximo milênio*. São Paulo: Paulus, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Fisionomía de las comunidades eclesiales de base*. Concilium, 164 (1981) 97.
- BORGER, Fernanda Gabriela. *Responsabilidade social: efeitos da atuação social na dinâmica empresarial*. Tese de Doutorado da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.
- CAMPOS, André (org.) *Atlas da exclusão social: dinâmica e manifestação territorial*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2004.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

- CARTER, Isabel. *Desenvolvendo capacidade de grupos locais: um dos pilares*. Tearfund, 2002.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e Cultura*, Vol. 1. A sociedade em redes. São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Clóvis Pinto de. *Por uma fé cidadã – a dimensão pública da Igreja*. São Paulo/São Bernardo do Campo: Loyola/ UMESP, 2000.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHIANCA, Thomaz. *Desenvolvendo a cultura de avaliação em organizações de sociedade civil*. Coleção Gestão e Sustentabilidade. São Paulo: Global, 2001.
- COLLING, Ana Maria e RISTOW, Beate Anelise. *O ensino em Ijuí: do barracão à cidade universitária*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1994.
- COMBLIN, Jose. *Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- COSTAS, O. *Compromisso y Misión*. Colección CELEP, Caribe: 1979; *La Iglesia y su Misión Evangelizadora*. Buenos Aires: La Aurora, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Evangelización Contextual Fundamentos Teológicos y Pastorales*. San José: SBL, 1986.
- CUBER, Pe Antoni. *Nas margens do rio Uruguai*. Ijuí: Museu Antropológico Diretor Pestana, 1975.
- Cultura sustentável*. Revista filantropia: Responsabilidade Social & Terceiro Setor. Ed. 23, Ano V, mai./jun. 2006.
- DEMO, Pedro. *Cidadania tutelada e cidadania assistida*. Campinas: Ed. Autores Associados, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Pesquisa e construção de conhecimento*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- DRUCKER, Peter. *Administração de organizações sem fins lucrativos*. São Paulo: Pioneira/Fund. Vanzolini, 1991.
- EKSTRÖM, Bertil. *História de Missões*. Campinas: CEMIBI, 1993.
- EKSTRÖM, Leif Arthur. *Bön, Sinnrock & Kaffekvarn (A oração, a roca e o moedor de café): os vikings descobrem a América do Sul*. Monografia (Centro de Linguagem e Comunicação) Faculdade de Jornalismo – PUCCAMP, Campinas, 2005.
- ESCOBAR, Samuel. *Desafios da Igreja na América Latina: história, estratégia e teologia de missões*. Viçosa: Ultimato, 1997.
- Evangelização e Responsabilidade Social*. SÉRIE LAUSANNE. São Paulo/ Belo Horizonte: ABU Editora/Visão Mundial, 1982.

- FAVALE, A. *El ministerio presbiteral: aspectos doctrinales, pastorales y espirituales*. Madri, 1989.
- FEA THERSTONE, M. *O Desmanche da Cultura*. Globalização, Pós-Modernismo e Identidade. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- FERNANDES, Rubens Cesar. *Privado porém público: Terceiro Setor na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- FLODELL, Sven Arne. *Verano Eterno: sueño de inmigrante*. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2004.
- FLORIANO, Giovanni, PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.
- FLORISTÁN, Casiano. *Teología práctica: teoría y praxis de la acción pastoral*. Ediciones Sígeme: Salamanca, 2002.
- \_\_\_\_\_ e TAMOYO, Juan-Jose. *Conceptos fundamentales de pastoral*. Ediciones Cristianad: Madri, 1983.
- FRIBORG, Göran. *Brasiliensvenskarna, Emigrantinstutets Skriftserie*. Suécia. n. 5, 1988.
- GÓMEZ, José Maria. *Política e democracia em tempos de globalização*. Petrópolis/Buenos Aires/Rio de Janeiro: Vozes/CLASCO/Laboratório de Políticas Públicas, 2000.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. Mirar lejos. In: *Teología da Liberación*. Salamanca, 1990.
- HANSEN, Guillermo (ed.) *Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher – reseñas desde América Latina*. Secretaría de Publicaciones del Instituto Univestario – ISEDET. Buenos Aires: ISEDET, 2002.
- ICHOPE, Evelyn. In: GIFE. Terceiro Setor – desenvolvimento social sustentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL. *Responsabilidade Social das Empresas: a contribuição das universidades*. São Paulo: Peirópolis, 2002.
- JANSSON, Erik. *Under Söders Kors*. Vol. 1. Ed. Örebro Missionförenings Förlag: Motala, 1941.
- KLOSTERMANN-R., F., ZERFASS, R.(eds.) *Praktische theologie heute*. Munich: Maguncua, 1974.
- KONDER, Leandro. *O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- LANDIN, Leilah, BERES, Neide. *Ocupações, despesas e recursos: as organizações sem fins lucrativos no Brasil*. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

- LAZZAROTTO, Danilo. *História de Ijuí*. Coleção Museu Antropológico Diretor Pestana. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.
- LESSA, Hécio da Silva, *Ação Social Cristã*. Rio de Janeiro: Movimento Diretriz, 1966.
- LONGUINI NETO, L. *O Novo Rosto da Missão*. Viçosa: Ultimato, 2002.
- LUBICH, Chiara. *Economia de Comunhão - história e profecia*. Editora Cidade Nova, 2004.
- LUNA, Elba (compiladora). *Fondos privados, fines publicos – el empresario y la iniciativa social em America Latina*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 1995.
- MARQUES, Mario Osório (ed.). *Etnias diferenciadas na formação de Ijuí*. Museu Antropológico Diretor Pestana e Centro de Ciências Sociais da Unijuí. Ed. Unijuí: Ijuí, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Universidade emergente: o ensino superior brasileiro em Ijuí (RS) de 1957 a 1983*. Ijuí: Fidene, 1985.
- MARLÉ, R. *Le projet de théologie pratique*. Paris, 1979.
- MARTINS, Paulo Haus. *Institutos, Fundações, ONGs, OSCIPS e Filantrópicas*. Rede de Informação do Terceiro Setor - RITS: Março, 2002.
- MARX, Karl. *Teses (I) Sobre Feuerbach* 1845. Disponível em [www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesefeuer.htm](http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesefeuer.htm).
- METTE, Norbert. *Theorie der praxis*. Wissenschaftsgeschichtliche und methodologische Untersuchungen zur Theorie-Praxis-Problematik innerhalb der Praktischen Theologie, Düsseldorf, 1978, 342; id., *Praktische Theologie als Handlungswissenschaft. Begriff und Problematik*: Diakonia 10 (1979), pp. 190-203.
- MILES, Glenn, STEPHENSON. *Crianças e o desenvolvimento familiar*. Tearfund, 2002.
- MOTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança: estudos sobre os fundamentos e as conseqüências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Editora Herder, 1971.
- MONTAÑO, Carlos. *Terceiro Setor e a questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social*. São Paulo: Cortez, 2002.
- OLIVEIRA NETO, Valdemar. Responsabilidade social no Brasil e no mundo. *Revista Mercado Global*. n. 107, p.51-54, jun. 2000; GALLEAZZO, Alan. *Responsabilidade social e as empresas brasileiras*. Disponível em: <http://www.crppr.org.br/artigos/03.htm>. Acesso em 10 mar. 2007.
- Oaxtepec 1978: Unidad y Mision en America Latina*. San José: Comitê Editorial del CLAI: Consejo Latinoamericano de Iglesias (En Formación), 1980.
- PEZZULLO, Susan. *Desenvolvendo sua organização: um guia de sustentabilidade*

para ONGs. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

PIEDRA, Arturo. *Evangelización protestante en América Latina: análisis de las razones que justificaron y promovieron la expansión protestante 1830-1960*. Tomo I. Quito: Departamento de Comunicaciones del Consejo Latinoamericano de Iglesias - CLAI, 2000.

PINTO, Mario Couto Soares. *Economia de comunhão – empresas para um capitalismo transformado*. Ed. FGV: São Paulo, 2006.

POCHMANN, Marcio, AMORIM, Ricardo (orgs.) *Atlas da exclusão social: dinâmica e manifestação territorial*. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. *Atlas da exclusão social: a exclusão no mundo*. Vol. 4. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. *Atlas da exclusão social: os ricos no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

RETMOND-J, B. E SOORDET, M. *La théologie pratique*. Paris, 1993.

SAMUEL, Vinay K. *A comunidade cristã solidária no século 21*. Visão Mundial. Belo Horizonte: Depto. de Comunicação da Visão Mundial, 2002.

SCHWALM, Mauro Alberto. *Schleiermacher e os fundamentos da teologia prática: apontamentos de uma leitura em perspectiva*. Série Ensaios e Monografias do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo (EST). São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1994.

SEVERINO, Joaquim A.. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Edna Lucia da. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SOBREIRA, Rocilde Rodrigues. *A preservação do Cerrado no contexto da responsabilidade social das organizações: o caso do Instituto do Trópico Subúmido da Universidade Católica de Goiás*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

STEUERNAGEL, V. (ed.) *A Serviço do Reino - Um Compêndio sobre a Missão Integral da Igreja*. Belo Horizonte: Missão Editora, 1992.

\_\_\_\_\_. *A Missão da Igreja - Uma Visão Panorâmica sobre os Desafios e Propostas de Missão para a Igreja na Antevéspera do Terceiro Milênio*. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994.

SZAZI, Eduardo. *Terceiro Setor e regulação no Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2000.

TILLICH, Paul. *Perspectivas da teologia protestante do século XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 1999.

TORNQUIST, Ingrid Margareta, TORNQUIST, Guido Albano. *Fronteiras Novas: de Misterhult a Mato Alto*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1993.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. *Filosofia e circunstâncias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VIEIRA, Liszt. *Cidadania e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

### ARTIGOS

ALM, Lisa. Contribuição para o Orphanato Evangélico Bethel. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 55, Ano VI, março de 1932, p. 43.

Álcool-bebida. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 57, Ano VI, maio de 1932, p. 83.

A obra missionária entre os índios Caingangues. *Luz nas Trevas*, dez. de 1961. Edição Comemorativa, p. 22.

ASHOKA Empreendedores Sociais e Mckinsey & Company, Inc. *Empreendimentos sociais sustentáveis: como elaborar planos de negócio para organizações sociais*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

BOSTRÖM, Joel. Junta Missionária de Örebro, Suécia. *Luz nas Trevas*. Santa Maria, Ano XXXV, dezembro de 1961. Edição Comemorativa, pp. 6-7.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Estudo do pentecostalismo diante das mudanças de paradigmas em Ciências da Religião. In: *Novos paradigmas*. Série Ensaios de Pós-Graduação/Ciências da Religião, Ano I, n. 1, nov. 1995.

Cinquenta anos de Missão no Brasil (...) e dez anos de Evangelização Pátria (...). *Luz nas Trevas*. Santa Maria, dezembro de 1961. Edição Comemorativa, p. 22.

COOK, Guillermo. Hacia una Esperanza Solidaria en la Misión Evangelizadora. In: *Revista Pastoralia*. n. 19, dic. 1987, Año 9, pp. 59 a 88. Disponível em [www.igrejadairmandade.org.br/pastoralia.htm](http://www.igrejadairmandade.org.br/pastoralia.htm). Consultado em 20 nov. 2006.

Echos da Convenção. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 66, Ano VII, maio de 1933, p. 223.

FALCÃO, Pedro. Como foi a primeira Assembléia Geral da CIEBIB. *Luz nas Trevas*. Santa Maria, n. 12, Ano XXXV, dezembro de 1961. Edição Comemorativa, p. 7.

- GALLEAZZO, Alan. *Responsabilidade social e as empresas brasileiras*. Disponível em: <http://www.crppr.org.br/artigos/03.htm>. Acesso em 10 mar. 2007.
- GIANNOTTI, José Arthur. “O público e o privado”. Folha de São Paulo. São Paulo, 2 abr. 1995.
- GIRARDI, Giulio. Desenvolvimento Local Sustentável, Poder Local Alternativo e Refundação da Esperança. In: PIXLEY, Jorge (Coordenador). *Por um mundo diferente: alternativas para o mercado global*. São Paulo: Vozes, 2005, pp. 95-127.
- GOHN, Maria da Glória. O novo associativismo e o terceiro setor. In: *Serviço social e sociedade*, Ano XIX, n. 58, nov. 1998.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *A contribuição Alemã para formação da cultura brasileira*. Disponível em <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 13 jul. 2006.
- JANSSON, Erik. Os efeitos do uso de bebidas alcoólicas. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 66, Ano VII, fevereiro de 1933, p. 211.
- KAEMPF, B. La théologie pratique selon D. F. Schleiermacher. In: RETMOND-J, B. E SOORDET, M. *La théologie pratique*. Paris, 1993, pp. 32-41.
- KESSLER, Juan e NELSON, Wilton M. Panamá 1916 y su impacto sobre el protestantismo latinoamericano. In.: *Oaxtepec 1978: Unidad y Mision en America Latina*. San José: Comitê Editorial del CLAI: Consejo Latinoamericano de Iglesias (En Formación), 1980.
- LUNA, Elba (compiladora). *Fondos privados, fines publicos – el empresario y la iniciativa social em America Latina*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 1995.
- MALDONADO, Efendy. *Práxis reflexiva comunicacional e configurações sociais transformadoras*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 2003, p. 7. Disponível em: [www.intercom.org.br/papers/congresso2003](http://www.intercom.org.br/papers/congresso2003). Consultado em 14 dez. 2006.
- MÃOS DADAS. *Crianças e Adolescentes em situação de risco: porque se importar?* Viçosa: Red Viva/Ultimato, Ano 2, nov. 2001 e fev. 2002.
- MENDES, Martinho. Origem dos Batistas Independentes. *Luz nas Trevas*, 10 de fev. 1962. Edição Comemorativa, p. 11.
- M. P. S. Que ganhas no cinema? *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 60, Ano VI, agosto de 1932, p. 122.
- NORDSTOKKE, Kjell. Diaconia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph. *Teologia prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.
- “Não deve jogar”. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 69, Ano VII, junho de 1933, p. 266.

- OLIVEIRA, Francisco de. "O surgimento do antivalor". In: *Estudos do Sebrap*. São Paulo, n. 22, out. 1989, p. 9.
- PASQUATTO, Jô. Pesquisa mostra aumento do índice de exclusão social no Brasil. In: *Estadão*, 23 de mai. 2003. Disponível em <http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2003/mai/20/157.htm>.
- PERSSON, Alfredo M. Papai me disse que naquele tempo era assim. *Luz nas Trevas*. Santa Maria, Ano XXXV, n. 12, dez. 1961. Edição Comemorativa, p. 4.
- RICO, Elizabeth de Melo. O empresariado, a filantropia e a questão social. In: *Serviço social e sociedade*, Ano XIX, n. 58, nov. 1998.
- SANTOS, Alcides. Síntese histórica das Igrejas Evangélicas de Santa Maria. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria*, Ano II, n. 2, Santa Maria: 1963/64.
- SANTOS, Cristiane Aparecida. *Entidades Federadas – quadro geral de 2006*. FEPAS: Campinas, 2006.
- SCHULZ, Almiro. Conscientização social. In: *II Encontro de estudo e planejamento da FEPAS*. Campinas, 15 abr. 97.
- \_\_\_\_\_. Desenvolvimento comunitário – referencial/fundamentação teórica. In: *II Congresso Brasileiro de Missões – modelos missionários brasileiros para o século XXI*, 9 a 13 de nov. 1998, pp. 148-154.
- SILVA, Jacqueline Oliveira, PEDLOWSKI, Marcos A. *Práticas da sociedade civil na Assistência Social: entre o assistencialismo e a cidadania*. Disponível em <http://www.acceso.or.cr/istr/memoria/temas/ponencias/panel-2/Joliveira-MPedlowski.pdf>. Consultado em 14 abr. 2006.
- SILVA, G. J.. O Processo de globalização e a missão – Implicações bíblico-teológicas e pastorais. In: *Culturas e Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 1999.
- SILVEIRA, Caio Márcio, BOCAJUVA, Cunca. *Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável Enfoque Estratégico e Construção de Indicadores*. Consultado 29 mai. 2006. Disponível em [http://www.iets.org.br/biblioteca/Desenvolvimento\\_local\\_integrado\\_e\\_sustentavel.pdf](http://www.iets.org.br/biblioteca/Desenvolvimento_local_integrado_e_sustentavel.pdf).
- SPOHRE, Carlos. Um appello. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 62, Ano VI, nov. 1932, p. 155.
- SPOHRE, Lisen Helena. Orfanato feminino. *Luz nas Trevas*. Santa Maria, dez. 1961. Edição Comemorativa, p. 22.
- STOTT, John R. S. *Exposição do Pacto de Lausanne*. São Paulo/Belo Horizonte: ABU Editora e Visão Mundial, 1984.
- TORNQUIST, Carin, Os imigrantes suecos - apêndice-resumo de FRIBORG, Göran, *Brasiliensvenskarna, Emigrantinstitutets Skriftserie*, n. 5, 1988.

TORREY, Dr. R. A. A missão estrangeira. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 67, Ano VII, abril de 1933. *O segredo do progresso na vida cristã*, pp. 233-234.

Um lar para velhice. *Luz nas Trevas*. Santa Maria, dezembro de 1961. Edição Comemorativa, p. 22.

WELANDER, Carlos O. “Temor do Senhor”. *Luz nas Trevas*. Pelotas, n. 56, Ano VI, abril de 1932, pp. 46-47.

ZERFASS, R. Praktische theologie als handlungswissenschaft, In: KLOSTERMANN-R., F., ZERFASS, R.(eds.) *Praktische theologie heute*. Munich: Maguncua, 1974, 164-177.

### **ATAS, DOCUMENTOS E RELATÓRIOS**

ALM, Lisa. Estatística. In. *Relatório do 10º Aniversário do Orfanato Feminino Evangélico Betel*. Porto Alegre, 1940, p. 4.

*Ata de Fundação da Associação “Svenska Skolföreningen”*. Villa Guarany, 1 abr. 1918.

*Ata da Reunião de Fundação*. DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. Campinas, 30 set. 1986.

Ata das reuniões da Comissão Executiva da CIBI, realizada em Campinas nos dias 15 a 17 de julho de 1977.

Ata das Sessões da Convenção das Igrejas Evangélicas Batistas Independentes do Brasil, realizada na cidade de Ijuí, dias 22 a 24 de fevereiro de 1954.

Ata n. 7 dos trabalhos da XXVIII Assembléia Geral Anual da CIBI, 24 a 29 de janeiro de 1984, Viamão, RS.

*Boletim n. 1*. CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES DO BRASIL, 1954.

CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES. *Dados estatísticos ano base 1984*. Coordenação e Produção da Secretaria da Convenção: Campinas, 1984.

*Diretrizes Básicas para Ação Social: proposta de projeto*. DEPARTAMENTO DE ASSISTENCIA SOCIAL: Campinas, 1984.

*E Deus fez crescer: Jubileu de Prata da Convenção das Igrejas Batistas Independentes*. Campinas: Departamento de Imprensa da Convenção das Igrejas Batistas Independentes, 1977.

ENCICLOPÉDIA NORDISK FAMILJEBOK. Suécia: Edição de 1905.

FALCÃO, Nívea. *Apadrinhamento Brasileiro Comunica - ABC*. Boletim n. 14, Ano 4, 2º trimestre de 2005. Federação das Entidades e Projetos Assistenciais: Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Apadrinhamento Brasileiro Comunica - ABC*. Boletim n. 15, Ano 4, 3º trimestre de 2005. Federação das Entidades e Projetos Assistenciais: Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Apadrinhamento Brasileiro Comunica - ABC*. Boletim n. 16, Ano 5, 1º trimestre de 2006. Federação das Entidades e Projetos Assistenciais: Campinas, 2006.

F. FILHO, Almir de Oliveira. Quadro de atendimento das Instituições da Federação das Entidades e Projetos Assistenciais. In. CONGRESSO DE AÇÃO SOCIAL - Redes Sociais uma nova estratégia para o desenvolvimento. *Anais*. Araçariguama/SP, 2006.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Atividades: exercício de 2005*. FEPAS: Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Relatório Social do Centro Social Ebenezer*. FEPAS: Campinas, 2005.

FRANSSON, Frederik, *Carta à direção da Igreja da Aliança Sueca*, em 14 de dezembro de 1907.

JANSSON, Erik. *Correspondência a John Ongman Örebro/Suécia*. Vila Guarany/Rio Grande do Sul, 3 de janeiro de 1913.

\_\_\_\_\_. *Correspondência a John Ongman Örebro/Suécia*. Vila Guarany/Rio Grande do Sul, 26 de fevereiro de 1913.

\_\_\_\_\_. *Correspondência a John Ongman Örebro/Suécia*. Vila Guarany/Rio Grande do Sul, 26 de maio de 1913.

\_\_\_\_\_. *Correspondência a John Ongman Örebro/Suécia*. Vila Guarany/Rio Grande do Sul, 17 de junho de 1913.

\_\_\_\_\_. *Correspondência a John Ongman Örebro/Suécia*. Vila Guarany/Rio Grande do Sul, 16 de setembro de 1913.

JONSSON, Lars-Erik. A história da Missão de Örebro/Suécia. In. *História dos Batistas Independentes – apostilado*. Seminário Teológico Batista Independente: Campinas, 2003.

KÜHNRIICH, Günter. *Relatório de Atividades do Exercício de 1973*. SOCIEDADE BENEFICENTE EVANGÉLICA BETEL: Esteio, 1973.

MARIANO, Ana Fátima da Silva, SCHULZ, Neiliana Araújo Bezerra. Orientações gerais sobre alimentação. DEPARTAMENTO DE ASSISTENCIA SOCIAL: Campinas, 1984.

MEDEIROS, Philemon. *Projeto de Apadrinhamento Brasileiro: esclarecimento do seu funcionamento no contexto social e financeiro da entidade*. FEPAS: Campinas, 1998.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO: mestrado e doutorado. Universidade Metodista de São Paulo, 2004.

PROGRAMA TRANSPARÊNCIA. *Resultado de Programa de 2005 - Reconhecimento de Utilidade Pública*. Consultado em 15 jan. 2007. Disponível em [www.mj.gov.br/transparencia/Resultado\\_Programas/prog\\_014\\_link.htm](http://www.mj.gov.br/transparencia/Resultado_Programas/prog_014_link.htm).

RELATÓRIO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES “FLADÉLFIA” NO ESTADO DA BAHIA, 1965.

Responsabilidade Social. In: II ENCONTRO DE PLANEJAMENTO DA FEPAS. Campinas, 15 abr. 97.

RELATÓRIO DO APRADRINHAMENTO SUECO 2006. FEPAS: Campinas, 2006.

SCHULZ, Almiro. *Histórico*. Fepas: Campinas, 1998.

\_\_\_\_\_. *Dados para inclusão no Relatório da Presidência*. In: Carta enviada ao pastor José Lima, 31 de out. 97.

SCHULZ, Neiliana A. B. Orientações sobre creche. In: *Projeto Informação*. DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: Campinas, 1984.

SOCIEDADE MISSIONÁRIA BATISTA INDEPENDENTE. *Biografias de Missionários e Pastores*.

## OUTROS

CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL. *Balanço da filantropia no Brasil*. Disponível em [www.assistenciasocial.gov.br/iframe/cnas/cnas.htm](http://www.assistenciasocial.gov.br/iframe/cnas/cnas.htm). Acesso em: 10 mar. 2004.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL – promulgada em 5 de outubro de 1988. 17ª Ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

GUIA DE BOA CIDADANIA CORPORATIVA. Revista Exame edição especial. Ed. Abril, 2002.

*La política de Asdi para la sociedad civil.* EL DEPARTAMENTO DE COOPERACIÓN CON ORGANIZACIONES NO-GUBERNAMENTALES Y ASISTENCIA HUMANITARIA & MANEJO DE CONFLICTOS. Suécia, abril de 2004. Disponível em [www.asdi.org](http://www.asdi.org).

Lei Federal nº 7.853, de 24 de outubro de 1989. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/Ccivil\\_03/LEIS/L7853.htm](http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/LEIS/L7853.htm).

MANUAL DE FUNDOS PÚBLICOS 2003 - *controle social e acesso aos recursos públicos*. Série desenvolvimento institucional. São Paulo: ABONG, Peirópolis, 2003.

MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE A FOME. Disponível em [www.desenvolvimentosocial.gov.br](http://www.desenvolvimentosocial.gov.br).

RAMIL, Kleiton, RAMIL, Kledir. “*Roda de chimarrão*”. Álbum Millennium. Polygram, 1998, faixa n. 18.

REDE DE INFORMAÇÃO DO TERCEIRO SETOR – RITS. Disponível em [www.rits.org.br](http://www.rits.org.br).

## **ANEXOS**

Abaixo, relacionamos os anexos com o objetivo de fornecer alguns documentos para contribuir na fundamentação da pesquisa, e promover uma compreensão mais clara a respeito dos temas com os quais estão relacionados.

**ANEXO A** – CORRESPONDÊNCIA DE ANDERS G. ANDERSSON ENVIADA À  
TRIBUNA SUECA

**ANEXO B** – REGISTRO ESCOLAR DE JOHN ALBIN OLSSON

**ANEXO C** – CORRESPONDÊNCIA DO CENTRO ADMINISTRATIVO PARA O DAS

**ANEXO D** – FOLDER DO APADRINHAMENTO BRASILEIRO

**ANEXO E** – ORÇAMENTO PARA 1978

**ANEXO F** – MISSÃO DA FEPAS

**ANEXO G** – DISTRIBUIÇÃO DAS INSTITUIÇÕES NO TERRITÓRIO NACIONAL

**ANEXO H** – FOLDER DO APADRINHAMENTO SUECO

**ANEXO A****CORRESPONDÊNCIA DE ANDERS G. ANDERSSON ENVIADA À TRIBUNA SUECA**

*Muitos suecos querem saber se vocês aí em Örebro não podem enviar um missionário até nós. Não temos líder que fala o Evangelho. Quando viemos para cá há 19 anos, muitos eram crentes, mas agora não são mais nada. Por isso, as crianças são criadas em trevas e paganismo. Cremos que, se alguém viesse até aqui e começasse um trabalho espiritual, o Senhor despertaria seu povo novamente. Vemos nos jornal que vocês enviam missionários para lugares muito mais selvagens do que o Brasil, como a Índia e a África. Queridos amigos, quando pensarem em enviar testemunhas do Evangelho, não esqueçam do Brasil. Vamos recebê-los e fazer tudo o que pudermos por eles. Não é muito arriscado viajar para cá. O clima é bom. Não há pestes ou animais perigosos. Por isso, cremos que se alguém quiser vir para cá trabalhar para o Senhor, se sentirá muito bem entre nós. Há três anos, no mês de dezembro, recebemos a visita do missionário Fransson, cuja morte vimos noticiada pouco depois neste jornal. Ele gostou muito deste lugar e disse que mandaria um pregador para cá. Ele nos prometeu que escreveria sobre o assunto, mas a morte interveio. Se Fransson tivesse ficado vivo, creio que teríamos um mensageiro do Evangelho aqui agora.*

Anders Gustav Andersson

**ANEXO B****REGISTRO ESCOLAR DE JOHN ALBIN OLSSON****CLASSIFICAÇÃO Nr. 3**

John Albin Olsson

|  |                     |
|--|---------------------|
| Leitura  | aprovado            |
| Escrita  | aprovado com louvor |
| Matemática<br>(as quatro operações de cálculo, primário) | aprovado com louvor |
| Canto  | aprovado            |
| Ginástica  | aprovado com louvor |
| Cálculo mental   | aprovado com louvor |

Durante o tempo escolar tem mostrado um trabalho notável e uma conduta muito boa. Isto se comunica através destas notas.


Henrik Ollson

Professor

Colônia Guarany, 25 de abril de 1898.

## ANEXO C

## CORRESPONDÊNCIA DO CENTRO ADMINISTRATIVO PARA DAS



IGREJAS  
ESCOLAS  
ORFANATOS  
ASILO  
LIVRARIA  
SEMINÁRIO  
LITERATURA

## CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES

C.G.C. 92.815.158/0001-38

**CENTRO ADMINISTRATIVO**  
CAIXA POSTAL 1316  
13.100 - CAMPINAS - SP  
FONE : (0192) 53-1346

Campinas, 12 de março de 1984


Ao  
Departamento de Assistência Social da CIBI  
A/C Otildes M. M. Duarte  
N e s t a

Recebemos o cronograma de envio de verbas da conta "Pão-para-Irmãos", em alocações semestrais e, através desta, queremos dar a nossa previsão de como pretendemos atender ao cronograma, desdobrando-o em remessas trimestrais.

Esse desdobramento encaixa-se melhor com o esquema de remessas provenientes da Suécia e também ajuda-nos a controlar melhor o nosso fluxo de caixa.

Antes de apresentar o nosso quadro, um esclarecimento: o item "Projeto Saúde - Benjamin Constant" destina-se a cobrir a permanência da Dra. Lídia Silva durante o ano e à ida da Srta. Elzita dos Reis Fernandes a partir de julho. Pois bem, admitindo-se o cálculo de 5 salários para Dra. Lídia e de 3 para Srta. Elzita, levando-se em conta, ainda, os reajustes salariais em maio e novembro (aprox. 70% em maio e mais 50% em novembro), a verba necessária é um pouco maior que a prevista no quadro apresentado pelo D.A.S. Tomamos a liberdade de alterar esse item, como os irmãos verão a seguir.

| Obra                                | Em 1.000 cruzeiros |               |               |               | Total         |
|-------------------------------------|--------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
|                                     | 1º Trm             | 2º Trm        | 3º Trm        | 4º Trm        |               |
| Soc.Benef.Paulo de Tarso-N.Hamburg. | 1.000              | -             | 2.000         | -             | 3.000 ✓       |
| Soc.Ben.Ev.Betel - Esteio           | -                  | 2.000         | 2.000         | 2.000         | 6.000 ✓       |
| Centro Soc.Ebenezer - Bayeux        | 500                | 500           | 500           | -             | 1.500 ✓       |
| Barco Boas Novas - Guaratuba        | 400                | -             | 300           | 300           | 1.000 ✓       |
| Lar de Meninas Bom Sam.Cachoeirinha | -                  | 700           | 600           | 700           | 2.000 ✓       |
| Soc.Ben.Bom Samaritano-Xanxerê      | -                  | -             | 400           | 600           | 1.000 ✓       |
| Ass.Benf.Betel-Campina Grande       | -                  | 1.500         | -             | -             | 1.500 ✓       |
| Projeto-Saude - Benj.Constant       | 900                | 1.300         | 2.400         | 4.300         | 8.900 ✓       |
| Funcionamento C.Comunit.B.Const.    | -                  | 1.000         | 1.500         | 2.500         | 5.000 ✓       |
| Lar Fem.Filadélfia-Jundiaí          | 500                | 500           | 500           | 500           | 2.000 ✓       |
| Lar Ev.Betel - Pelotas              | -                  | 400           | 300           | 300           | 1.000 ✓       |
| Proj. Vila Georgina-Campinas        | 1.000              | 1.000         | -             | -             | 2.000 ✓       |
| Plano de Ação D.A.S.                | 1.250              | 1.250         | -             | -             | 2.500 ✓       |
| Previsão Proj.Comunitários          | -                  | -             | 2.000         | 5.445         | 7.445 ✓       |
| <b>Totais:</b>                      | <b>5.550</b>       | <b>10.150</b> | <b>12.500</b> | <b>16.645</b> | <b>44.845</b> |

... 



IGREJAS  
ESCOLAS  
ORFANATOS  
ASILO  
LIVRARIA  
SEMINÁRIO  
LITERATURA

## CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS INDEPENDENTES

C.G.C. 92.815.158/0001-38

### CENTRO ADMINISTRATIVO


CAIXA POSTAL 1316  
13.100 - CAMPINAS - SP  
FONE: (0192) 53-1346

Fls.2

A alteração do valor para o item "Benjamin Constant", forçou um remanejamento em outras verbas. Evidentemente, não temos autoridade para tanto, pois o D.A.S. é quem deve tomar iniciativa nesse sentido. O quadro, todo, portanto, é uma simples sugestão nossa, dependendo de um pronunciamento dos irmãos. A verba que reajustamos para fechar os totais foi a "Previsão p/Projetos Comunitários".

Sendo o que se nos oferece no momento, firmamo-nos, em Cristo:

CONVENÇÃO DAS IGREJAS BATISTAS  
INDEPENDENTES

  
PR. EVERALDO DE OLIVEIRA  
D. Administrativo

## ANEXO D

## FOLDER DO APADRINHAMENTO BRASILEIRO

**Uma Nova História  
na Vida de  
muitas Crianças**

Toda história tem começo, meio e fim.  
Não é novidade pra ninguém a maneira como vive parte das crianças brasileiras: fome, miséria, abandono, injustiça social... Enfim, basta sair às ruas ou acompanhar os noticiários que a realidade vem à tona.  
Esta é uma das razões que levou a FEPAS - Federação das Entidades e Projetos Sociais da CIBI, a desenvolver o Projeto de Apadrinhamento Brasileiro. Abra e conheça.

**Apadrinhamento Brasileiro**

Federação das Entidades e Projetos  
Assistenciais da Cibi  
Rua José Luis do Rego, 65 - Parque Taquaral - Campinas - SP  
Cep. 13080-221  
tel.: (19) 3296.1560  
www.fepas.org.br  
apadrinhamento@fepas.org.br  
Banco Bradesco - Conta Corrente 340.681-4  
Agência 46-9

**o Amor que faz  
a Diferença**

**Venha participar**

## O que é o Apadrinhamento Brasileiro?

É um programa social que conta com a participação de voluntários na manutenção de diversas entidades assistenciais localizadas em várias regiões do Brasil. Um grande número de crianças carentes são beneficiadas com o atendimento nessas instituições. Através da participação dos padrinhos e madrinhas, o Projeto de Apadrinhamento Brasileiro ajuda a mudar a história da vida delas.



## O que o Apadrinhamento oferece às crianças?

- Alimentação sadia e balanceada
- Lazer
- Iniciação à profissão
- Inclusão social
- Educação/reforço escolar
- Assistência médica
- E muito, muito amor e carinho!!!

Na história de muitas crianças brasileiras essas palavras não existem. Como pode uma história sem isso ter um final feliz?

## Venha participar para mudar nosso Brasil!

Há muito por fazer. A cada dia surgem novas vidas e novas histórias. Esteja na parte mais doce da história de muitas crianças que, através de sua participação com uma contribuição financeira mensal, e com o nosso trabalho, certamente terão uma história com um final feliz! Entre em contato conosco e lhe daremos as informações necessárias para você começar a enviar sua contribuição.



click

## ANEXO E

## ORÇAMENTO PARA 1978

3.

de subvenção recebidos, ao mesmo tempo em que formulava a -  
previsão global de receitas para o exercício vindouro. Após-  
exaustivo trabalho, foi aprovado o seguinte

ORÇAMENTO PARA 19781. APLICAÇÕES

|                                   |                |                  |
|-----------------------------------|----------------|------------------|
| <u>OBRA DE EVANGELIZAÇÃO</u>      |                |                  |
| Sustento de Obreiros              | 1.100.000      |                  |
| Evangelistas pioneiros-CIBI       | 200.000        |                  |
| Aquisições e construções          | 200.000        |                  |
| Subvenção Deptº de RADIO          | 50.000         |                  |
| Subvenção Deptº de IMPRENSA       | 35.000         |                  |
| Subv. Deptº de ESCOLAS DOMINICAIS | 30.000         |                  |
| Subvenção Deptº de MOCIDADE       | <u>150.000</u> | 1.765.000        |
| <br>                              |                |                  |
| <u>OBRA DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA</u> |                |                  |
| Seminário Teológico               | <u>155.000</u> | 155.000          |
| <br>                              |                |                  |
| <u>OBRA SOCIAL</u>                |                |                  |
| Orfanato em Pelotas               | 100.000        |                  |
| Lar e Asilo em ESTEIO             | 60.000         |                  |
| Orfanato em SAMBURÁ               | 300.000        |                  |
| Orfanato em CACHOEIRINHA          | 100.000        |                  |
| Orfanato em JUNDIAÍ               | <u>100.000</u> | <u>660.000</u>   |
|                                   |                | <u>2.580.000</u> |

2. RECEITA

|   |                  |                  |
|---|------------------|------------------|
| <u>COOPERAÇÃO DAS IGREJAS NO BRASIL</u> |                  |                  |
| Dízimos das Igrejas                     | 250.000          |                  |
| Oferta especial de Missões              | 300.000          |                  |
| Cotas missionárias                      | 150.000          |                  |
| Ofertas particulares                    | 100.000          |                  |
| Ofertas de cultos                       | 30.000           |                  |
| Ofertas de departamentos                | <u>70.000</u>    | 900.000          |
| <br>                                    |                  |                  |
| SUBVENÇÃO ESPERADA DE ÖREBROMISSIONEN   | <u>1.680.000</u> | <u>1.680.000</u> |
|   |                  | <u>2.580.000</u> |

Unidade : Cruzeiros

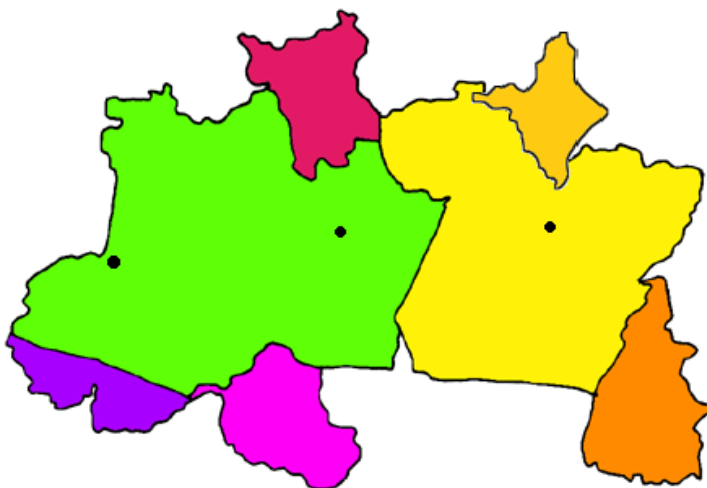
## **ANEXO F**

### **MISSÃO DA FEPAS**

**A FEPAS tem como missão a promoção humana, a assistência e o bem estar social, contribuindo para a prevenção e solução de problemas sociais, sem distinção de nacionalidade, condição social, raça ou credo político religioso. Visa e se identifica com a luta pela construção da cidadania e dignidade, como um direito de todos.**

**A visão e execução de sua missão se afirmam e se fundamentam em princípios cristãos e humanísticos.**

- **O princípio de justiça, equidade e solidariedade como forma do relacionamento entre as pessoas.**
- **Recursos, poder e saber (economia, política, ciência) para bem de todos.**
- **A potencialidade humana para a autonomia e sua emancipação.**
- **A compaixão e o amor de Deus Revelado, pelo resgate e libertação integral do homem.**
- **Manifestação e realização da espiritualidade na dimensão do outro e em especial, em relação ao sofrido.**
- **A denúncia e o anúncio integrados entre teoria e prática, como atitude profética.**

**ANEXO G****DISTRIBUIÇÃO DAS INSTITUIÇÕES NO TERRITÓRIO NACIONAL****REGIÃO NORTE**

01 - Centro Social Batista Independente - Benjamin Constant, AM.

02 - Centro Educacional Batista Independente - Altamira, PA.

03 - Centro Educacional Cordeirinhos - Manaus, AM.

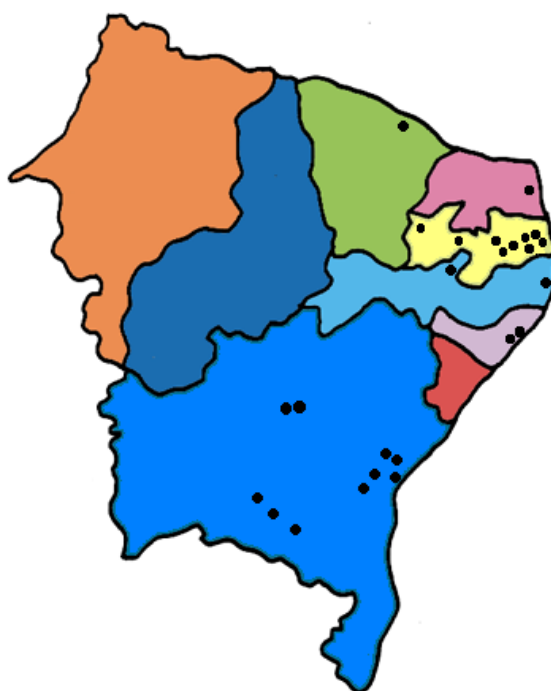
**REGIÃO CENTRO OESTE**



04 - Associação Beneficente Batista Independente - Creche Raio de Sol Ceilândia, DF.

05 - Projeto Apoio Escolar - Goiânia, GO.

### REGIÃO NORDESTE

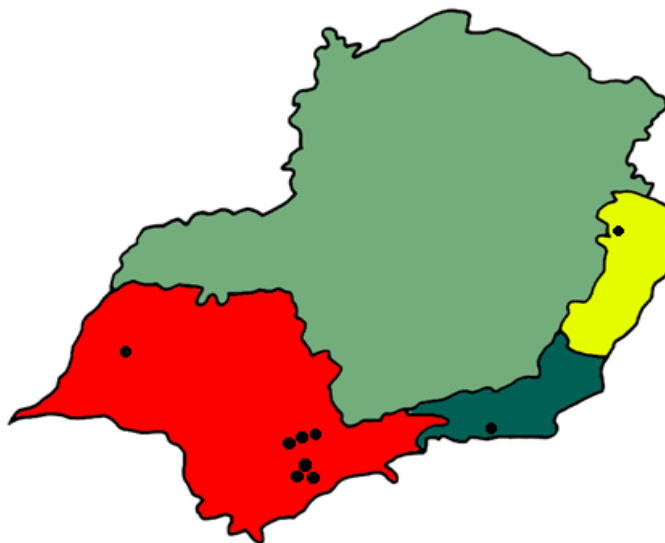


06 - Centro Social Filadélfia - Fortaleza, CE.

07 - Centro Social Bom Samaritano - Natal, RN.

- 08 - Centro Social Ebenézer - Bayeux, PB.
- 09 - Centro Social Rosa de Sarom - Bayeux, PB.
- 10 - Centro Social Canãa - Bayeux, PB.
- 11 - Centro Social Getsêmani - Santa Rita, PB.
- 12 - Sociedade Beneficente Betel - Núcleo Betel - Campina Grande, PB.
- 13 - Projeto Berseba - Juarez Távora, PB.
- 14 - Granja Betel - Lagoa Nova, PB.
- 15 - Centro Social Evangélico Débora - Cajazeiras, PB.
- 16 - Centro Social Evangélico Dorcas - Patos, PB.
- 17 - Centro Social Evangélico Noemí - São José do Egito, PE.
- 18 - Sociedade Beneficente Betel - Jaboatão dos Guararapes, PE.
- 19 - Centro Social Batista Independente - Maceió, AL.
- 20 - Centro Social Batista Independente - Satuba, AL.
- 21 - Sociedade Beneficente Filadélfia - Feira de Santana, BA.
- 22 - Centro Comunitário Batista Independente - Feira de Santana, BA.
- 23 - Associação Beneficente da 1ª Igreja Batista Independente - São Félix, BA.
- 24 - Centro de Ação Social e Desenvolvimento Comunitário - Cachoeira, BA.
- 25 - Projeto de Desenvolvimento Comunitário - Cafarnaum e Molungú do Morro, BA.
- 26 - Escola Agrícola Comunitária - Cafarnaum, BA.
- 27 - Centro Social Filadélfia- Vitória da Conquista, BA.
- 28 - Associação Beneficente Batista Independente - Aracatu, BA.
- 29 - Projeto Alfabetização de Adultos - Caitité, BA.
- 30 - Associação Batista Independente Calvário - Cruz das Almas, BA.

## **REGIÃO SUDESTE**



31 - Associação o Bom Samaritano - Barra de São Francisco, ES.

32 - Associação Beneficente Luiza Rosa de Oliveira - Nilópolis, RJ.

33 - Associação Beneficente Filadélfia - Patriarca, SP.

34 - Associação Shalom - Birigui, SP.

35 - Associação Beneficente Salém - Campinas, SP.

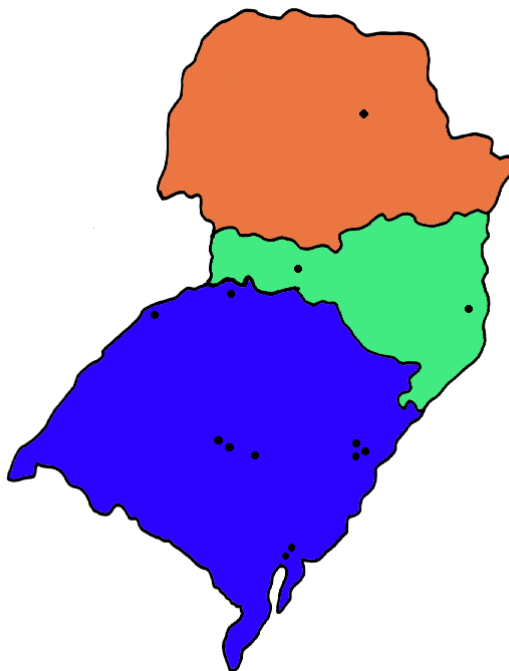
36 - Lar Feminino Filadélfia - Jundiaí, SP.

37 - Associação Beneficente Batista Independente - Francisco Morato, SP.

38 - Posto de Saúde - Franco da Rocha, SP.

39 - Associação Beneficente Direito de Ser - Campinas, SP.

## REGIÃO SUL



- 40 - Departamento de Assistência Social da Igreja Batista Independente Betel - Telêmaco Borba, PR.
- 41 - Sociedade Beneficente Bom Samaritano - Xanxerê, SC.
- 42 - Sociedade Beneficente Arnold Hadlich - Blumenau, RS.
- 43 - Sociedade Beneficente Evangélica - Frederico Westphalen, RS.
- 44 - Associação de Vacas Leiteiras - Novo Machado, RS.
- 45 - Sociedade Beneficente União da Boa Vontade - Cachoeira do Sul, RS.
- 46 - Escola Paulo de Tarso - Santa Maria, RS.
- 47 - Sociedade Beneficente Batista Independente - Santa Cruz do Sul, RS.
- 48 - Sociedade Beneficente Paulo de Tarso - Novo Hamburgo, RS.
- 49 - Sociedade Beneficente Evangélica Betel - Esteio, RS.
- 50 - Associação Beneficente "o Bom Samaritano" - Cachoeirinha, RS.
- 51 - Centro Social e Cultural Evangélico Betel - Pelotas, RS.
- 52 - Centro Social Filadélfia - Pelotas, RS.

FONTE: Federação das Entidades e Projetos Assistenciais.

## **ANEXO H**

### **FOLDER DO APADRINHAMENTO SUECO**

# Brasilien

Cachoeira



September 2006

Vi vill berätta lite om hur vi har haft det under vårterminen. Som ni vet brukar vi fira olika dagar under året med speciella aktiviteter.

I april var det **Barnbokens dag**. Alla elever fick skriva sina egna böcker och berätta om sina liv från det de föddes och fram till nu. De fick fråga föräldrarna till råds för att få med alla speciellt viktiga händelser. Det blev mycket intressant läsning.

I maj infaller **Mors Dag**. Till den dagen lät vi barnen tillverka presenter till mor: några gjorde en vacker ros med konfekt inuti. Andra ritade och målade fina tavlor, som deras mammor med stolthet kunde sätta upp på väggen hemma.

**Miljöns Dag** inträffar i juni. Då var det livliga diskussioner om hur man bäst ska vara rädd om miljön och vad man kan göra för att skydda den.

Ett av våra största glädjeämnen under våren var att **Mateus** kom till vår skola, när hans familj flyttade hit från en annan stat. Han är 7 år och när han kom, kunde han inte ens alfabetet, men med gott stöd av sin lärare Débora, så ser vi nu att det har gått så bra för honom: Nu kan han inte bara bokstäverna i alfabetet, han kan redan läsa korta texter.

Så arbetar vi vidare och är oerhört tacksamma för allt stöd vi får från er. Varma hälsningar från alla barnen och oss som jobbar här.

*Pastor Jair Gonçalves*

Föreståndare

